REVISTA DA SEMANA

N. 17 29-4-50 Cr$ 5,00 em todo o Brasil

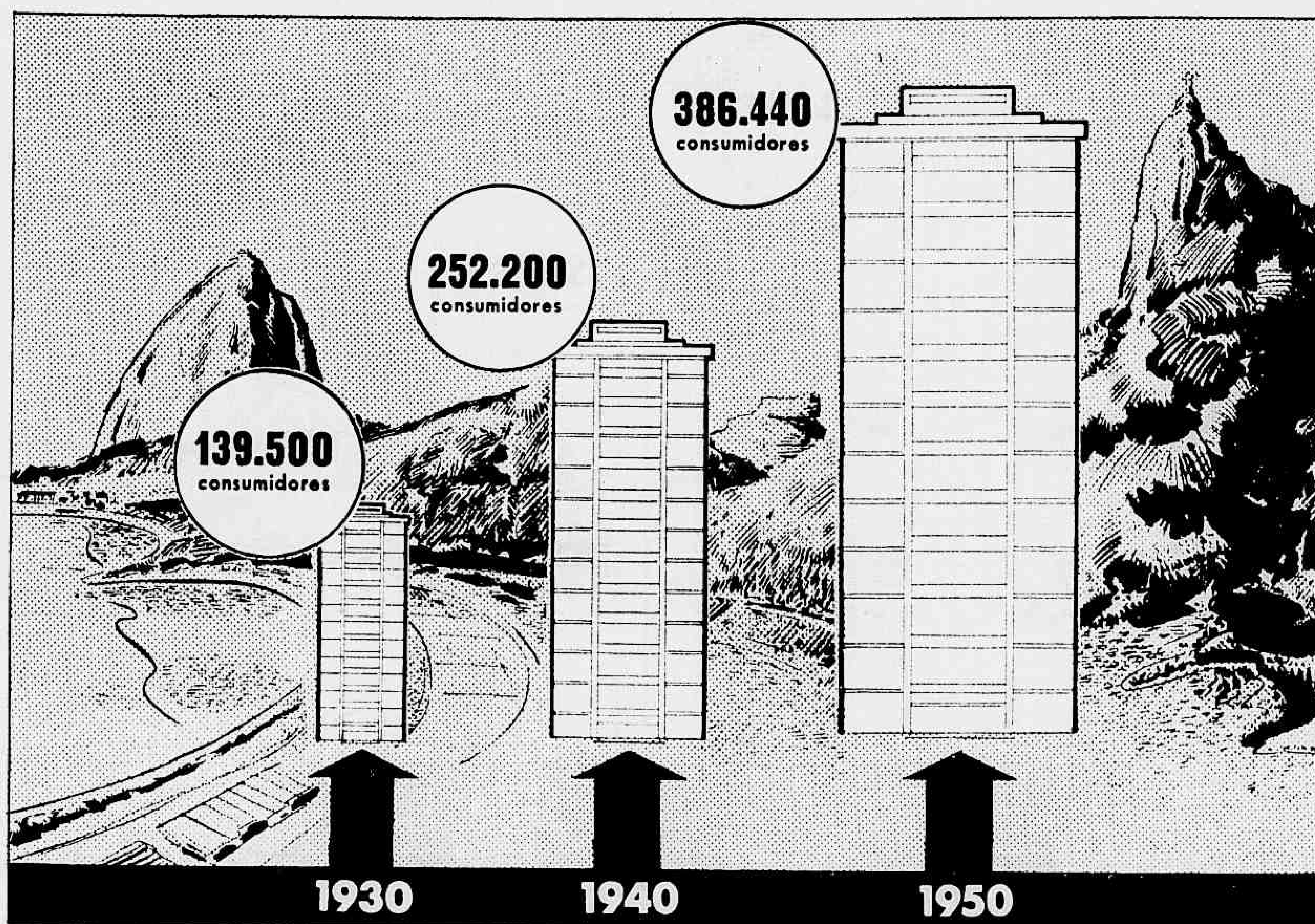




NO TEXTO:

PARAQUEDISTAS
PASSAROS DE FOGO

O CONSIDERAVEL AUMENTO DO CONSUMO DE ELETRICIDADE EM 20 ANOS



O PROGRESSO VERTIGINOSO DO *Rio de Janeiro*

De 1930 a 1950 o Rio de Janeiro cresceu vertiginosamente. Centenas de novas construções ergueram-se sob os céus cariocas, enquanto seu parque industrial teve idêntico desenvolvimento. Esse progresso, como era de esperar, ocasionou um grande aumento no consumo de eletricidade.

Já, então, prevendo a necessidade de aumentar o fornecimento de energia elétrica para a Capital da República, a Light, no decorrer destes últimos anos, levou a efeito a instalação de 4 grupos geradores em suas Usinas com uma capacidade total de 194.000 cavalos. Planejou e iniciou as gigantescas obras em Santa Cecilia, para desviar parte das águas do rio Paraiba elevando-as num total de 45 metros de altura por meio de bombas e conduzindo-as através de túneis e canais numa extensão de 25 kms., aproximadamente, para a Usina de Fontes.

Essas obras, em virtude das operações financeiras, estiveram paralisadas e a prolongada estiagem verificada no ano passado, a qual ocasionou a queda do nível das águas armazenadas em Lajes, ameaçou uma séria crise na produção de eletricidade para esta Capital. Agora, as obras prosseguem num ritmo acelerado, embora o reservatório ainda esteja desfalcado de, aproximadamente, 50% da sua capacidade, e, assim, para evitar que a situação se agrave, é preciso que todos economizem eletricidade, obedecendo as disposições do racionamento e gastando, se possivel, menos do que a quota que lhes foi atribuida.



ECONOMIZAR ELETRICIDADE AGORA É COOPERAR PARA O PROGRESSO DA CIDADE NO FUTURO

Salve! 19 de Abril!

DE todos os quadrantes do País o povo se congrega em festa para celebrar uma grande data nacional, genuinamente brasileira: o 19 de abril. Que significa êsse dia? Todo o resumo de nossa vida como nação. Quando se comemorou o jubileu literário de Rui, disse o orador da solenidade: "É coisa rara que todo um povo se reúna para glorificar uma vida". Mas nós hoje ampliamos o conceito e o desdobramos: — é coisa ainda mais rara que todo um continente se agite para celebrar a data aniversária de uma personagem brasileira.

Tôda a América do Sul une os seus corações ao do povo do país das palmeiras heráldicas, florações tropicais acenando aos povos amigos, convite às naçõesções irmãs desde que aqui aportaram as caravelas de Cabral, trazendo nos mastaréus ponteagudos as esperanças do nosso futuro.

Dezenove de abril nos enche de emoções e nos ilumina o caminho do dever com as fulguâncias de constelações, de luzeiros da verdade.

Por êsse evento há sessões solenes nas Academias de Letras, manifestações em teatros, conferências em clubes e associações literárias; palestras culturais e científicas em institutos de ensino e no Ministério da Educação; há passeatas de estudantes, "Te-Deuns" nos templos, saraus em palacetes opulentos e serenatas bucólicas em bairros proletários e distantes.

Nos "terreiros" enfeitados brilham as velas e retinem os maracás. E' todo o Brasil, bárbaro e civilizado, que se congrega em tôrno de uma data: 19 de abril. Vibra o povo. Data querida e inesquecível da nacionalidade, das margens do Chuí às altiplanuras das Guianas, das barrancas agrestes do Cabo Branco às savanas do oeste matogrossense.

Pescadores, operários, plumitivos, abastados e plebeus, homens, mulheres e crianças, todo mundo aplaude a personagem que recorda nossas lutas por um Brasil melhor, emancipado e digno, capaz de despertar inveja aos povos mais adiantados do mundo.

Quem é essa personagem que tantas honras merece? Qual o seu nome? Onde está?

Haverá ainda no Brasil uma criatura dessas? Não será sonho, devaneio, ficção, velhacaria? Evidentemente não, leitor amigo. O 19 de abril significa para todos nós que lutamos pela vida que amamos o Brasil, que lhe conhecemos a história, que recordamos com lágrimas nos olhos os heroísmos dos seus colonizadores, dos seus sacerdotes, dos Aimbirés, de Poti, de Araken, de Araribóia, do drama de Iperoig, — uma das datas culminantes da nacionalidade, êsse glorioso dia de aniversário de quem jamais esqueceremos e a quem tudo devemos.

E' o homenageado uma personagem inconfundível, de estatura mediana, tez bronzeada pelo sol dos trópicos, cavaleiro e andarilho, comodista e capaz de dormir ao relento; aprecia o chimarrão e bebe com prazer o açaí, adora os quitutes baianos e o caju com cauim do Ceará; amante do torrão natal, já deu provas, e as dará sempre, de que está sua vida permanentemente ao serviço da Pátria. Esta entidade querida dos brasileiros e admirada por todos os países do continente faz anos na data memorável de 19 de abril.

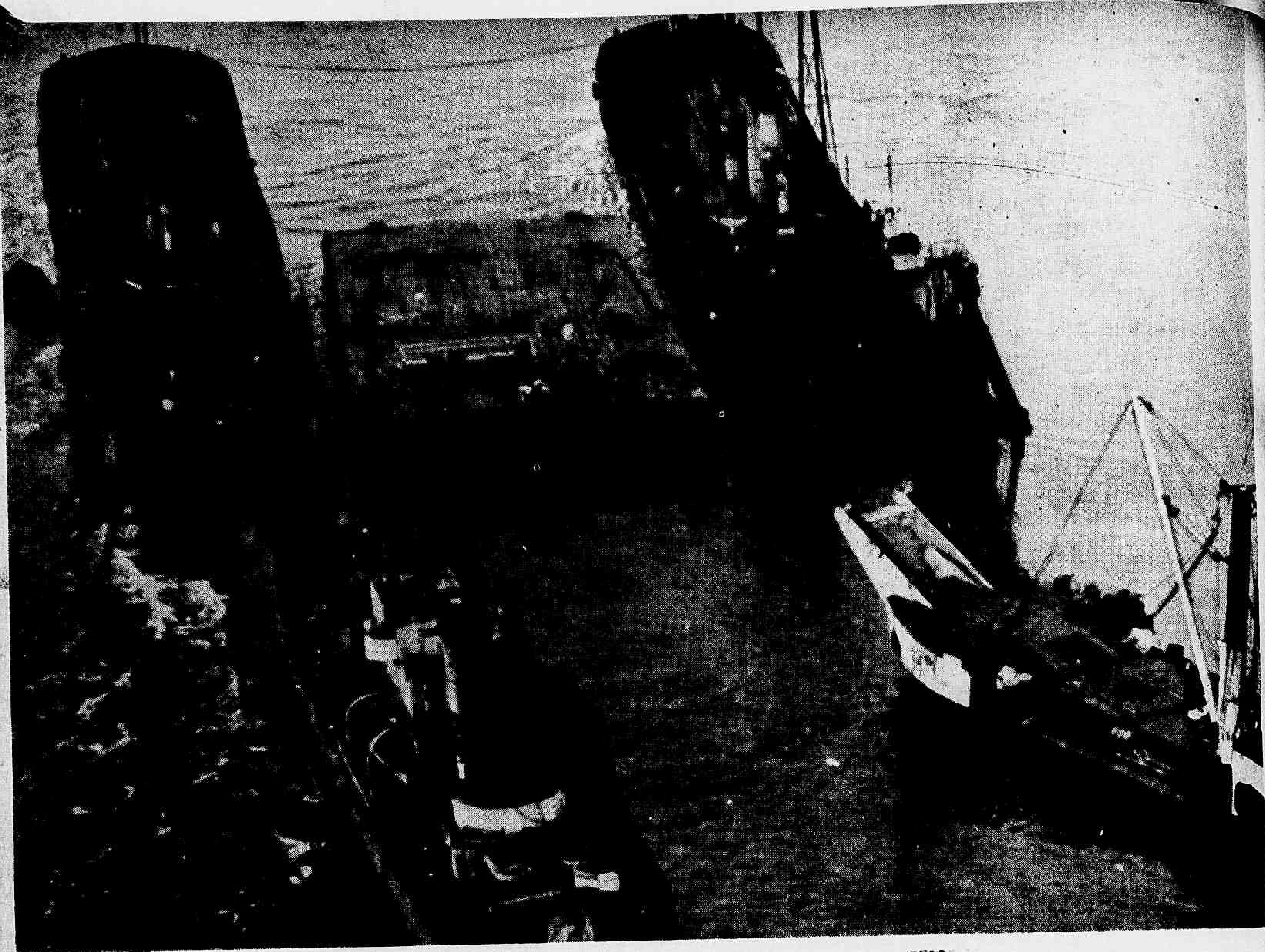
Por êsse motivo tôda a nação se embandeira em arco e canta as glórias eternas dessa criatura imortal. Dezenove de abril nos embriaga de entusiasmo e patriotismo, doura-nos os horizontes e se ergue acima de nossas cabeças como a bandeira da fraternidade nacional; é escudo contra ameaças estranhas, é o canto guerreiro das inúbias o tacape indestrutível de nossa soberania.

Desde os mais famosos biógrafos aos mais humildes escritores e jornalistas, êsse nume tutelar do Brasil tem sido objeto de ditirambos e éclogas, de cânticos e hinos, de saudações e esperanças, de poemas e romances.

Mas ainda é muito pouco. Sua história nos diz que êle merece muito mais. Probo, valente, amigo dos amigos, coração imenso e generoso, perspicaz e altivo, bravo na guerra e misericordioso na paz, sempre honrou o Brasil quando o estrangeiro nos procurava, ao mesmo tempo que o repeliu com dignidade quando se via traído e menosprezado.

Salve, 19 de abril! Dia do Índio...

RENATO DE ALENCAR



Dez navios tomaram parte na recuperação do «Truculent». Nesta vista aérea vemos o «Ausdauer» e o «Energie», ex-navios alemães, e os possantes guindastes que realizaram a façanha

O EPÍLOGO DO "TRUCULENT"

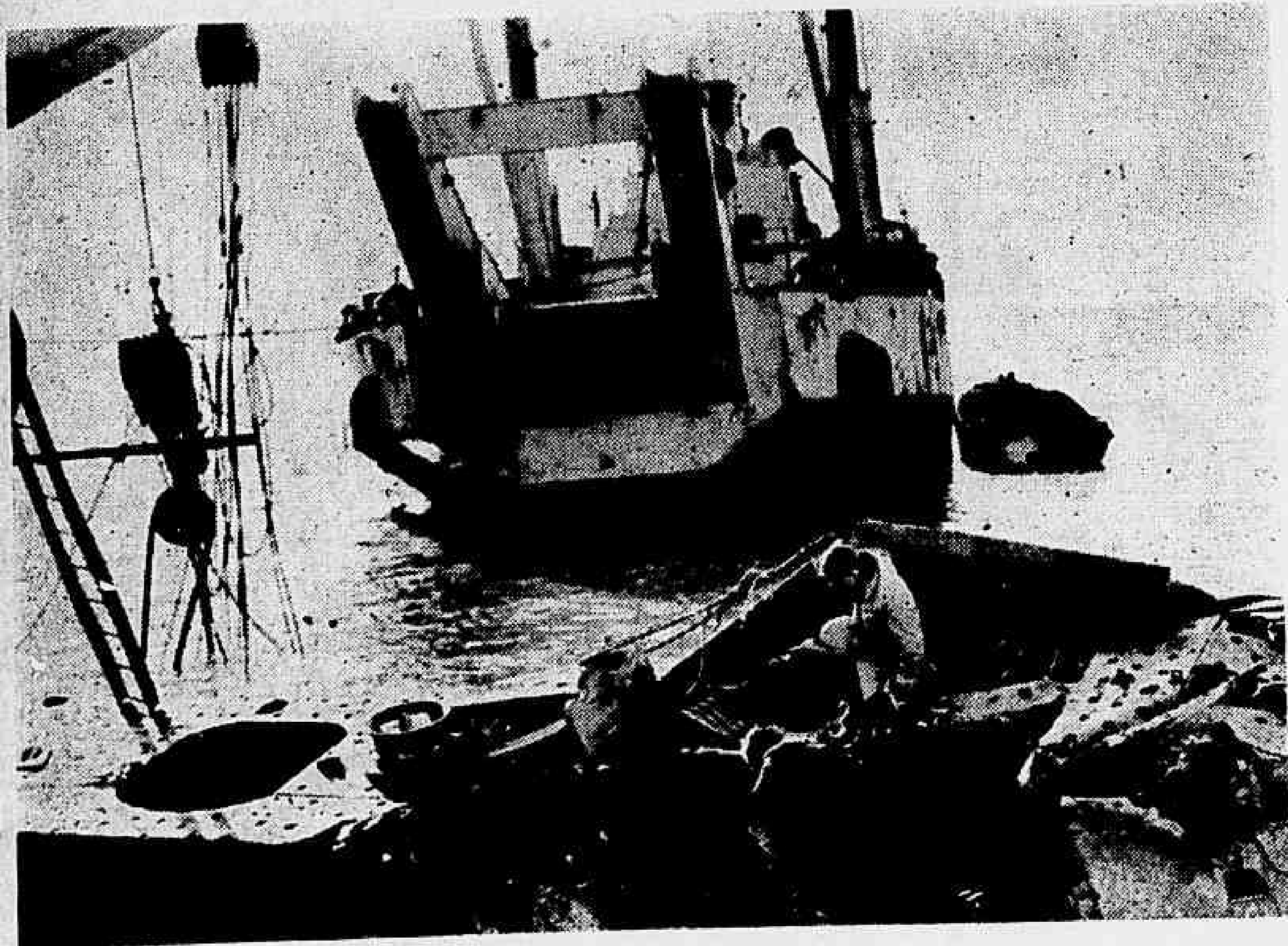
LONDRES — A presente reportagem tornou-se possível devido as inúmeras facilidades concedidas pelos responsáveis da seção de imprensa, credenciada em assuntos ligados à Marinha inglêsa. Nossos sinceros agradecimentos aos que colaboraram a fim de que nossa missão fôsse coroada de êxito. A recuperação do submarino «Truculent» enaltece a capacidade dos técnicos inglêses perante o mundo civilizado.

★

Os grandes serviços prestados pelo "Truculent" durante a guerra ★ O afundamento com 74 homens em seu bojo ★ Coragem e disciplina a bordo do submarino afundado ★ Cêrca de 50 homens morrem afogados carregados pelas correntes do Canal da Mancha ★ O içamento da carcassa do "Truculent", notável feito da Marinha inglêsa

LUIZ CANAZIO

O submarino «Truculent» foi lançado ao mar em 1941, quando a guerra ia em seu apogeu. Grandes serviços prestou à causa aliada, fôsse no acompanhamento de comboios à Rússia, como também sua atuação em águas do longinquo Oriente. Certa ocasião foi localizado pelos japonêses, que arremessaram cêrca de 20 bombas de profundidade a fim de destruí-lo, porém apenas 3 conseguiram causar-lhe pequenos danos. O destino é irônico e traiçoeiro. Depois de passar por tão grandes perigos, foi o «Truculent» mortalmente ferido por um inofensivo cargueiro sueco que o abalroou. Em menos de dez segundos a valente unidade naval pousava nas águas lodosas do estuário do rio Tamisa, a dezoito metros de profundidade, encerrando em seu fatídico bojo cêrca de 74 homens. Isto aconteceu no dia 12 de janeiro do ano corrente. Eram dezenove horas, quando o submarino em exercício de rotina, preparava-se para navegar em plena superfície. Estavam em sua tôrre de comando, o comandante C. P. Bowers e quatro oficiais, quando inesperadamente o navio



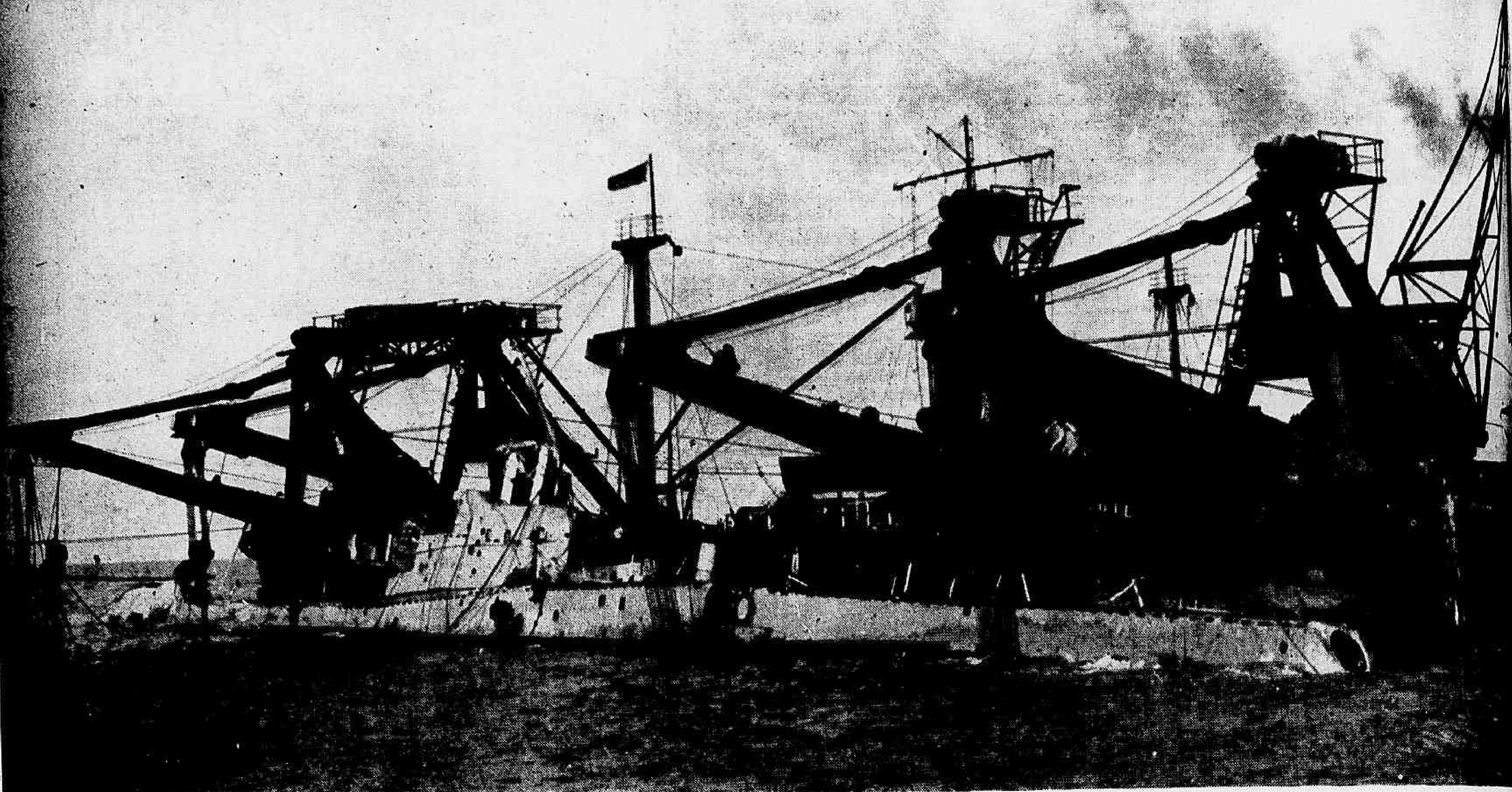
Detalhe do «serviço» feito pela proa do navio sueco «Divina», no submarino «Truculent»



Técnicos inglêses examinam os destroços do rombo sofrido. Esse foi o golpe de morte



OS DOIS NAVIOS-GUINDASTE LEVANTAM POUCO A POUCO O "TRUCULENT". A TÔRRE DO SUBMARINO JÁ ESTÁ À MOSTRA APÓS 1 HORA E 45 MINUTOS DE TRABALHO



Vista do submarino levantado e prêso pelos cabos de aço. As avarias foram maiores do que se esperava. O «Truculent» será desmantelado, aproveitando-se as partes mais importantes

sueco «Divina», o colheu pela parte dianteira, produzindo um enorme rombo, facilitando a entrada de grandes quantidades de água, que o obrigou à conseqüente submersão. Os cinco homens que estavam em sua parte externa foram lançados à água. Enquanto isto sucedia, o comandante do «Divina», estava na suposição de que seu navio colidira com uma pequena embarcação, o que impediu que providências de salvamento por parte das autoridades inglêsas fôssem tomadas mais ràpidamente.

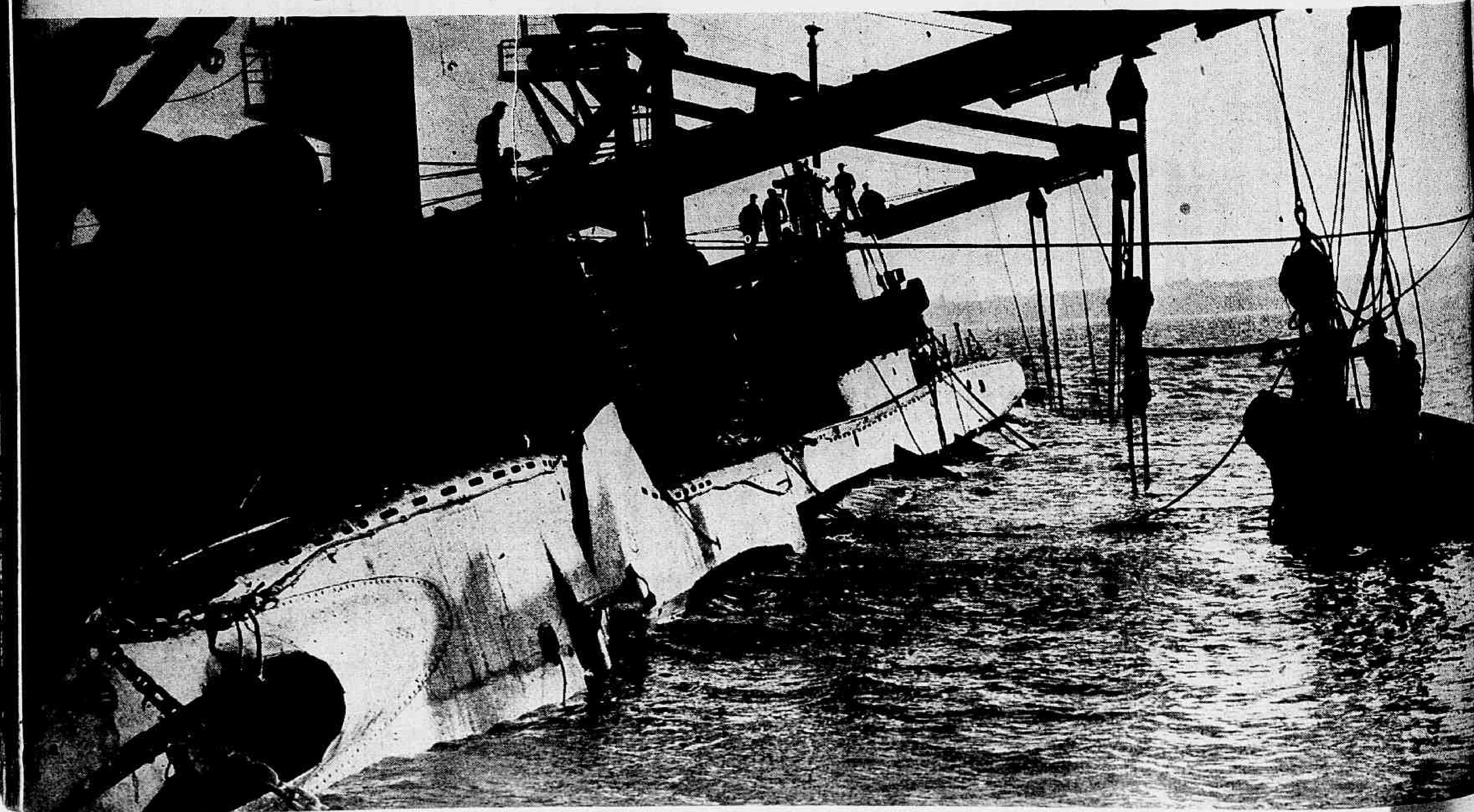
Sòmente 45 minutos após a colisão, o navio holandês «Almdik», que navegava nas imediações emitiu mensagens telegráficas à costa inglêsa, expondo que estavam sendo realizados serviços de salvamento de náufragos. Interessante que o comandante do navio holandês, sòmente se inteirou da seriedade do acontecido com a chegada do primeiro homem recolhido. Sòmente às 20.15, ou sejam, 75 minutos após o desastre, era a Marinha inglêsa cientificada da penosa realidade. Embarcações de todos os tipos dirigiram-se para o local. Naquela fatídica noite, tudo estava contra: invisibilidade, fortes correntes, mar agitado, atroso do aviso etc., etc..

Entrementes, alguns homens eram salvos pelo «Divina», o involuntário causador da tragédia. Enquanto as coisas iam correndo neste pé, vejamos o que se passava no interior do submarino.

Com a grande entrada de água, esta invadiu uma série de compartimentos, e sòmente foi possível fechar a comporta que limita a câmara de contrôle e casa de máquinas. Nesta última e na parte da ré, ficaram concentrados uns 60 homens. O oficial mais graduado galgou o comando, sendo correspondido pelos seus subalternos, com a máxima coragem e disciplina. Medidas urgentes foram tomadas, pois estando cortada a energia elétrica, proveniente das baterias (parte inundada), o sistema de purificação do ar não podia ser usado. Existiam apenas dois cilindros de oxigênio, o que possibilitaria a vida dentro do submarino, para um curto espaço de tempo. E o número de prisioneiros era bem grande para tão pouco oxigênio. O ruído produzido pelas hélices dos dois navios que agiam na superfície («Divina» e «Almdik»), também aconselhavam a imediata tentativa de saída pela seção de escape. Um problema surgiu, pois a quantidade de aparelhos de salvamento «Davis» era inferior ao número de homens. Não que o submarino estivesse desprovido neste particular, pois geralmente os aparelhos «Davis» se distribuem pelos diversos compartimentos dos submarinos, sempre em número maior que o da tripulação. Assim sendo, a distribuição dos aparelhos foi feita de acôrdo com a capacidade física de cada um. O inquérito levado a efeito, demonstrou que todos os tripulantes que estavam nas partes não inva-

(Cont. na pág. 49)

Após o levantamento foi rebocado para um barco de areia. Retirou-se tôda a água do interior, vedaram-se as entradas e um dique sêco acolheu o que foi um dos orgulhos de Albion



A SEMANA EM REVISTA

REVISTA DA SEMANA

Ano XLIX ★ Nº 17 ★ 29-4-50

COISAS DE EXU

No casebre do velho Amâncio, a sessão de candomblé iniciava seus ritos bárbaros. A assistência se compunha de gente simples, vinda dos pontos mais elevados e íngremes do morro de Ibatiara, ali pelo Engenho Novo. Tôdas as sextas-feiras, sábados e domingos o "pai de santo" se dirigia aos seus deuses africanos para a realização dos "despachos" sob a liturgia selvagem das mandingas que os nagôs nos trouxeram da África longínqua e martirizada. A casa estava repleta. Súbito todos se surpreenderam, entreolhandolse temerosos Um prêto ainda jovem, metido numa capa negra, acabava de entrar para o "terreiro" de "pai" Amâncio. De todos os olhos chispavam reflexos de pavor. A coisa não podia acabar bem. O recém-chegado não podia ser "persona grata" aos presentes e aos protetores da sessão. Êle chegou, olhou para todos os cantos, ameaçadoramente. Trazia à cintura um facão de larga fôlha, capaz de abater um elefante. O indesejável olhava cuidadosamente para cada um, como que a procurar alguém, quando aparecem mais dois perigosos visitantes.

Súbito, o primeiro começou a trocar insultos pesados com os dois últimos. E a luta começou com violência. Sôcos, tabefes, empurrões, quedas, móveis quebrados, gente a correr, mulheres a gritar, o sururu na sua mais clássica representação cinematográfica. Na manhã seguinte os jornais estampavam a notícia. Um morto, prêto, ainda jovem, apresentava ferimentos a faca e arma de fogo em várias partes do corpo. Quem era? "Zé da Ilha"... Quem o matou? Ninguém sabe, ninguém soube, ninguém saberá, disse uma velhinha do morro do Abatiara. Foi vingança de Exu...

AULAS DE TRÂNSITO

Segundo lemos numa revista norte-americana, entre a matéria ensinada nas escolas do país está o curso de trânsito nas grandes cidades. Saber andar nas ruas nas praças atravessar as vias públicas de grande movimento, eis um ensino que deveria ser também adotado em nossos colégios e escolas públicas. Muita gente morre, diàriamente, neste país, não apenas por culpa dos motoristas. Atropelamentos, mortes, acidentes de trânsito enfim, muitas vêzes têm sua origem na displicência, na ignorância do pedestre que ainda não aprendeu a andar no mesmo plano por onde transitam veículos a motor. Mulheres, crianças, homens cometem as maiores infrações, que, se não fôsse a habilidade dos motoristas, seriam esmagados ou feridos pelos veículos. Temos mesmo observado êste resultado: durante as semanas do trânsito, com aulas públicas, práticas, os níveis de acidentes passam a diminuir até que novamente voltam a acusar maior percentagem, devendo-se isso, inegàvelmente, ao descuido com que os pedestres passaram a encarar as travessias perigosas. Ora, como não é possível manter-se diàriamente, anos a fio, "semanas de trânsito", o que seria paradoxal, que se ministre nos estabelecimentos oficiais e particulares de ensino, à mocidade estudiosa, como se deve atravessar uma rua movimentada.

O atual diretor do trânsito criou uma inovação diante dos colégios e escolas: à saída dos respectivos alunos, um professor um inspetor ou um aluno mais responsável, passariam a dirigir o trânsito até que a estudantada passasse a zona perigosa. E' útil o lembrado e não é novidade no Brasil, pois que em Belo Horizonte há colégios que praticam o sistema.

DA VIDA PARA O PALCO

Está atraindo as atenções do povo de S. Paulo o caso da peça teatral "No fundo do poço", levada à ribalta no Teatro de Cultura Artística da capital bandeirante. Segundos críticos e pessoas que conhecem a tragédia que enlutou uma família daquela capital, o drama imaginado pela escritora Helena da Silveira nada mais é do que uma adaptação injuriosa à memória das vítimas da tragédia da rua de Santo Antônio, há ano e meio, mais ou menos. Surpreendendo a muita gente que foi ver a peça, os pontos de semelhança entre a tragédia na vida real e o drama de ficção levada ao palco, a curiosidade chegou até as pessoas da família enlutada e estas, depois de certificados de que houvera uma intenção dolosa de denegrir a memória dos mortos, constituíram advogado para processar a dramaturga. Coube essa tarefa ao dr. Escobar Ferraz, dos auditórios de S. Paulo. O advogado, depois de ver o desempenho da peça no palco não teve dúvida nenhuma: a autora aproveitara uma tragédia dolorosíssima em que perderam a vida uma senhora e sua filha, abatidas pelas mãos de um filho e irmão.

Mas que o assunto fôsse aproveitado para reproduzir no palco as notas trágicas de um drama que a própria vida executou, ainda se poderia admitir; mas que êsse mesmo drama fôsse convertido em tragédia, transformando as vítimas em personagens patológicas, desumanas, sensuais, histéricas, com tôdas as taras de gente sem escrúpulos, eis o motivo por que os membros da família prejudicada se revoltaram e estão promovendo judicialmente o processo-crime contra a escritora. O assunto está empolgando os meios sociais e artísticos de S. Paulo, e Deus permita que não se converta em propaganda extravagante...

PRÁTICA DE MENTIR

Êsse negócio de furtar e, em seguida, aparecer diante das autoridades com ares de que viu o ladrão, mas que, ameaçado pelo mesmo nada pôde fazer, requer muito arte, jeito e poder de simulação. Justamente pelo ignorar tudo isto foi que a doméstica de nome Líria, residente em Pôrto Alegre e empregada do sr. Érico de tal, depois de furtar-lhe dez mil cruzeiros, imaginou coisas...

Imaginar coisas é botar para um terceiro gatuno a culpa que tem o indivíduo que realizou a manigância e deseja ficar com o furto e deixar a polícia quebrar a cabeça na descoberta do verdadeiro ladrão. Êsse expediente, porém, exige dos meliantes a mais equilibrada e perfeita mentalidade em matéria de simulação e também de dissimulação.

Ora, que podia fazer a tal respeito a ingênua Líria, cujo nome, embora traindo a candura imaculada do lírio, fôsse da côr da asa da graúna ou do ralo caldo de feijão? Nada. Mas Líria é teimosa e quis bancar uma nova Mata Hari, capaz de espionar exércitos e conquistar embaixadores. Aproveitou uma distração do seu chefe e zás! — surripiou-lhe dez mil cruzeiros. Quando chegou a casa, o sr. Érico ouviu tôda a história da empregada: um ladrão robusto armado de revólver, cara de assassino, penetrou no lar do sr. Érico e, sob ameaça, a manteve inativa, sem poder gritar por socorro. Depois de dar busca em móveis e gavetas, encontrou a bolada: dez contos de réis! O furtado deu parte à polícia. A empregada contou o drama e começou a acrescentar coisas... Sua imaginação estava fértil e ela não percebia que a polícia estava procurando descobrir o criminoso pela mesma! E descobriu. Mas a ladra só restituiu 8.700 cruzeiros. Mil e trezentos já andavam por aí, nas lojas...

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJOS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 140.00
Seis meses	Cr$ 70.00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170.00
Seis meses	Cr$ 85.00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ...	Cr$ 270.00
Seis meses	Cr$ 140.00

O número avulsto custa Cr$ 3.00 em todo o Brasil: atrasado, Cr$ 3.50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel 32 avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A PERSONAGEM DA SEMANA

Brigadeiro Eduardo Gomes

O panorama político do Brasil em face da sucessão presidencial havia chegado a um ponto de indiscutível interêsse nacional e de probabilidades para a confirmação do êxito final do acôrdo interpartidário, com a sugestão do governador de Minas para indicar-se o nome extra-partidário do sr. Afonso Pena Júnior à sucessão do general Dutra. Mas, apesar dos esforços dispendidos pelos líderes da UDN e do PR, os chefes do PSD — Ala Ortodoxa — não chegavam a pontos de contacto e harmonia com os que apoiavam o nome do ilustre mineiro, ex-ministro do govêrno Bernardes, professor de Direito e publicista. Aproximando-se a data para as eleições e passada a época das desincompatibilizações, mais importantes que eram as de ministros e governadores de Estados, a UDN achou oportuno resolver de uma vez a questão da escolha do seu candidato, independente da solidariedade ou adesão dos demais partidos do acôrdo. Do lado oposto, onde pontificam os srs. Getúlio Vargas e Ademar de Barros, outras coordenações se processavam, mas sob cautelas de verdadeira cortina de aço, não deixando entrever qualquer sinal para palpites sôbre candidatos. Foi numa dessas tensões nervosas que o governador Milton Campos, como que em considerações de «ultima ratio», dirigiu ao sr. Ademar de Barros um telegrama apelando para êle no sentido de que apoiasse a candidatura do sr. Afonso Pena Júnior, nome extra-partidário e que possuía qualidades e atributos para pacificar a situação que, de outro modo, descambaria para imprevisível luta política. Mas, conforme a resposta do governador de S. Paulo, já era tarde, muito tarde! O sr. Ademar de Barros mantém os compromissos de Itu com o sr. Getúlio Vargas, e, pelo que parece, o ex-ditador observa as marés e prea-mares da situação, para tomar rumo. Diante do impasse, teve o sr. Afonso Pena Júnior a atitude que estava compatível com as circunstâncias: apresentou ao sr. Milton Campos a sua renúncia a candidato do interpartidarismo, com o que ficava o governador de Minas desobrigado e com o campo aberto para outros empreendimentos. Do exame generalizado e particularizado de tudo isto, depois de ouvidos os principais dirigentes da UDN, resolveu o Diretório do Distrito Federal lançar o nome do tenente-brigadeiro Eduardo Gomes, o que foi feito na reunião da noite de 18 de abril, publicando a UDN seu Manifesto à Nação nos jornais de 19. Embora o nome do Brigadeiro já estivesse sendo aclamado em comícios e sendo objeto de propaganda em cartazese inscrições murais, campanha promovida pelos estudantes, a decisão da DDN constituiu fato de repercussão em todo o país. S. S., continua em atitude discreta, não tendo feito, até agora, qualquer declaração. A Convenção Nacional da UDN está convocada para 2 de maio próximo.



1 Numa pensão de primeira, estritamente familiar, moram pessoas mais ou menos excêntricas, como quase tôdas as que estão fora do hospício. A começar pela proprietária, dona Margarida (Itala Ferreira), balzaqueana bem conservada e sensível aos galanteios; Teresa (Heloisa Helena), a empregada muito "boa", que se intitula suplente de patroa; Pacífico (Francisco Dantas), o tipo do resmungão metido a moralista; Francisco (M. Fernandes Gandra), pintor modernista incompreendido; Laís (Maria Luísa), a loura e sonhadora sobrinha da proprietária; Renatinho (Milton Carneiro), incorrigível intérprete das tragédias shakespeareanas, com predileção para o Otelo, e, finalmente, Felicíssimo (Adolar), vagabundo funcionário público, noivo de Margarida há mais de vinte anos. Nesse ambiente heterogêneo chega Pimenta (Jaime Costa), o novo hóspede.

O PARTIDO DO PIMENTA

3 atos e 2 quadros de Gilberto Guimarães ★ Apresentação da Companhia Jayme Costa (Texto de Sabino Canalini)





2 Pimenta, com sua palavra fácil, com seu espírito sutil, apresenta-se como fundador e presidente do Partido da Rapidez Nacional. Consegue cativar a simpatia das mulheres, através de suas narrativas fantásticas. Diz que teve 28 mulheres, entre namoradas, noivas, casadas e viúvas. Conquistador inveterado, consegue iludir a boa fé da empregada Teresa e de Laís, a sobrinha da dona da pensão. Em momentos diferentes declara-se interessado em ambas, e as duas moças se tornam rivais, pois percebem a atenção que Pimenta reparte entre elas. Enquanto isso o recém-chegado aproveita para fazer propaganda de seu partido. Os argumentos e as idéias expostas demonstram claramente que êle não passa de um oportunista. O que êle quer é movimento, aproveitar companhias agradáveis, ter casa e comida e viver sempre em evidência. Consegue popularidade.

4 Em seus colóquios mais ou menos íntimos com Teresa e com Laís é surpreendido ora por um hóspede ora por outro, de modo que todos percebem que tipo de homem é, mas nada dizem, seja para não perder a amizade do "político", como porque também foram surpreendidos por Pimenta em outros tantos momentos que êles desejariam fôssem mantidos em segrêdo. Pimenta marca um encontro com Teresa, na sala, após haverem sido apagadas tôdas as luzes, na hora de ir dormir, com exceção de um "abat-jour", que ficará aceso como sinal. Renatinho, com sua mania de ensaiar Otelo, parece fiscalizar os movimentos e os colóquios que sua noiva Laís mantém com Pimenta. Êles decidem deixar para o dia seguinte e Renatinho continua ensaiando, apaga as luzes para conseguir "côr local", envolve-se num grande chale e é surpreendido pela investida de Pimenta, que o tomara por Teresa.



3 Só entre os hóspedes masculinos é que Pimenta nada alcança. Pelo contrário, é antipatizado, devido à ascendência que conseguiu sôbre as mulheres; os hóspedes veteranos, invejosos e despeitados, declaram-lhe abertamente que êle não passa de um chantagista. Pimenta retruca com argúcia, faz pouco dos quadros de Francisco e de sua arte modernista, do puritanismo de Pacífico, do teatro de Renatinho e do trabalho de Felicíssimo. No fundo, porém, conquista-os também, pois o partido que êle pretende lançar para as próximas eleições é uma sereia à qual ninguém resiste. Todos vêem naquele homem um futuro distribuidor de empregos fáceis, as famosas "marmeladas" neste país de sinecuras. Escondem, portanto, a inveja que sentem pelo homem que tem tanto cartaz, especialmente com os espécimes do outro sexo, e vão aumentar o cordão dos "puxas".



5 Conforme prometera, Pimenta faz o lançamento do Partido da Rapidez Nacional através do rádio, lendo um manifesto à nação. Traça o programa de salvamento da pátria que está em derrocada política, e, convictamente apoiado pelos colegas de pensão, distribui pelos mesmos, segundo as propensões e desejo de cada um, os ministérios públicos, criados na hora para satisfazer os pruridos comodistas de seus insaciáveis cabos eleitorais. Assim é que para Margarida foi instituído o Ministério das Funções Domésticas. Teresa será candidata a vereadora. Pacífico será o concessionário da Loteria Federal. Laís terá o Ministério das Relações Sociais. Renatinho o das Artes e Espetáculos. Felicíssimo o do Funcionalismo. Francisco é incumbido de fazer um retrato de Pimenta, e êle mesmo, se as contingências e a vontade do povo exigirem, será candidato à Presidência da República.



6 Satisfeitos com seus futuros cargos políticos, os pensionistas dissolvem a assembléia, passam a comentar seus novos afazeres e, para se habituarem, desde já começam a se tratar por "Vossa Excelência". Entre prognósticos e projetos, o cartaz de Pimenta está em franca ascensão, admirado pelas mulheres e bajulado pelos homens. Retira-se cada um para o seu trabalho. A pensão é visitada por uma moça que se chama Helena (Margarida Léa), amiga de Pacífico. Chega tôda furiosa e vem à procura do mesmo, alertada pela atitude suspeita que tomara nos últimos tempos. Indaga de Teresa sôbre a frequência feminina da pensão e termina por se retirar, seguida de Felicíssimo e de Renatinho. Felicíssimo quer se vingar dos ataques que Pacífico lhe move e vai combinar com Helena um modo de diminuí-lo perante os outros hóspedes.



7 Pimenta continua conquistando mulheres. Depois de Teresa e de Laís, agora é a vez de Margarida, a dona da pensão. Pede-lhe para fazer a campanha do partido e arregimentar eleitores. Ela não pode, já que deve tomar conta da pensão. Êle se oferece para ser o seu gerente. Margarida aceita e, para pagar tanta gentileza, lhe dará pensão de graça. Pimenta vê, aos poucos, realizados seus desejos. Aproveita-se, em seguida, de estar a sós com Teresa para pedir-lhe também colaboração em prol do partido. Ela será vereadora e poderá contar com seu apoio. Para provar com maior eficiência a sinceridade de suas palavras, tenta abraçá-la e é surpreendido pela inesperada chegada de Pacífico. Êste, que já notara o jôgo de Pimenta, revela tudo às mulheres da pensão. Suas palavras são reforçadas pelo depoimento de Felicíssimo. Pimenta, para se vingar, revela o que vira entre Felicíssimo e Teresa.



8 Nasce dessas revelações uma série de acusações mútuas entre os hóspedes da pensão. Renatinho quer explicações de Laís. Margarida de Felicíssimo e do próprio Pimenta. No meio da confusão chega uma carta para Pimenta. As mulheres exigem que seja lida em voz alta. Pimenta despista, dando a entender que se trata de assunto relacionado à política. Margarida não acredita, tira-lhe a carta das mãos e lê. E' uma carta amorosa de Maria Rosa. Queixa-se a moça de haver sido abandonada por Pimenta e lhe suplica que volte ao ninho de amor. As mulheres da pensão revoltam-se ante tanto cinismo. Exigem satisfações por haverem sido tão hàbilmente enganadas. Confessam sua fraqueza por Pimenta e desejariam se transformar em outras tantas cobras para atacar Pimenta e devorá-lo. Êste, ameaçado, foge delas.



9 Vem a noite para acalmar os ânimos. Renatinho, com sua mania de teatro, após haver decorado tôda a parte do Otelo de Shakespeare e convenientemente ensaiado — mesmo importunando os outros hóspedes, que não chegavam a compreender sua arte, fazendo pouco de seus arroubos declamatórios — pelo fato de haver comido no jantar um cozido à paulista, tem durante a noite uma indisposição de estômago que lhe provoca um pesadelo. Sonha êle estar em pleno Municipal, durante a representação do último ato da imortal obra do teatrólogo inglês, que constituía objetos de esforçados estudos por parte dêle. Enquanto Pacífico aparece como o traidor Iago e Desdêmona é representada pelo próprio Pimenta, vê realizado, pelo menos em sonho, seu maior desejo: exibir-se como Otelo, o que faz de modo sincero e real. Êsse pesadelo é acompanhado por gritos e queixumes, ouvidos em tôda a pensão, de modo que no dia imediato provoca reclamações por parte dos hóspedes. Margarida decidiu entretanto expulsar Pimenta, a não ser que êle pague o dôbro do preço anteriormente estipulado e se comporte de maneira mais condigna com o ambiente familiar da pensão. Teresa e Laís, ofendidas em seu amor próprio, resolvem apoiar Margarida em sua luta contra Pimenta.



10 A elas juntam-se, em côro, todos os homens, sequiosos por uma desforra sôbre o companheiro que em pouco tempo soube tirar-lhes todo o cartaz que por acaso tivessem com os elementos do sexo frágil. Não ousavam atacá-lo abertamente, mas agora que têm o apoio das moças, fazem-no com o máximo prazer. Enquanto isso, Renatinho desperta ainda um pouco abalado e reconhece os intérpretes do drama que viveu durante a noite nos companheiros de pensão. Apesar de tudo, Margarida simpatizou de fato com Pimenta e está disposta a contemporizar em alguma coisa para não perdê-lo, como hóspede. Apenas uma coisa ela não pode esquecer e perdoar: a classificação de "gafieira" e "cabeça-de-porco" que Maria Rosa deu na carta à sua pensão. Quase acredita que seja verdadeira a história do lançamento do Partido da Rapidez Nacional por parte de Pimenta, que êle seja de fato um político em vésperas de ser eleito presidente da República.

11 Continuará fazendo parte do Partido e a trabalhar por êle, porém que não lhe falem na tal Maria Rosa e que essa moça não tenha nunca a coragem de aparecer na pensão, pois do contrário será expulsa sem piedade e atrás dela irá, sem remédio de conciliação, Pimenta. Os hóspedes, num "totum" harmonioso, apoiam a decisão de Margarida. Nisso aparece Maria Rosa e, sem mais, se joga nos braços de Pimenta, provocando a repulsa das pessoas presentes, ainda mais porque êle persiste em dizer que não a conhece. Com a chegada de Pacífico, complica-se a situação, pois reconhece na moça a sua Helena. Expulsa da pensão a moça, Pacífico sai-lhe no encalço para pedir-lhe satisfações. Logo depois voltam e Pacífico explica que tudo não passou de uma combinação entre Felicíssimo e Helena. Maria Rosa não existe. Essa declaração traz de volta a paz entre os que moram na pensão de Magrarida. Felicíssimo, como castigo, deverá casar logo com Margarida; Laís retorna ao amor de Renatinho; Pacífico entende-se com Helena, e quanto a Teresa, a boa empregada, Pimenta encarrega-se de cuidar do seu futuro. Ainda uma vez quem saiu ganhando com o caso foi Pimenta, cujo cartaz está mais alto do que nunca.



FORÇA DO DESTINO

NOVELA DE ALVARO ROSADAS

CONHECI o dr. Soares da Silva na Clinica do dr. Pujol, onde eu era interno Admiráva-o profundamente, não só por sua extraordinária perícia no campo da técnica operatória, mas também por sua extrema modéstia, retidão de caráter e bondade. Naquela época era considerado um dos grandes operadores, para quem no terreno da cirurgia, não havia segredos a desvendar.

Àquela afastada Casa de Saúde, situada em modesta rua da Tijuca, acorriam os mais difíceis casos cirúrgicos, muitos dêles enviados por médicos, que não tinham tido coragem de assumir a responsabilidade de uma operação de prognóstico problemático. Nunca se recusou êle a atender a solicitação de quem quer que fôsse, por mais dificultoso que se apresentasse o caso a resolver.

Era de pasmar a calma, a perícia com que executava as mais melindrosas operações, algumas consideradas já como casos perdidos, outras do mais sombrio resultado.

Êle era, para mim, como um exemplo a seguir, um modêlo a imitar.

Contudo, havia em sua vida; debaixo daquela nobreza de atitudes, calma e delicadezas, algo que me prendia a atenção, que me fazia cismar, intrigando-me ao infinito.

Trabalhando com êle durante três anos, nunca reparei que mulher alguma o perturbasse; ou mesmo que desse maior aprêço a qualquer moça, das muitas que o procuravam, a miúde, na Clinica do dr. Pujol.

Distinto em suas maneiras de lidar com seus clientes, ricos ou pobres, nunca notei que essa distinção se tornasse de interêsse exagerado, perante qualquer representante do sexo frágil.

Foi pois, para mim, extremamente chocante e revelador, o que se passou naquela fria manhã de maio.

Chegara cedo, à Clinica, um caso complicado de apendicite supurada, considerado desesperador.

Dos médicos presentes àquela hora, no hospital, nenhum se animou a assumir a responsabilidade de tão difícil operação.

Naquela ocasião, não me foi possível saber a causa por que o dr. Soares se insulara em seu escritório, portas cerradas, como se não quisesse atender ninguém; indiferente ao borborinho que o novo caso levantava.

Às 10 horas, achava-me em seu escritório, controlando algumas fichas, enquanto êle lia, como querendo alhear-se ao que se passava em tôrno; quando ouvi bater, discretamente à porta.

Ao seu: — Entre! — uma enfermeira abriu a porta e entrando, falou:

— Dr. Soares, uma senhora deseja falar-lhe.

— Mande entrar — respondeu secamente; notando eu, então, que havia em sua voz algo estranho que soava de um modo diferente.



Nesse momento, entrava a espôsa do paciente da operação de apendicite supurada. Não era nova; era no entanto mulher atraente e de inegável beleza, não obstante trazer estampada na face a angústia do transe doloroso que estava atravessando. Trajava com elegância um vestido negro.

Dominada por incontida ansiedade, acercou-se da secretária, onde se encontrava Soares da Silva, esperando-a, e com a voz estrangulada por violenta emoção, implorou:

— Doutor, salve meu marido!...

Aquelas poucas e lacônicas palavras diziam mais que o mais eloqüente discurso. Mas, muitíssimos mais que aquelas poucas palavras, falava o mutismo do médico, a exagerada palidez do seu semblante e o constrangimento angustioso da pobre mulher.

Não consegui perceber o que havia nos olhares que trocavam; não eram olhos apaixonados; ódio também não havia nêles. Que haveria de estranho e misterioso naqueles olhos que se fitavam longa e cruciantemente?!...

A palidez lívida de Soares da Silva contrastava com o exagerado rubor das feições da infeliz senhora.

Auto-dominando-se, enfim, séca e friamente, respondeu-lhe o médico:

— Operarei o seu marido... Vá em paz!

Aquêle — Vá em paz — era frígido como o gêlo e cortante como o gume acerado de afiada navalha.

À enfermeira, que aguardava ordens, ordenou que se aprontasse o paciente, e exigiu que lhe fôsse feita anestesia geral.

Afastei-me, por meu lado, indo preparar o campo operatório, com o médico auxiliar da operação.

Tudo pronto, poucos instantes após, entrou o dr. Soares, preparado para dar início à interveção.

Logo de comêço, notei que, por maiores esforços que fizesse, não era êle perfeitamente senhor da emoção que o empolgava.

A operação era extremamente melindrosa, quase impossível de levá-la a bom têrmo. Mas, sob um contrôle de nervos extraordinário, o operador cortava a pele, retalhava os tecidos, pinçava o apêndice putrefacto, tudo num automatismo admirável.

Entre o gorro e a máscara, destacava-se a palidez da face que, de contínuo se perlava de suor, que uma enfermeira solícita enxugava.

Que estranha luta se travava naquele cérebro, enquanto porfiava arrancar da morte aquêle corpo semi-morto, quase nas vascas da agonia?

Que mistério haverá nessas vidas? — perguntava a mim mesmo. — Sabê-lo-ei, um dia?

E êle continuava, impassível, operando com uma técnica perfeita, que fazia inveja a quem assistia às suas intervenções cirúrgicas.

Houve um momento que previ serem vãos todos os esforços empregados. Percebi leve sinal do anestesista ao médico auxiliar, que se voltando para Soares da Silva, à meia-voz, falou:

— E' inútil... E' um caso perdido... não adianta!

— Nunca!... — em voz surda interrompeu o operador e, voltando-se para o médico anestesista, fêz-lhe breves recomendações.

A luta foi intensa, titânica e sem tréguas. Lutou desesperadamente; lutou como alguém que procurasse salvar da morte um ente querido, um amigo muito caro.

Terminada a operação, com gesto brusco, arrancou a máscara e o gorro; e, em passos vacilantes, dirigiu-se ao seu escritório. Houve um momento que pareceu perder o equilíbrio, em risco de cair.

Corri pressuroso; mas afastou-me com brusco e insólito gesto: — Deixe-me!... — mas logo após, reconsiderando, voltou à sua habitual distinção de maneiras: — Obrigado!.. Não é nada.

Entrou no escritório, fechando-o por dentro. Quanto tempo permaneceu portas trancadas, em seu gabinete, sem ver ninguém? Não me foi possível saber, porque acabado o expediente, retirei-me; não o tornando a ver mais naquele dia.

Tornei a encontrá-lo, volvidos alguns dias, ligeiramente, num encontro fortuito, à entrada da Clinica. Sorriu-me amàvelmente, mas o seu sorriso era pálido e incolor.

Não assisti a qualquer outra operação, por êle, levada a efeito; nem chegou ao meu conhecimento que êle tivesse operado alguém. Sumiu.

Nunca mais ouvi falar no dr. Soares da Silva. A vida intensa e dinâmica que eu então levava, trabalhos de início da clínica, mil e um afazeres profissionais, fizeram com que se varresse da memória o dr. Soares da Silva e a lembrança daquela operação memorável.

Passaram-se os anos, e com o rolar do tempo redobraram os trabalhos; sobreveio o consaço e um esgotamento nervoso, que deu comigo na pitoresca cidade de Cambuquira.

Procurava naquela encantadora estância hidromineral, alívio e refrigério aos nervos abalados pelo trabalho ininterrupto e pela vida trepidante da Capital.

Passeava, despreocupado, certa manhã, pelo Parque, quando ao dobrar uma alameda, dei, cara a cara, com o meu velho amigo dr. Soares.

— Oh!... que surprêsa agradável!... — exclamou. E abrindo os braços, estreitou-me ao peito, em expansões da mais sincera alegria. Eu não estava menos satisfeito, pois sempre o admirei e bastante estima lhe tributava.

Entre transportes de satisfação, trocamos as primeiras palavras; passando em seguida a convidar-me para dar uma chegadinha ao seu "modesto tugúrio", como modestamente se referiu ao seu lar.

Pressurosamente, fiz-lhe a vontade; tomando-me pelo braço, dirigimo-nos a uma rua situada nas proximidades do Parque, onde morava.

Casa pequena, sim; mas confortável, e mobilada com gôsto sóbrio e apurado. Admirei sinceramente a sua vasta e escolhida biblioteca, na qual sobressaíam os tratados dos mais conhecidos operadores do mundo médico, destacando-se, entre elas, as obras de sumidades médicas na Cirurgia Brasileira.

No transcorrer da conversa o assunto recaiu, de súbito, sôbre a grande paixão da sua vida: a Cirurgia.

A uma pergunta minha, se tinha feito muitas operações, calou-se longo tempo enleado; mas dominando-se, por fim, retorquiu:

— Não, meu amigo. Não tenho feito nenhuma intervenção cirúrgica. Desde aquela célebre manhã, que o amigo assistiu, nunca mais operei ninguém, nunca mais.

— Grande, transcendental deve ser o motivo que paralisou o bisturi dum dos mais afamados cirurgiões, que pontificou no Rio!... — volvi.

— Não há dúvida, caro colega — disse-me, após curta hesitação. — Para que seja compreendida a causa da minha deserção das hostes cirúrgicas, é preciso remontar aos primeiros anos da minha vida profissional.

Recém-formado, nada tinha de meu, a não ser o anel simbólico — presente de minha mãe — o pergaminho e uma boa dose de vontade de vencer na vida.

Foi nessa ocasião que conheci Helena Aires, filha de um rico negociante da rua da Alfândega. Vê-la e ficar caído de amôres por ela, foi obra de um momento. E ela correspondeu ao meu afeto com igual intensidade. Tudo iria de vento em popa, não fôsse o aparecimento, em cena, do "vilão", na pele de um negociante em madeiras, da Ponta do Caju.

Não era rival a temer; tipo acabado do novo-rico, sem instrução alguma, nem mesmo educação... Infelizmente, tinha o principal para vencer na vida: o dinheiro, o vil e precioso metal! Entre o meu pergaminho, a minha posição social e o di-

(Cont. na pág. 48)



UM BRASIL PARLAMENTARISTA será mais feliz, dizem os batalhadores da mudança do regime. Os presidencialistas, porém, não admitem que se ponha o presidente da República num saco... Mas a idéia está tomando corpo. O Partido Libertador vai alargando os limites de um simples partido regionalista. Raul Pila é o chefe da batalha parlamentarista.

PARLAMENTARISTAS DO SUL

PORQUE O POVO DIZ QUE OS POLÍTICOS NÃO PRESTAM ★ UM VENTO REGENERADOR SOPRA DOS PAMPAS ★ RAUL PILA AFIRMA: "O BRASIL ESTÁ À BEIRA DA CONVULSÃO" ★ O PARTIDO LIBERTADOR NASCEU DE UMA REVOLUÇÃO

Texto de CID BRASIL

Fotos de ARNALDO VIEIRA

— Neste regime não há salvação!

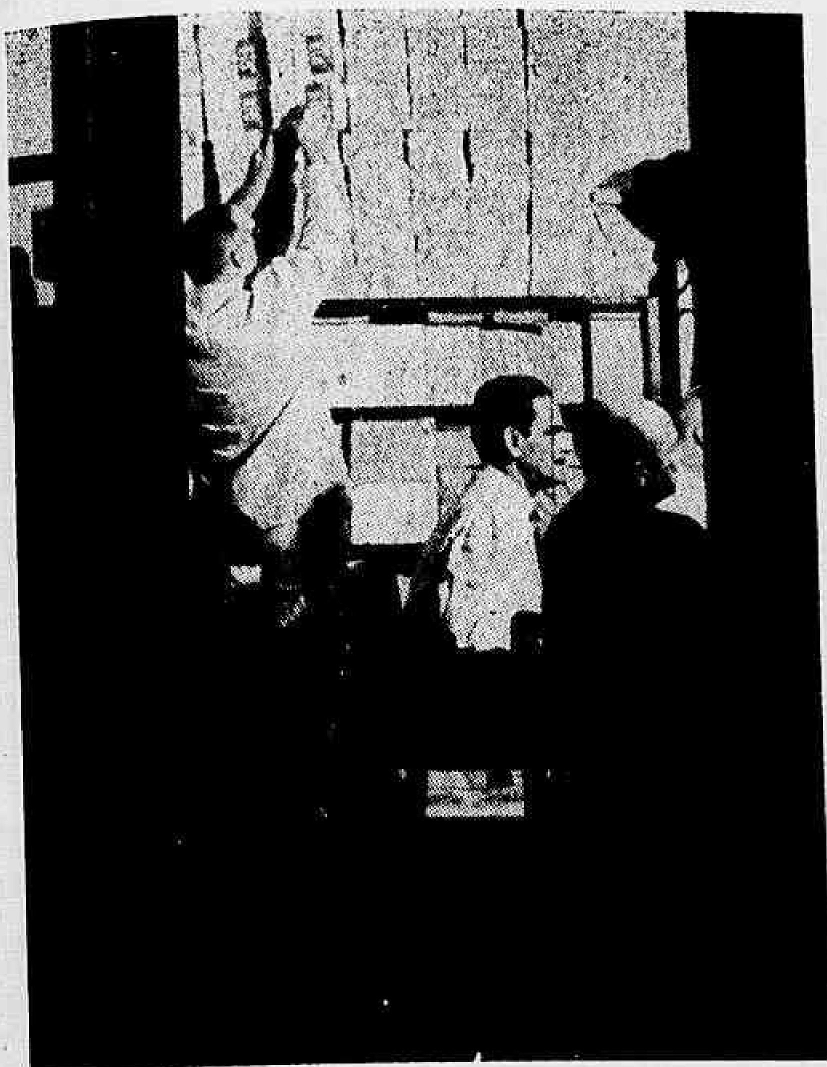
Quem fala assim? Prestes? O líder comunista não esconde os seus princípios revolucionários como solução para os problemas brasileiros e de tôda a humanidade. No caso, porém, não se trata dêle. Há uma volumosa corrente da opinião pública que também pensa em mudar o regime, ou melhor, a forma de govêrno, mas sem recorrer aos extremos da revolução, para dar um pouco mais de felicidade ao nosso povo. Sem transformar a face econômica e multi-partidária em que se agita a política nacional, os parlamentaristas arrogam ter encontrado a solução. E quem acima nos fala com tanta ênfase é o chefe dessa corrente, o deputado Raul Pila, presidente do Partido Libertador.

Êste partido teve suas origens ainda nos primeiros anos da República brasileira. Provém do antigo Partido Federalista, fundado no Rio Grande do Sul por Gaspar Silveira Martins com a finalidade de reformar a Constituição ditatorial imposto por Júlio de Castilhos ao Estado, e, no âmbito nacional, pugnar por um programa federalista, isto é, união nacional mas com os governos estaduais eleitos e livres das injunções do govêrno federal, e por uma República parlamentar em substituição ao regime republicano presidencialista que nos foi outorgado pelos revolucionários de 1889. Aos federalistas se foram juntando várias dissidências do Partido Republicano, sempre no poder, com figuras de prestígio como Demétrio Ribeiro, Barros Casal e Assis Brasil. Em 1922, o Rio Grande do Sul entrou em crise, motivada por mais uma reeleição do sr. Borges de Medeiros ao govêrno gaúcho. A Assembléia do Estado elegeu-o fraudulentamente, porquanto o famoso caudilho não havia conseguido os dois terços do eleitorado estadual, nem sequer os dois terços dos que votaram, o que a Constituição exigia. Estalou então uma revolução, em que tomaram parte não só os federalistas como também dissidentes republicanos de vários matizes, e da qual foi chefe o velho combatente republicano Assis Brasil, que fôra o candidato esbulhado pelo sr. Borges de Medeiros. A revolução terminou por um acôrdo de que resultou a proibição das reeleições e a reforma da Constituição do Estado, que foi adaptada à Constituição federal nos pontos que mais discussão vinham provocando. Finda a luta, os



D. NATÉRCIA SILVEIRA, que vemos ladeada por outros dirigentes do partido, é a atual presidente do PL carioca


AS DO
ENTARISMO



O «CATECISMO PARLAMENTARISTA» vai ser distribuído pelo partido. Vemos acima um pouco do que já chegou

federalistas e dissidentes republicanos se fundiram na Aliança Libertadora, cuja presidência coube ao sr. Assis Brasil, e em 1928 esta última se transformou no Partido Libertador, mediante um programa mínimo, que, deixando aos federalistas a liberdade de bradar pelo parlamentarismo, incluía como princípios comuns a eleição do presidente do Estado pela Assembléia e o exercício do Poder Executivo por um gabinete presidido por um dos secretários, escolhidos êstes entre os membros eleitos para a Assembléia do Estado.

★

Com êste programa se manteve o Partido Libertador, até que por ocasião do congresso realizado em Pôrto Alegre, em maio de 1945, adotou o sistema parlamentar como princípio fundamental para a sua ação no cenário político brasileiro.

Nesse ponto, volvendo ao sr. Raul Pila:

— Crê o senhor na adoção do parlamentarismo em breve para o Brasil?

Respondeu-nos o chefe libertador:

"— Sim. Não vejo outra saída democrática para os nossos problemas. Do contrário seria desesperar. O Brasil entraria em convulsão, tão grande é o desentendimento, a irresponsabilidade dos governantes e as leis de fachada, contrastando com a crescente precariedade de condições de vida do nosso povo!"

★

E o Partido Libertador, pela sua bancada no Congresso, que se compõe de um único representante, o deputado Raul Pila, vem lutando denodadamente para cumprir o seu programa, ou melhor, para dar ao Brasil um regime parlamentarista.

Quais as vantagens?

"Só os fatos políticos agitam a Assembléia no regime presidencialista. De nenhuma reforma econômico-social cogitou ainda a Assembléia" — afirmou o sr. Agamenon Magalhães quando os atuais representantes do povo brasileiro ainda elaboravam a Constituição que hoje rege os destinos do País, aparteando um discurso do sr. Raul Pila.

(Cont. na pág. 49)

RAUL PILA mantém a fé na vitória do regime que seu partido defende. «O atual regime do Brasil (presidencialismo) não é democrático!», — diz êle, e afirma que o parlamentarismo é a melhor saída democrática para a crise brasileira



NOS ESTADOS DO SUL o progresso do Partido Libertador é mais acentuado. O sr. Ermenegildo Corbellini, que fala ao reporter, é o presidente do Diretório de Santa Catarina



REUNIÃO DO DIRETÓRIO DO PL carioca. — vemos, da esquerda para a direita, os srs: Raul Pila, d. Natércia Silveira, José Montojos, Esper Paulo, Minton Paraíso, Paulo M. Tôrres Ermenegildo Corbellini, Tancredo Vasconcelos e Francisco B. de Oliveira Júnior

OUTRO "OSCAR" PARA OLIVIA DE HAVILLAND



Olivia de Havilland, vencedora do Prêmio da Academia como a melhor atriz do ano, pelo seu desempenho no filme «Tarde demais», recebe das mãos de James Stewart a famosa estatueta do «Oscar». Esta é a segunda vez que a obtém

Pela segunda vez Olivia de Havilland ganha o "Oscar" de Hollywood ★ A Paramount é distinguida com nove prêmios da Academia ★ O filme "Tarde Demais" (The Heiress) recebeu cinco "Oscars"

COMO todos os anos, realizou-se no dia 23 de março passado, mais um julgamento pela Academia de Artes Cinematográficas de Hollywood da numerosa produção saída dos estúdios californianos. Como sempre, foi um certame das melhores manifestações da sétima arte na terra de Tio Sam. Todos os trabalhos de maior valor artístico e que pudessem servir de afirmação para a evolução cinematográfica da poderosa indústria americana, foram exibidos perante uma selecionada audiência de três mil pessoas, compostas na maioria de astros de Hollywood, produtores, diretores e técnicos dos estúdios, e mais, de nomes de projeção nas artes, na literatura e no jornalismo americano.

Aquela noite de quinta-feira serviu para confirmar a liderança dos estúdios da Paramount na indústria cinematográfica, já que ostenta, em comparação com os outros estúdios, um maior número de prêmios, ganhos em sua longa existência. Basta dizer que nesse último julgamento da Academia, só a Paramount «abiscoitou» nada menos de nove prêmios. Foi a 22.ª apresentação da decisão da Academia sôbre as várias especialidades da arte cinematográfica. Foram premiados os melhores e entre êsses o primeiro lugar coube à Paramount, pelos seus filmes, artistas, diretores, colaboradores e trabalho em geral, evidenciando assim a qualidade de sua produção.

O filme que mais prêmios alcançou, foi «The Hereiss — (Tarde Demais», uma produção de William Wiler para a Paramount. As qualidades consideradas as «melhores» e pelas quais o filme conseguiu se destacar dos outros, foram as seguintes: melhor composição musical para um filme dramático. Aaron Copland; melhor direção artística para um filme em branco e preto, Harry Horner e John Meehan; melhor decoração do «set» para uma produção em branco e preto, Emile Kuri; melhor desenho de roupas para um filme em branco e preto. Quanto aos artistas, coube a Olivia de Havilland, através do sufrágio popular por unanimidade, ser presenteada com o «Oscar», pelo melhor desempenho feminino, no já citado filme «Tarde Demais».

Pela segunda vez, Olivia de Havilland recebe a máxima distinção da Academia de Artes Cinematográficas. A primeira foi em 1946, pelo memorável trabalho no filme «Só Resta uma Lágrima» (To each his ows). Com isso a artista passa a integrar o restrito círculo de contemplados duas vêzes com o ambicionado «Oscar». Em Hollywood, essa famosa estatueta de ouro é o galardão supremo aos melhores desempenhos de quantos trabalham no mundo

(Cont. na pág. 44)



Cena do filme «Tarde Demais». Reparem na expressão da artista numa das seqüências de intensa dramaticidade



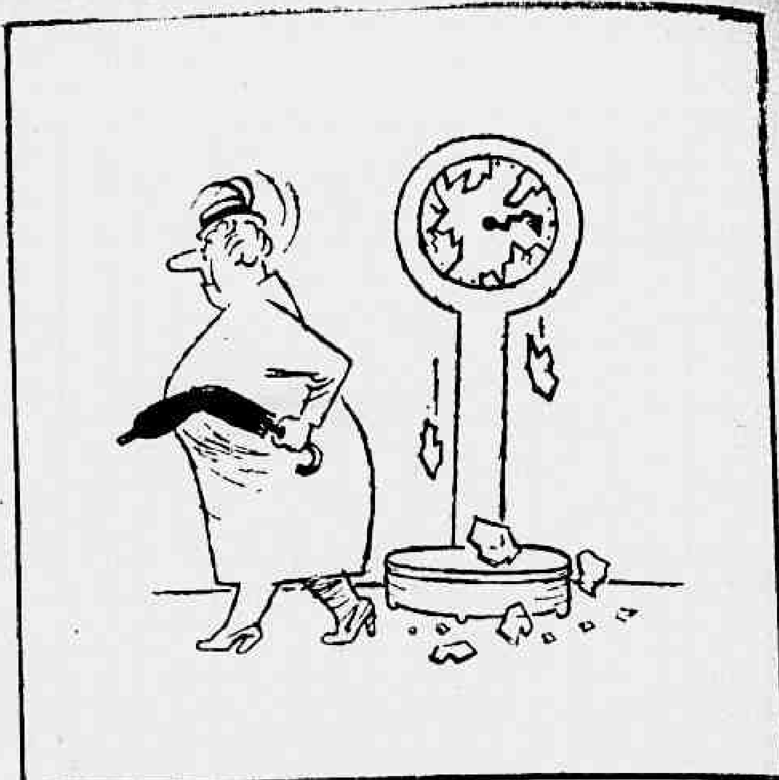
Caracterização de Olivia de Havilland para o filme que lhe deu oportunidade para conseguir novamente o «Oscar»



Outra cena do filme premiado com cinco «Oscars» Música, decoração, direção, guarda-roupa e a interpretação de Olivia

QUEM NÃO LEMBRA OS DESEMPENHOS DE OLIVIA EM "NA COVA DAS SERPENTES", "SÓ RESTA UMA LAGRIMA", "... E O VENTO LEVOU"? POIS ESSAS ATUAÇÕES SE REPETIRAM AGORA NO FILME "THE HEIRESS" — TARDE DE MAIS

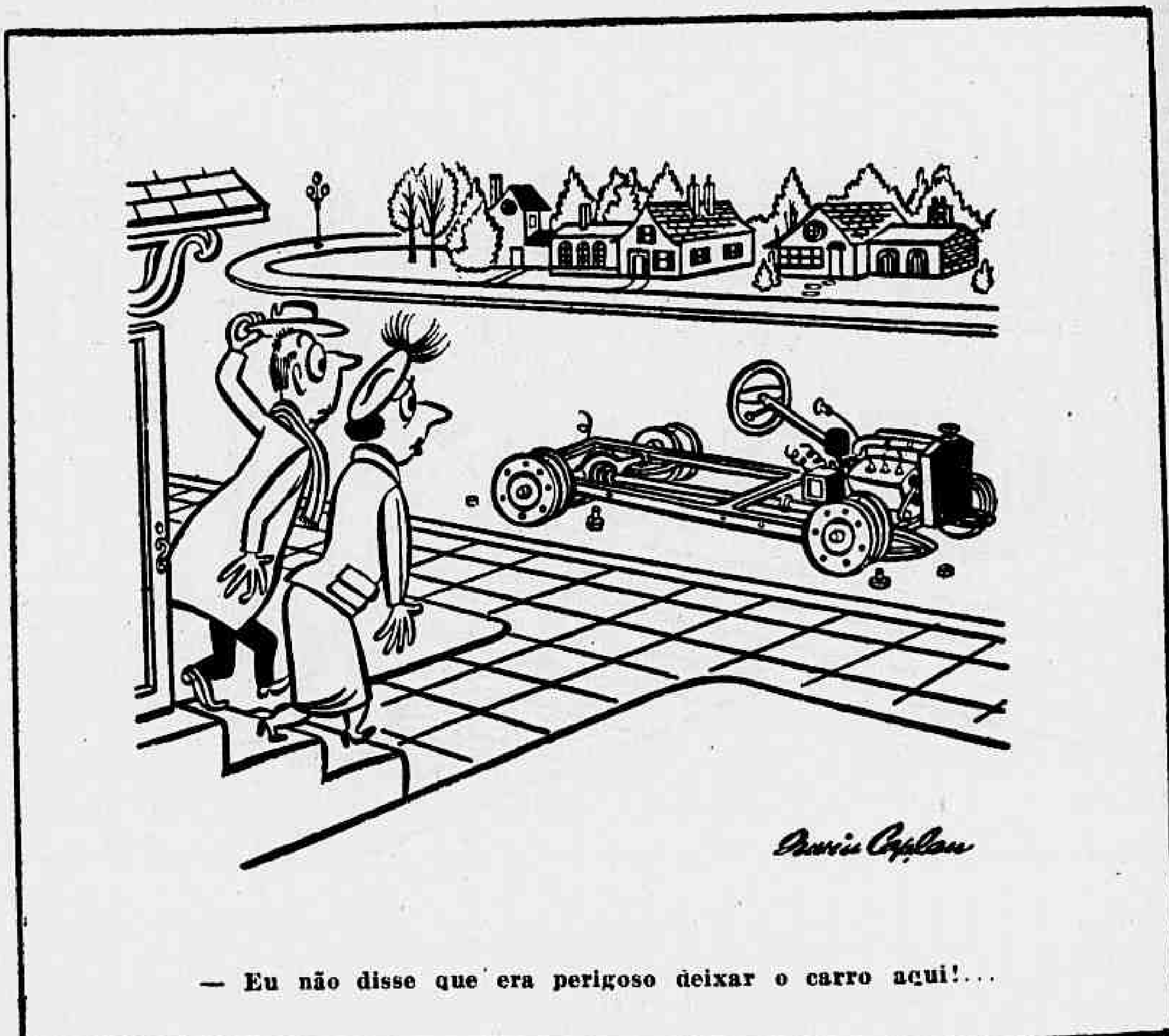








— Bom dia, senhoritas!



— Eu não disse que era perigoso deixar o carro aqui!...



— E' um instrumento valiosíssimo, por isso êle guarda com tanto carinho...



— Vamos deixar de fita, a água não está tão quente assim!...



Ter um irmão ou uma irmã gêmea, não é coisa comum. Parecer com o outro de modo a ser confundido com êle, é ainda mais raro. E' por isso que na terra de Tio Sam foi fundado o clube das gêmeas. Na foto Jo e Jane, as mais jovens sócias. Devido a ser Jane um pouco mais alta do que Jo, são fàcilmente reconhecidas. Agora, que os leitores as identifiquem

O CLUBE DAS GÊMEAS NA CIDADE DAS ILUSÕES

Para ingressar nesse clube, único no mundo, torna-se necessário que a candidata apresente um cópia de si própria, qual uma imagem vista num espelho ou a cópia de carta obtida com o uso de uma folha de papel carbono...

Texto de NELSON VAINER

DESDE tempos imemoriais, os gêmeos têm sido motivo de admiração em tôda parte da terra. Até entre os povos primitivos e selvagens, as mulheres que davam à luz gêmeos, trigêmeos ou quadrigêmeos, gozavam de regalias especiais, na qualidade de parturientes. Quanto aos povos civilizados, ainda está bem vivo na memória dos leitores o tremendo esfôrço dos médicos canadenses, que tudo fizeram para que as quintuplas, irmãs Dionne, chegassem a ser o que são hoje: cinco moças robustas, tôdas elas gozando de perfeita saúde.

Em Hollywood, cidade de ilusões e paraíso do cinema, à falta de gêmeas muitíssimo parecidas uma com a outra, para filmes que requeriam tais personagens, usava-se truques notáveis, fazendo uma atriz viver no écran o papel de duas irmãs gêmeas. Uma das irmãs Talmadge, Norma ou Constance, interpretou tal papel, ainda no cinema silencioso. Há pouco mais de dez anos, Elizabeth Bergner também encarnou duas irmãs gêmeas numa película de rara beleza e, finalmente, há um ano, aproximadamente, vimos nos cinemas locais o esplêndido trabalho de Olivia de Havilland, no duplo papel de duas irmãs gêmeas.

Hoje, porém, não haverá mais necessidade de se lançar mão de truques fotográficos para filmes dessa natureza. Isto porque, em 1945, Jeanne e Lynne Romer, duas lindas irmãs gêmeas, fundaram, em Hollywood, um clube de gêmeas. Para ingressar nesse clube, é necessário que a candidata apresente uma cópia de si própria, isto é, uma irmã gêmea tão parecida com ela própria, que seja capaz de confundir os seus próprios conhecidos. Exatamente qual uma imagem vista num espelho, ou uma cópia duma carta obtida graças ao uso duma folha de papel carbono...

Um clube sui-generis, único no mundo inteiro. Conta atualmente com doze associadas, isto é, seis pares de irmãs tremendamente parecidas, o que dá muito trabalho aos seus amigos e admiradores.

As lindas gêmeas do referido clube freqüentam todos os centros recreativos da famosa cidade, cantam, dançam, nadam, patinam e tomam parte em pequenas representações teatrais e radiofônicas. São muito prendadas e bastante preparadas para enfrentarem as dificuldades da vida, ganhando o suficiente para viver bem na grande cidade do cinema. Contudo, aguardam uma oportunidade para aparecerem um dia num filme e, como Hollywood é uma cidade de surpresas, onde tudo pode acontecer, é possível que um par dessas lindas gêmeas seja futuramente aproveitado para a produção duma grande película.



Outras duas, Jane e Jean, tão parecidas que seus próprios conhecidos as confundem. Causam confusões até aos seus pais, deixando-os impressionados com os equívocos. Divertem-se na piscina do clube. Mergulham, nadam, brincam, e no fim, quem será capaz de dizer qual é Jane e qual Jean, se elas ao saírem são mais parecidas que duas gotas dágua?



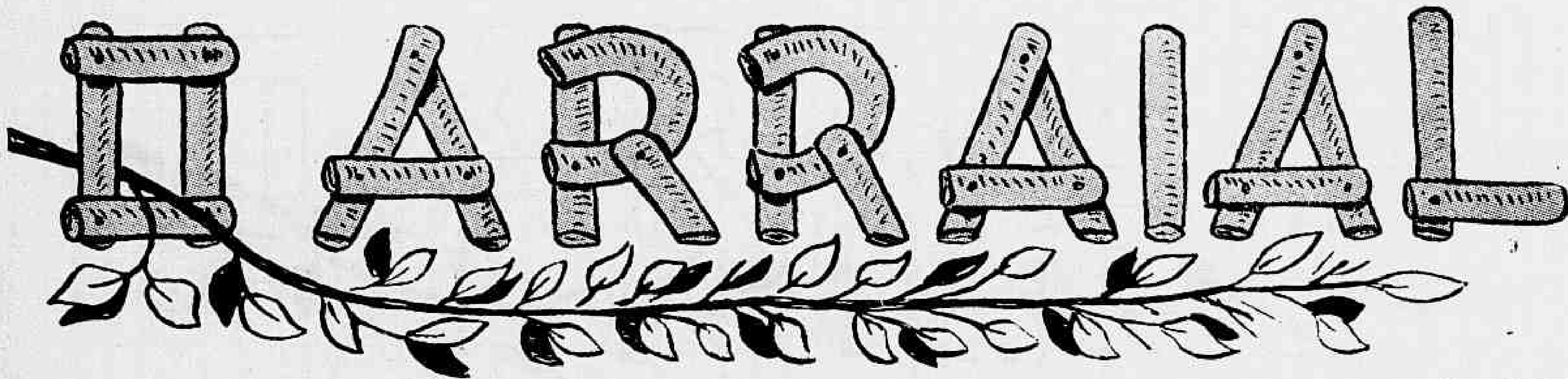
Foto-montagem ou truque fotográfico? Nada disso! São seis pares de gêmeas. do clube. Quem se apaixonar por uma dessas criaturas supersensoriais. acabará gostando das duas?



Jane e Jean patinam, traindo os olhares dos espectadores. Todos sabem que a da direita é Jane e a da esquerda é Jean. Elas mudam várias vêzes de posição e confundem o público



UM NÚMERO DE MAGIA EXECUTADO PELAS IRMÃS GÊMEAS NORMA E MARTA. NO FIM DAS CONTAS NINGUÉM SABE SE A DO FUNDO E' NORMA OU MARTA



VAMOS acompanhá-lo, amigo. Mostrar-lhe-emos como ver o arraial, já que não o poderá analisar sem imaginar coisas. Estamos chegando aos solavancos que a charrete do velho Hilário executa a esta mesma hora todo santo dia. Veja: a cachorrada dos casebres já nos faz a recepção habitual, e lá está a igrejinha nos espiando. Alcançamos a ponte, subimos a rua principal e damos logo com a praça. Repare: à esquerda um morro sêco que se escala por todos os lados sustenta lá em cima a igrejinha, cuja reforma mutilou-lhe a forma antiga de duas tôrres e reduziu-a àquele aspecto de chalé; à direita, estende-se o campo de futebol comido pelo mato que por sua vez é comido pelos animais soltos na rua. Êste trajeto nos fará dar uma volta em forma de ferradura e acabar no mesmo ponto de partida. Mas se cruzarmos aquela travessa lá adiante saltaremos outro riacho e pegaremos uma rua que nos levará à Maria Preta — a cruz carbonizada e milagrosa. Daí por diante parte a estrada para outro município.

Voltemos. Recomeçamos a subir a rua principal e estamos agora no ponto comercial mais importante do lugar; defronte ao passeio alto das vendas estacionam "tropas" — cargueiros de uma infinidade de coisas que entram e saem. Daí para cima já vemos, de um lado e de outro, o bar, a pensão, o salão de barbeiro, o cinema (fechado há longo tempo), a fábrica de manteiga, a distribuidora de energia elétrica, o centro telefônico, a agência do correio — onde o Hilário nos faz desembarcar — e finalmente o Conselho. O Conselho fica bem no centro do arraial como convém à sua dignidade; no sobrado se acumulam os departamentos administrativos, embaixo, a cadeia. Mais dois minutos rua acima e dá-se com outra estrada para outra localidade vizinha.

Pouco mais verá o amigo se quiser descer de novo a rua. Agora, se quer saber algo mais relacionado com a vida dêste povo, ajudá-lo-emos. Não se admire, entretanto, se depois da curiosidade que causar, algum cidadão mais sensato do lugar — sempre os há apesar de tudo — o aconselhar a ir-se embora antes que o torpor asiático há muito oficializado aqui o domine também. Como? — indagará o amigo; o lugarzinho não parece assim tão mau, a sua topografia é simpática e vêem-se traços de um progresso apreciável para a condição de vida dêste povo pacato e abandonado (demasiadamente pacato e conformado — poderá acrescentar). Explicamos-lhe: uma auto-censura estabeleceu-se no íntimo de cada criatura do arraial possuidora ainda de certos resíduos de escrúpulo e de amor próprio — coisas de que já nos desacostumamos aqui e de que só se ouve falar vagamente. Ora, que nos aproveita, no pé a que chegaram as coisas aqui, indagar daquela época que ofuscou o brilho da própria cidade? Que irradiou prestígio por todos os municípios da redondeza e transbordou as arcas do importante distrito? Sim, senhor. Ainda por aí vivem muitos dos homens que assistiram a êsse esplendor, que colaboraram naquela fase áurea da vida do arraial e que hoje se alimentam de tédio e de recordações. Penosas recordações — dizem êles — à falta de coragem para sacudirem êsse torpor e para se reconduzirem à posição digna de cidadãos.

Cidadãos! — é como o fiscal Menezes (nós o conheceremos já) se dirige ao povo nos seus avisos pregados a goma-arábica na tabuleta do Conselho. Então é assim?... E'. Aliás, vigora aqui também uma espécie de lamento que se repete de bôca em bôca até mesmo por aquelas que se abrem abobalhadas diante da tabuleta do Conselho, enquanto olhos preguiçosos custam a transmitir à inteligência o que os lábios soletram. Mas neste terreno árido e sempre mais árido pela inércia e pela covardia dos seus donos, as expressões de revolta e os gestos de ação definham-se no próprio nascedouro e nem se pode imaginar que ouvidos há capazes de distingüir no primeiro momento um som diferente, tão assimilados estão aos rumores inalteráveis de uma vida limitada e meramente conduzida para a satisfação das necessidades preliminares do homem; a noção de progresso se ausente paulatinamente desta comunidade e reduz-lhe ao extremo as qualidades de espírito que alimentam a compreensão da vida coletiva. O comodismo aqui não passa de uma forma lisonjeira da submissão doentia a esta vida sem objetivo e tràgicamente absorvente.

E já que o amigo se interessa por esta vidinha, vamos varar algumas paredes para colhermos alguns flagrantes expressivos. Antes, porém, atentemos nos gestos daquele moço que olha de longe o grupo que lê o último boletim do fiscal. Veja-o como se impacienta. Finalmente, cruza a rua, transpõe a porta do chalé e sobe aos saltos a escada para o pavimento superior; arrasta para perto da mesa do fiscal uma cadeira de palhinha furada, equilibra-se como pode sôbre as quatro pernas do decrépito móvel e desabafa:

— Menezes, você quando escreve aquêles "cidadãos" nos seus avisos não sente nada? Nenhum constrangimento, nenhum arrepiozinho dêsses que nos percorrem a espinha ao lembrarmos de praticar uma ação feia?

O fiscal interrompe o que está fazendo e fita espantado o rapaz que continua:

— Você ainda não reparou como o povo recebe os seus avisos e o ridículo em que está caindo perante a gente de fora que passa por aqui?

Menezes, mão espalmada no ar, exclama:

— Chega! Cada vez que você vem aqui é pra me dizer desaforo! Afinal que sou eu aqui?...

— E' um pobre coitado como eu — replica maciamente o ousado crítico. — Um pobre coitado que se escarnece de si mesmo com a mesma licenciosidade com que o povo manda às urtigas as suas ordens.

E agora menos brando:

— Acorda, Menezes! Já é tempo de se tomar uma atitude nesta terra!

— Mas menino... que quer você que eu faça?

— Tire os "cidadãos" dos avisos, comece por aí. Tenhamos pelo menos um pouco de respeito por nós mesmos, que diabo!

Bem. Pelo visto o amigo traz bons ventos ao arraial. Bonito, hein? Aquêle moço chama-se Delfino, é jornalista, poeta e filho do dono da pensão. Deixemo-lo moendo os miolos do pobre fiscal e vamos descer a rua. Eis a barbearia: não difere daquelas guarnecidas de cristais, cadeiras giratórias e manicuras que o amigo imagina lendo aquêle "Salão Moderno" encimando as duas portas azuis com uma lâmpada de permeio. Duas cadeiras mancas num lado da parede, um banco comprido no outro lado, e ao fundo uma velha poltrona defronte a um espêlho quadrado e sujo de resíduos de môsca; no momento o barbeiro Altino tosa a carapinha de um negro meieiro, cuja mula espera pacientemente à porta. Falam do Menezes porque ainda não mandou tapar o buraco do cano d'água no meio da rua; Altino suspende o serviço, vai até a porta, cospe e volta dizendo:

— Ainda não sei como é que nenhum de vocês teve coragem de dizer isso na cara dêle. Eu cá sou um sujeito *nalfabeto*, tive pouca instrução, não posso estar dizendo aí faz isso, faz aquilo. Mas o Julião, o Lacerda, o capitão Juca..

— Você tombem, uai! — replica alguém na sala. — E olhe: começa tirando aquela cabrita da rua senão o Menezes prende ela. Não é sua aquela?

— E' minha sim — confirma Altino. — Mas olha que eu faço até um benefício ao Conselho soltando a cabrita. Veja aí o capim como está trepando na calçada, veja lá no meio da rua as moitas; o Conselho não pode pagar camarada pra capinar rua, a cabrita come o mato. Mais cabrita tivesse.

Que tal? Prático, não é? Mas o silêncio engole as palavras do Altino e aqui não pescamos mais nada. Transportemo-nos então para a casa daquele homenzinho que lá vai descendo a rua num andar indeciso de quem é sempre levado. Entra e vai direto à cozinha, onde a mulher lida sem cessar; joga para um canto o chapéu, cai sôbre uma banqueta, cruza as pernas, suspira fundo e começa a enrolar um cigarrinho de palha de milho. Agora ouçamos em resposta a tudo isto a mulher:

— Trata de cuidar da vida, homem de Deus!

Quieto, de olhos no fumo.

— Isto não tem cabimento, um chefe de família sem ter que fazer!

Lambe a palha, cola-a e mete o cigarro na bôca. Procura fósforo e não acha, levanta-se, vai à bôca do fogão, apanha o fogo e volta.

— Pensa que maná cai do céu! Se ainda fôsse algum aleijado, algum doente...

— Mas fazer o que, Alzira?...

— Cava! Cava! Eu é que não posso sair pra rua arranjar emprêgo pra marido! Onde já se viu isto?...

— Pois olha: era até bom que você fôsse ver. Vai ver e depois me diga.

— Qual!... O que tu quer é bater perna o dia inteiro na vagabundagem, andar feito negro sujo, bêbedo aí pela rua e mais nada! Bonito exemplo pros filhos, muito bonito!

— Ora, Alzira...

— E' o que te aprecia! Eu cá por mim já discorçoei, não sei mais que fazer pra te dar juizo.

— Ah! Alzira, chega também!

E rua de novo. Faz o mesmo trajeto de volta pela casa dentro e some-se. Agora as catucadas na ferida de Alzira:

— Depois dizem que sogra tem parte com o demônio, mais isso e mais aquilo.

E' dona Júlia, mãe de Alzira.

— Como se pode ver uma coisa dessas sem falar? O Zeca nem parece que é casado e pai de filhos. E' êsse estadããão... Deus me livre!

— Ora, mamãe, deixa...

— Eu sei, eu sei, já não está mais aqui quem falou.

— E o Baldino?...

Ah! O amigo não a tinha notado. Debruçada sôbre a mesa da cozinha a ver e a ouvir tudo; chama-se dona Eulália, a dona Eulália doceira, que mora pegado.

— Se a senhora visse... — continuou ela.

— Dona Júlio resmungou: — Hum...

— ...mete-se lá no botequim do Isauro e é o diiia inteiro! Coitada da Dolores.

Vamos? Sol parado. Olhe: lá vai um vultozinho empurrando-se morro acima. E' o velho sacristão Amadeu. Está em disponibilidade há muito tempo, porque há muito tempo não há padre no arraial e por isso não há missa. Vai tocar os sinos. Chega à cobertinha de telhas defronte à igreja, apruma-se solenemente, prende as cordas dos badalos e expede para todo o arraial o sonoro e melancólico aviso do meio-dia. Meio-dia! Que quietude, hein?... Na rua de cima os rumores são de cascos de cavalos e de rodas de carros sonolentos. De longe vem o lamento penetrante de um carro de bois. Vê-se que está pesadão. Entre a praça e o campo de futebol ergue-se a voz irritada da professôra da escola pública seguida de estalos de régua na mesa. Vamos até lá embaixo. De cima da ponte alguém fala às lavadeiras, enquanto moleques desocupados completam a sinfonia de vozes, marulhos d'água e sovas de roupa nas pedras.

Aprecie esta: a preta Jovina ergue o corpo enxudioso, mete as mãos gorduchas na cintura, amortece o olhar em direção do pedaço de rua que vem acabar bem em cima da ponte, e diz para as companheiras:

— Gente... não é a Dorinha?

As mulheres interrompem o trabalho e seguem o olhar da outra.

— Então? Ela mesmo. Que chiquê, hein? An, an...

— Uê... qual é o dela?

Dorinha vem vindo, de sombrinha empinada, tremelicando sôbre um par de sapatos de saltos a Luiz XV; o vestido e a bôlsa balançando-se no braço dizem que ela está de saída do arraial. Atravessa a ponte sorrindo para as mulheres lá embaixo, retribui cumprimentos e expele veneno no olhar.

— Vou à cidade — informa às mulheres e pergunta-lhes se querem alguma coisa de lá. Não, não queriam nada. Boa viagem só, e que se divertisse. — Que nada! — retruca. — Vou só fazer umas compras...

Espera ali o caminhão do Vieira que vai à cidade e que lá está parado na porta da ferraria. De duas uma, repare: ou a Escola está mal situada ou ali não é lugar para ferreiro, pois com isto se perde boa oportunidade de se distribuirem os sinais de vida do arraial. Os berros da professôra, a ladainha da aritmética, as vibrações do malho e a algazarra da ponte são um desperdício naquele ângulo — um mal urbanístico sem remédio porque o velho André é o dono da sua casa e ali tem a ferraria há muitos anos, e o edifício da escola é o único no gênero no lugar. Alguém aventurou a idéia de mandar-se a escola dali para o sobrado do Conselho, mas o Lacerda (o juiz de paz) e o Menezes deram o contra e o Julião os apoiou com uns argumentos mais ou menos assim:

— Em breve o Conselho vai ser pequeno para outras coisas, e o salão da escola também não vai comportar os alunos que virão.

— Alunos que virão! — explode um cidadão. — Alunos que virão, quando os pais do arraial já regressam à idéia de que escola só serve para ensinar o que se não deve aprender! O próprio Lacerda atesta que as matrículas diminuem dia a dia por causa dessa atitude dos sitiantes de desviarem para a roça os filhos em idade escolar.

— Êles têm lá as suas razões — insiste Julião. — Pensaremos nisso.

E pensando nisso êles vão em boa paz com aquêle marasmo até quando Deus quiser. Mas dona Rosa, por exemplo, já não quer há muito tempo que as coisas permaneçam assim. Conduzimo-lo até lá. Em volta da mesa estão o nosso conhecido Julião, a dona Rosa e os dois filhos do casal. Almoçam. De repente:

— Você já sabe que o Isauro vai mandar o filho pro Ginásio da cidade?

Julião continua de cabeça inclinada sôbre o prato. Dona Rosa prossegue:

— Não sei até quando a gente vai presenciar essas coisas sem fazer nada. A minha paciência já está se esgotando.

Só a voz de dona Rosa.

— Se fôssemos só nós dois vá lá, mas os tempos mudaram; agora temos dois filhos para educar e não podemos ficar afundados aqui tôda a vida.

— Ora, Rosa...

— E'. Ora, Rosa, ora, Rosa... é só o que você sabe dizer; tomar outras providências, nada. Não sei o que te deu na cabeça que só aqui é que se vive.

— Mas, meu Deus! — exclama Julião.

— Será possível que sós nós é que não podemos viver neste lugar?... Só nós é que somos os prejudicados, os explorados, os infelizes, os... os...

(Cont. na pág. 47)

Conto de EDSON KNEIPP ★ Ilustração de M. QUEIROZ


M. Queiroz



FUSIL, O AMIGO FIEL



Para ser pára-quedista é preciso ter muita coragem, músculos, nervos e fôrça de vontade. A águia, rainha dos ares, é o símbolo dêsses soldados, tropa de elite para as missões difíceis

PÁRA-QUEDISTAS — PÁSSAROS DE FOGO

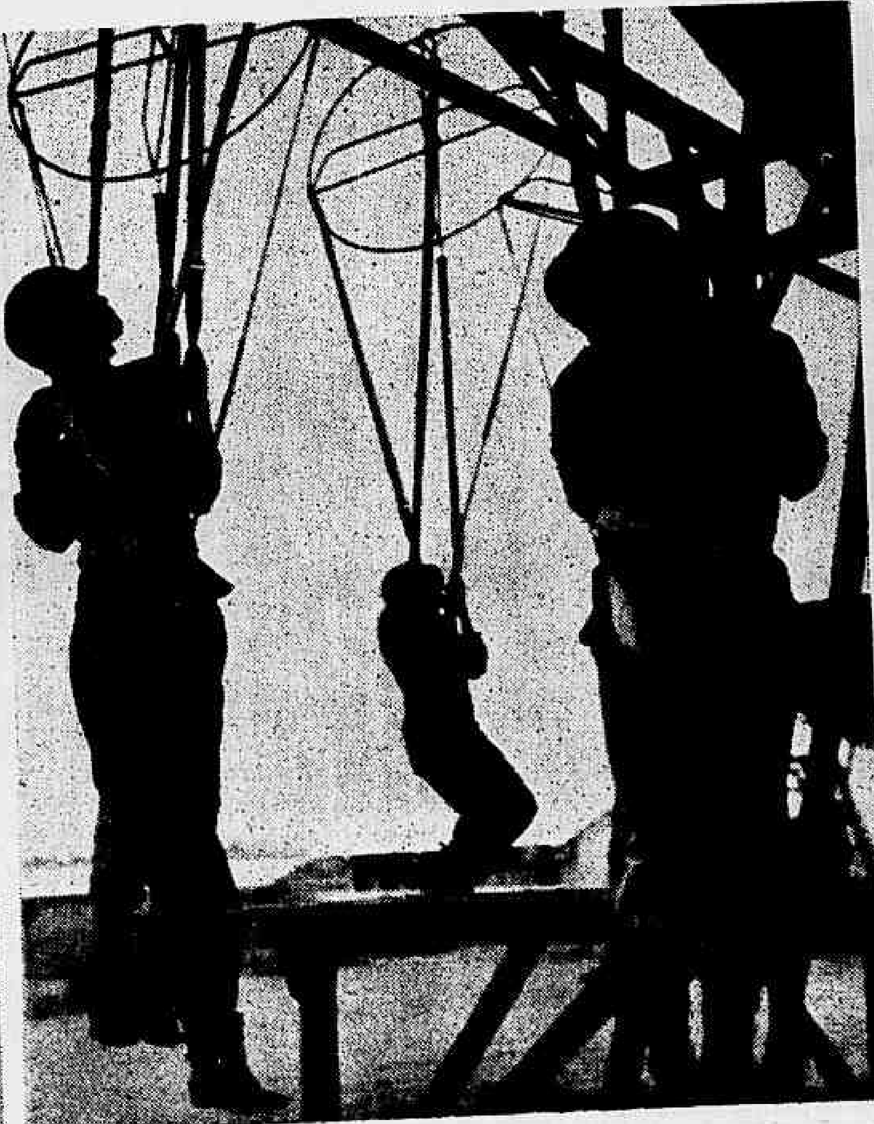
"ÁGUIAS DO EXÉRCITO", HOMENS DE MUITA AUDÁCIA, FÔRÇA DE VONTADE E NERVOS DE AÇO ★ O NOME DE UMA LINDA MULHER NUM SALTO QUE PODE SER FATAL ★ RONDANDO A MORTE NA GUERRA E NA PAZ

Texto de CARLOS DUARTE

Fotos de ADIR VIEIRA

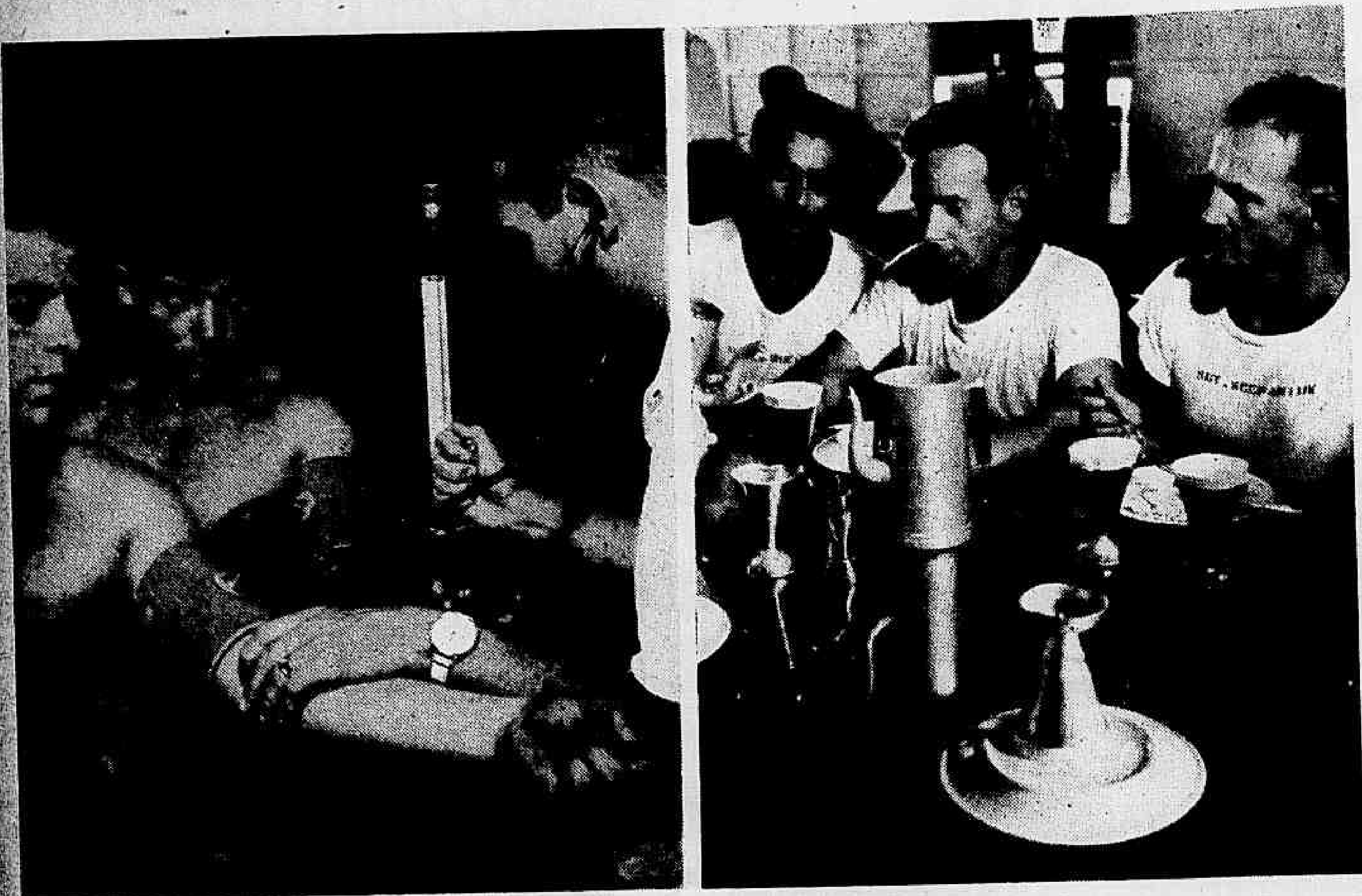
— MAJOR. Paga dez! — ordenou o sargento. E o oficial, sem pronunciar qualquer palavra, afastou-se do grupo que estava em exercicios e foi "pagar" as flexões determinadas pelo sargento. O fato parece estranho, mas acontece quase todos os dias numa das mais novas unidades do Exército — a Escola de Pára-quedistas, localizada em Marechal Hermes. Revolução no



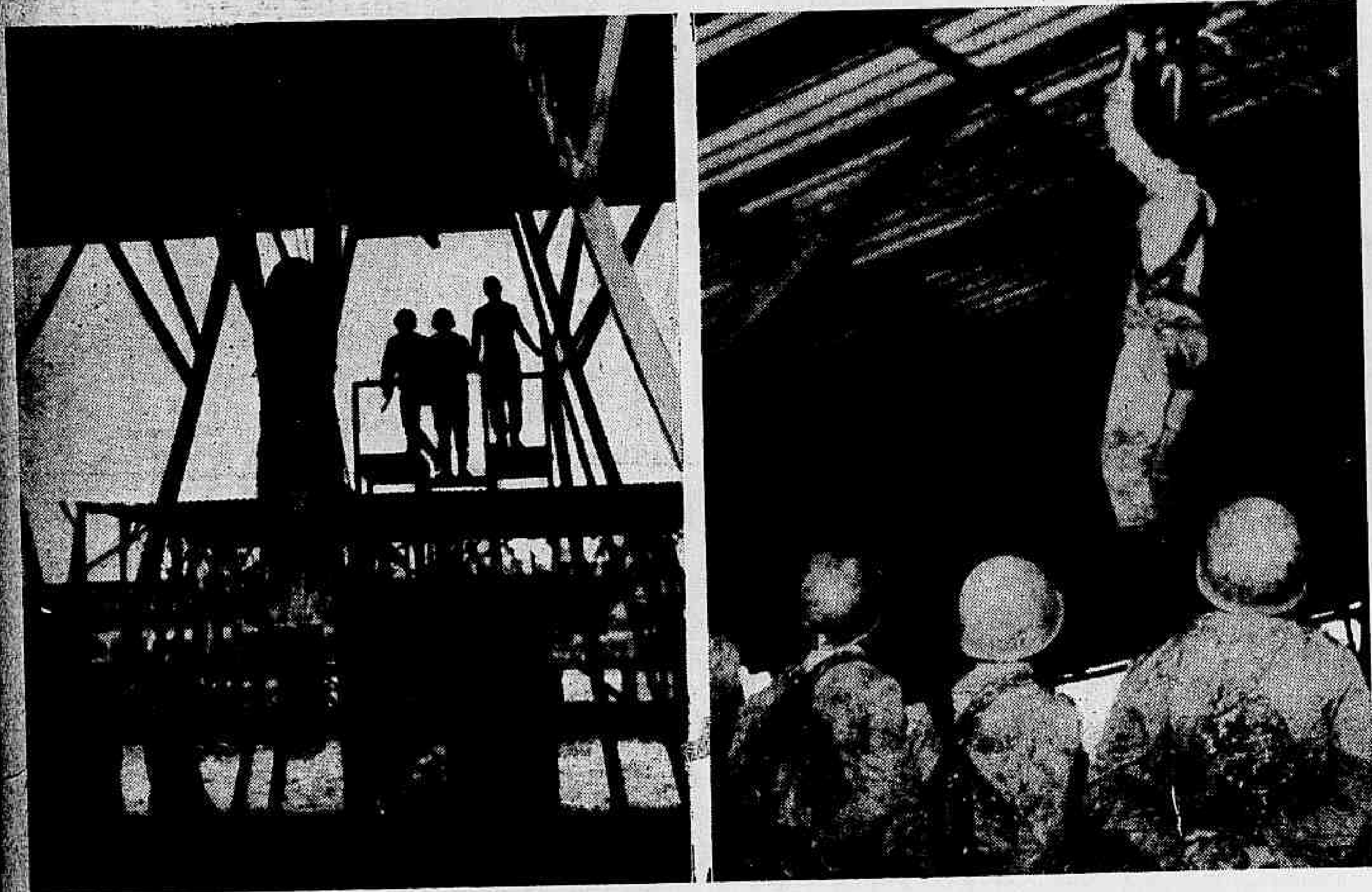




Dominando as cordas do pára-quedas, ora para a esquerda, ora para a direita. Cinquenta minutos dura o exercício, todos os dias. Coragem e músculos não são suficientes



Antes de tudo é preciso ter muito boa saúde. A alimentação especial permite-lhes conservarem-se em boas condições.



Vêm depois os exercícios. No plano inclinado, após deslizarem por um cabo de aço, despencam-se, para aprenderem



a cair, fundamental no salto. O instrutor os corrige. A che gada ao solo também exige técnica especial de posições



"Vamos rir!" — ordena o instrutor. Embora extenuados

conceito da hierarquia, brincadeira do subalterno? Nada disso; apenas a derrocada de preconceitos no curso de pára-quedismo. Ali não há patentes, na hora da instrução; há apenas alunos e mestres da arma que é a maior inovação da guerra moderna.

★

Quando os alemães lançaram a grande ofensiva contra a França, no outono de 1940, as esperanças do mundo democrático se prenderam às muralhas de aço que guarneciam as fronteiras da nação gaulesa e sua vizinha, a Bélgica, cujas defesas também eram consideradas inexpugnáveis. As hordas nazistas, no entanto, se apoderaram das mais poderosas fortalezas belgas com tamanha rapidez que se pensou estivessem lutando contra soldadinhos de chumbo, e assim foi transformada num montão de reluzente inutilidade a famosa "Linha Maginot". Esta façanha não pertence à infantaria nem à artilharia alemã; foi de suas tropas pára-quedistas, uma nova tática que êles introduziram na guerra, e a sua eficácia deixou o mundo estarrecido. Onde a infantaria não podia pisar, lá chegava a tropa pára-quedista, qual uma nuvem de ferro e fogo. Assim caiu a ilha de Creta, onde a guarnição britânica, após uma resistência heróica, foi esmagada pela divisão pára-quedista germânica. O mesmo se repetiu noutros pontos do "front", até que a situação mudou, e os alemães passaram a ser a fera acossada. Os americanos, inglêses e russos tiveram então nos seus pára-quedistas um dos fatôres básicos da vitória final, pela sua extraordinária capacidade de ação por detrás das linhas inimigas sabotando, desmantelando pontes e estradas, espalhando o terror entre as populações civis ou estabelecendo "cabeças-de-ponte" para as grandes incursões da infantaria.

★

Ser pára-quedista, porém, não é coisa fácil. E' viver perigosamente, enfrentando a morte em cada dia de exercício. O pára-quedismo exige homens de nervos de aço.

nuados

Nada
rso de
rução;
r ino-

contra
ado de-
guarne-
nha, a
. inex-
eraram
ha ra-
oldadi-
montão
'. Esta
alemã;
ica que
eixou o
pisar,
de ferro
arnição
da pela
iu nou-
u, e os
ricanos,
stas um
traordi-
inimigas
hando o
cabeças-

ciiver pe-
de exer-
de aço.

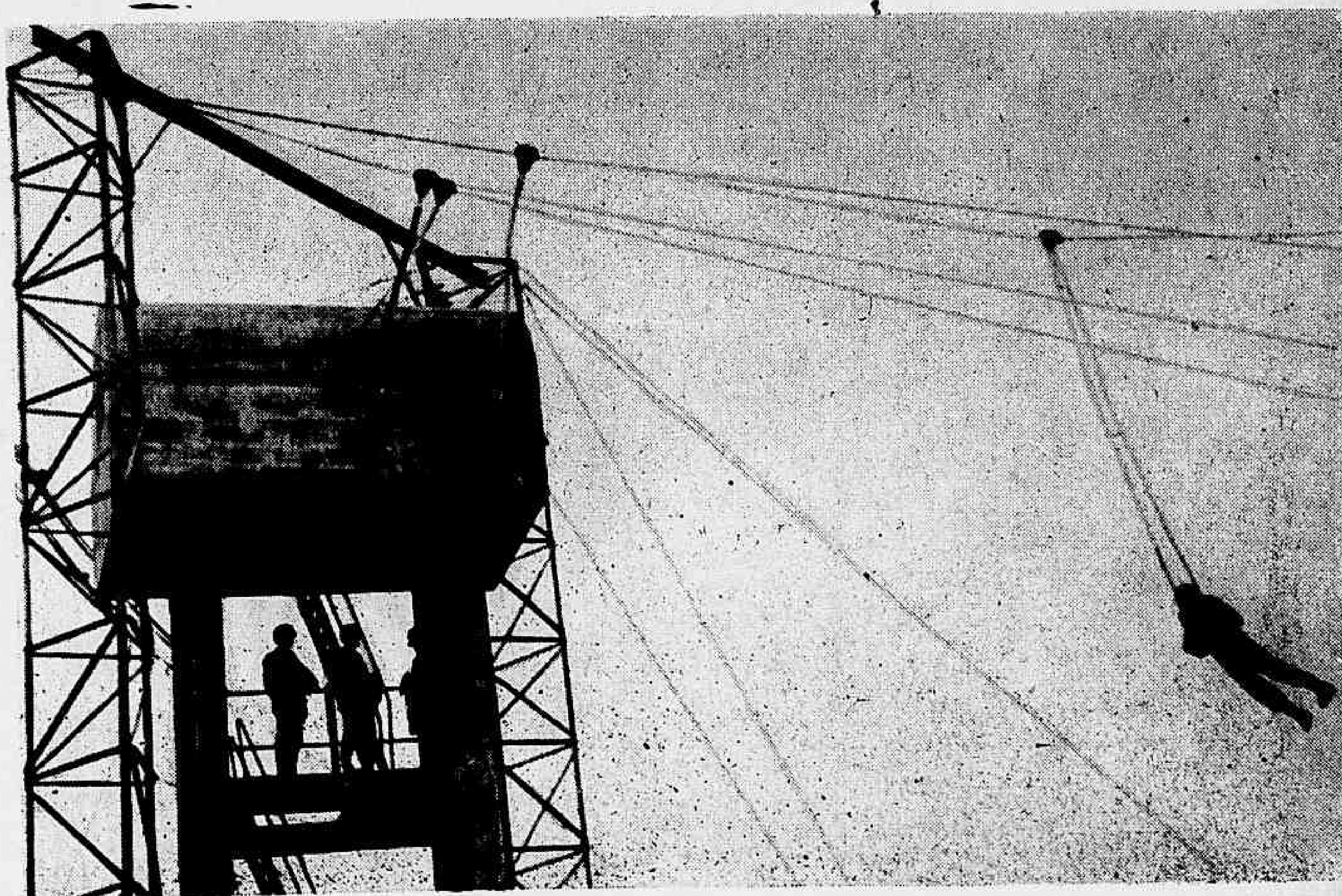


pelos pesados exercícios diários. os alunos obedecem. Basta um começar, para a alegria invadir as faces cansadas. Isso faz parte do preparo psicológico do soldado pára-quedista

Esta reportagem foi feita justamente na Escola dêsse punhado de bravos. Quando lá chegamos, a turma de alunos — 25 homens, robustos oficiais, sargentos e soldados, prestes a terminarem o curso — estava iniciando os exercícios do dia. Sete horas da manhã, um sol bonito despejando a sua luz ardente. Todos suavam fortemente. Os instrutores, sem complacência, davam as ordens: primeiro uma corrida e depois os exercícios calistênicos, isto é, ginástica para desenvolver os músculos de determinadas partes do corpo que interessam epecialmente aos pára-quedistas — braços, pernas e ombros. Exercícios de uma violência inaudita: subida numa corda de 9 metros de altura; "rêde de abordagem", na qual os alunos se lançam qual uma fera à prêsa, galgando-a em seguida e se despencando de uma altura de 4 metros; o chamado "passeio de Tarzan", conjunto de cordas com nós, a 2 metros do chão, pelas quais os alunos têm que passear feito o conhecido herói de aventuras nas selvas; a "falsa baiana", duas cordas paralelas, numa das quais seguram e noutra prendem com os pés, a 3 metros do solo, e pelas quais têm que percorrer 10 metros, enquanto os instrutores balançam-nas, procurando fazê-los cair; a "preguiça", cordas horizontais que têm que atravessar na posição daquele bicho descansado; e ainda os exercícios de barra e flexões dos braços, que arrancam até lágrimas e gritos, de tanto esfôrço desenvolvido pelos alunos, enquanto seus corpos suam, pingando feito bicas d'água.

Três vêzes por semana há corrida de 10 quilômetros ou mais pelas estradas e encostas dos morros adjacentes à Escola, e interessante é que parte do percurso, inclusive subidas, é feito com os braços levantados. Alguns tropeçam nos próprios calcanhares, outros não se aguentam e se jogam ao solo, para um minuto depois recomeçarem. Em qualquer exercício o aluno só pode parar quando suas fôrças não dão mais para mantê-lo de pé ou na posição

(Cont. na pág. 44)



O pulo da "tôrre de salto" é uma miniatura do verdadeiro. E' o primeiro contato que o soldado tem com o abismo



"FALSA BAIANA"



"PASSEIO DE TARZAN"



POS



RÊDE DE ABORDAGEM



SECAGEM DO PÁRA-QUEDAS



DOBRA



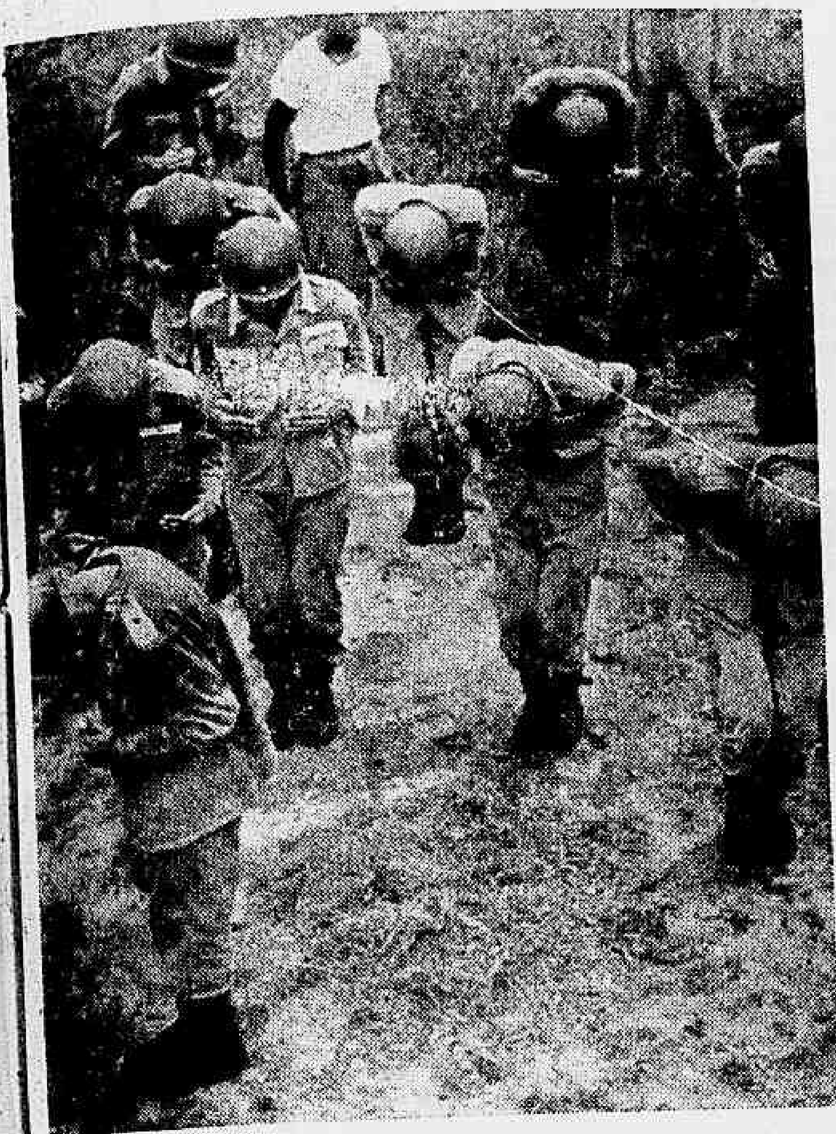
TÔRRE DE SUSPENSÃO



POSIÇÃO DOS PÉS



C



POSIÇÃO DE SALTO



CAPITÃO TRAVISAN. CAPELÃO



DOBRAGEM DO PARA-QUEDAS



PONTARIA IMPECÁVEL

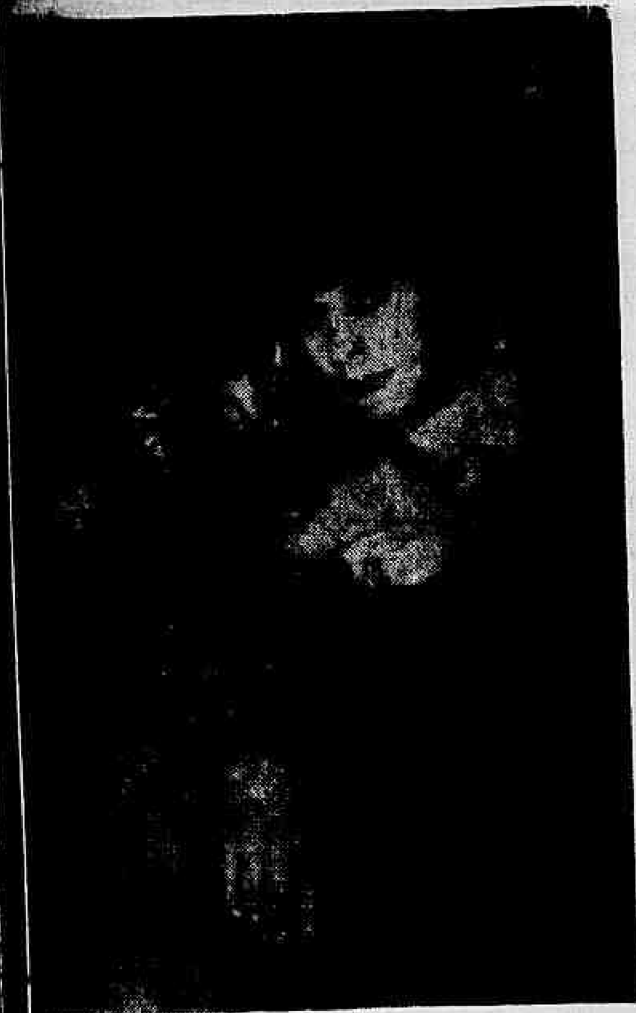


CAÍRAM NO PANTANO



PRONTOS PARA COMBATE



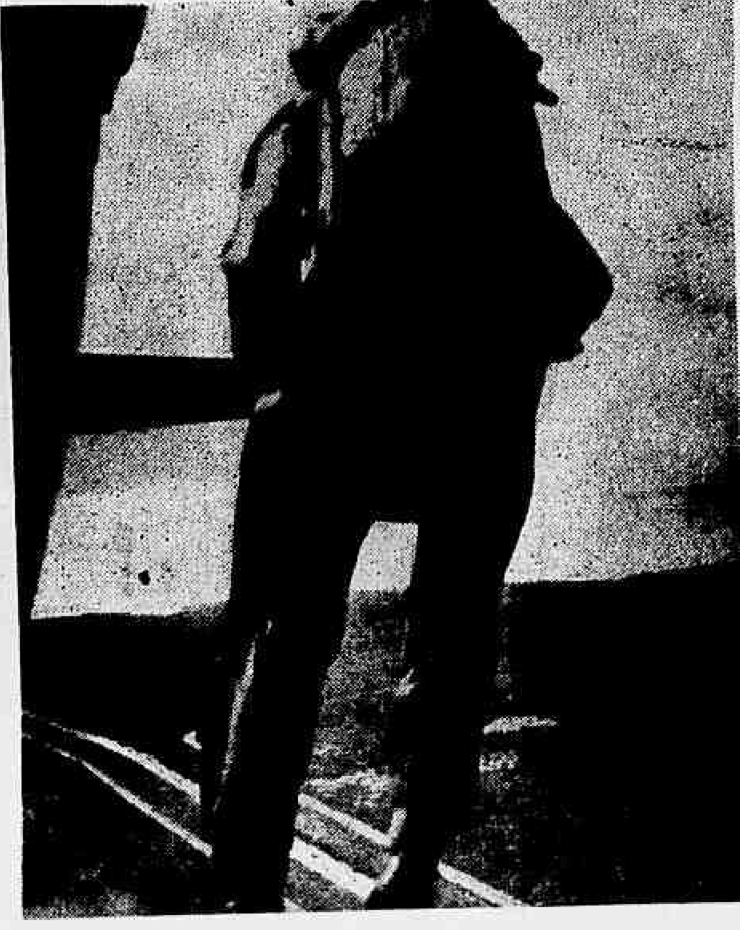






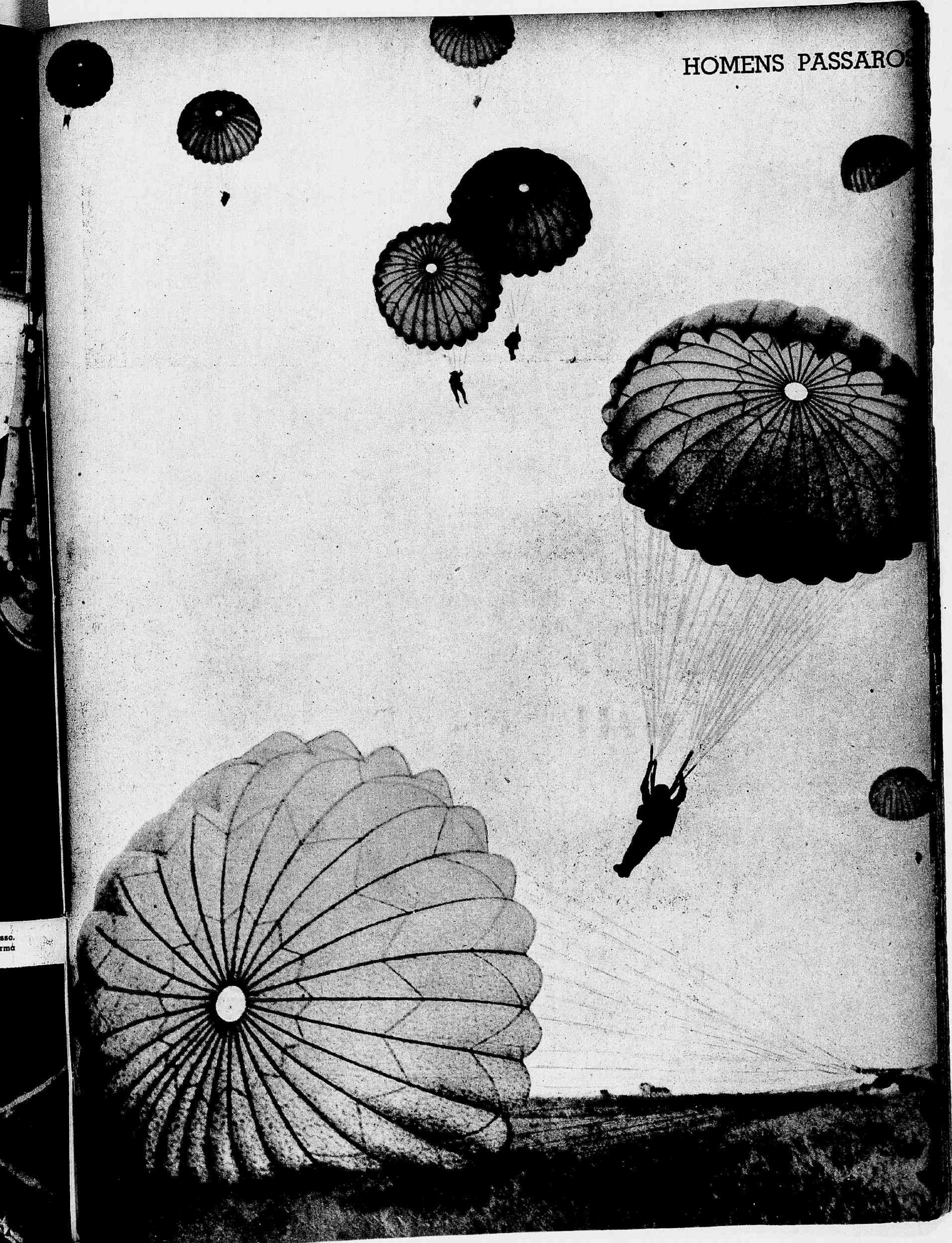
Do chão ao céu e vice-versa. Sequência completa do salto, vendo-se os pára-quedistas nas diferentes fases de sua rotina de salto. Isso, porém, constitui apenas a metade do preparo do pára-quedista, pois em terra deverá ser completado com a especialização da sua arma

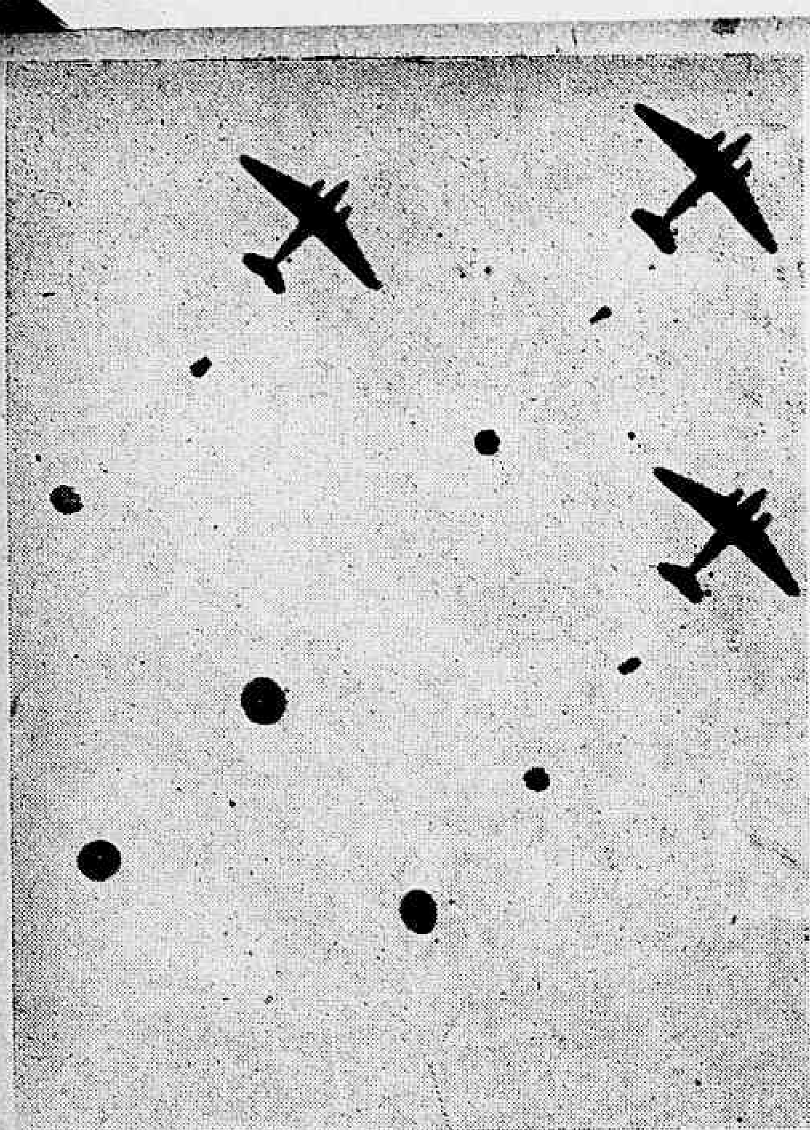












ESQUADRILHA



O "MAE WEST"



SOLITÁRIO



OS INSTRUTORES OBSERV





O "BÔCA-LARGA"



PAVOROSO

Um salto gaiato em frente à Escola de Marechal Hermes e umas caras... horríveis. Efeito do vento, na hora do salto



HORROROSO



PIOR AINDA



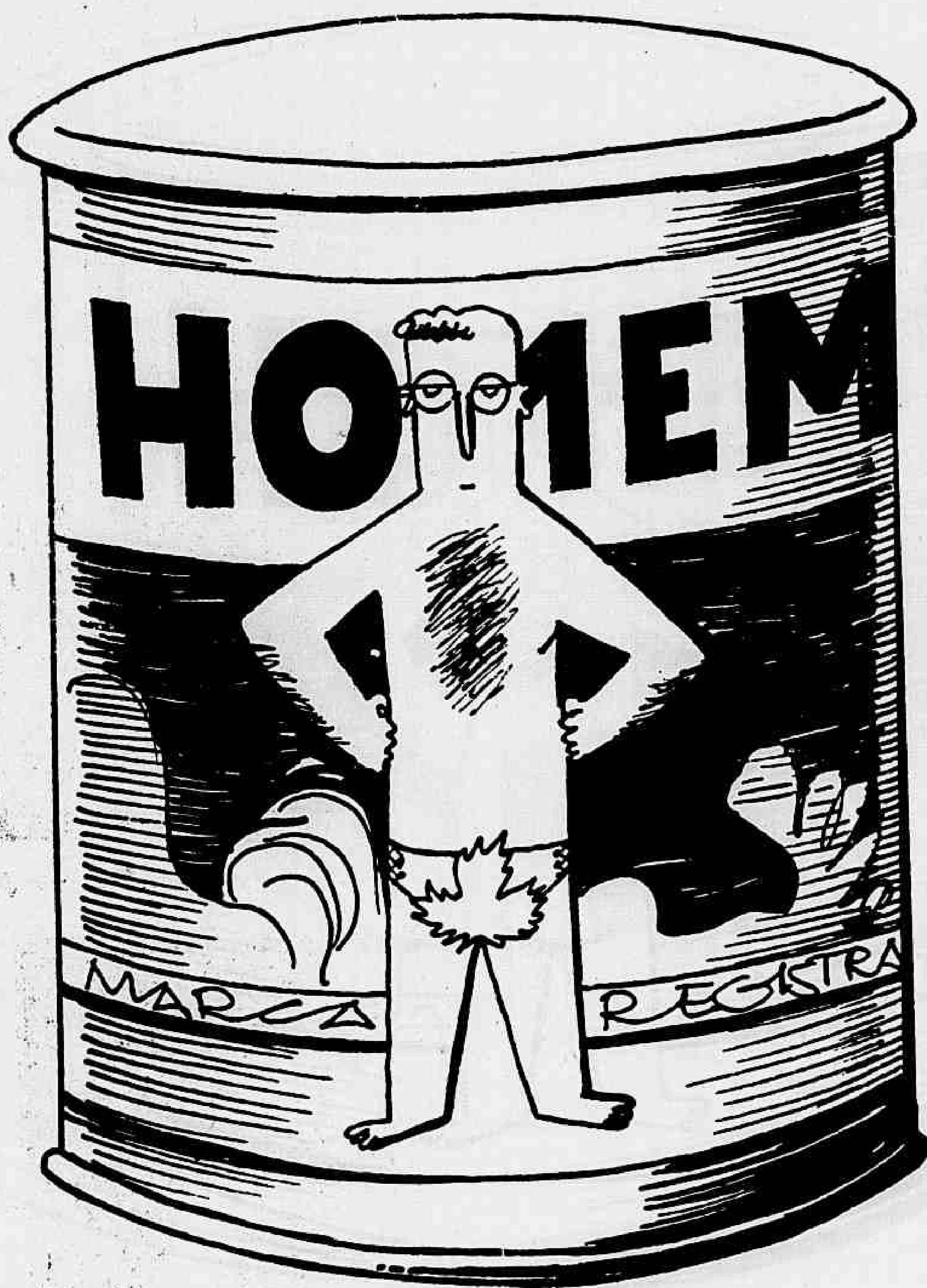
COITADINHO

Nicodemus FAZ PROPAGANDA GRATIS DE UM ANTIQUÍSSIMO PRODUTO USADO PELAS

FILHAS DE EVA

SERVE PARA LIMPAR O ASSOALHO, LAVAR OS PRATOS, TRANSPORTAR EMBRULHOS, FAZER A CAMA E AS COMPRAS, PINTAR AS UNHAS, PENDURAR ROUPA, ASSINAR CHEQUES ...

SOLTEIRAS E CASADAS, IN-DISTINTA-MENTE, O USAM NA CONFECÇÃO DE CRIANÇAS ...



MAS, APESAR DA RECONHECIDA UTILIDADE DÊSSE PRODUTO, SEJA O MESMO VELHO OU NOVO, ESTEJA QUENTE OU FRIO, AS MULHERES CONTINUAM AFIRMANDO QUE ÊLE NÃO SERVE PARA COISÍSSIMA ALGUMA ...

A MULHER
QUE INVENTOU O "IT"

A Morte de Elynor Glyn, há algum tempo, não teve a repercussão que, não fôsse a guerra, o seu desaparecimento acarretaria. Porque Elynor Glyn foi uma grande mulher. Ela foi bem, apesar da aparência frivola e sensual dos seus livros, uma escritora de nosso tempo. Se Katherine Mansfield, também inglêsa, é um dos espiritos femininos representativos da nossa época, Elynor Glyn como que completa a mensagem da alma feminina contemporânea que nos mandou a autora de «Não falo francês». E, com a abundante vida exterior que transbordava nos seus livros, oferecia uma derivante à poesia, sutil e irônica, e tôda interior, da neo-zelandesa que escrevia na mesma lingua que a romancista de Jersey.

Seria injusto subestimar a literatura de Elynor Glyn. Seus livros têm uma inequivoca notação humana. E, como suas heroinas, ela viveu histórias encantadas, aventuras quase inverossimeis, até que se casou e, tendo perdido o marido, se transferiu para os Estados Unidos. E' dessa experiência que se beneficiaram seus romances.

A Califórnia, Los Angeles, Hollywood foram «background» do seu grande êxito. Autora de «cenários» e diretora de filmes, ela completou, pela objetivação, no celulóide, de seus enredos fascinantes, a arte de ficcionista. E depois de criá-los deu vida às suas personalidades, através do cinema. Ao mesmo tempo, a glória, a popularidade e a fortuna, lhe chegavam por meio da nova técnica em que ela lançava os galãs apaixonados e as mulheres obcessionantes de seus livros. Pertence à sua biografia, o episódio com Valentino. Sabe-se que foi Elynor Glyn quem ensinou ao «divo» da tela a arte de apaixonar as mulheres — cujo sucesso, foi uma consagração mundial, não só pelo aplauso que êle conseguiu, em tôdas as platéias, como pelo «romances» que viveu ou que inspirou a mulheres de tôdas as raças e das mais diversas condições sociais... E, de certa maneira, podemos dizer que Valentino foi uma personagem de Elynor Glyn...

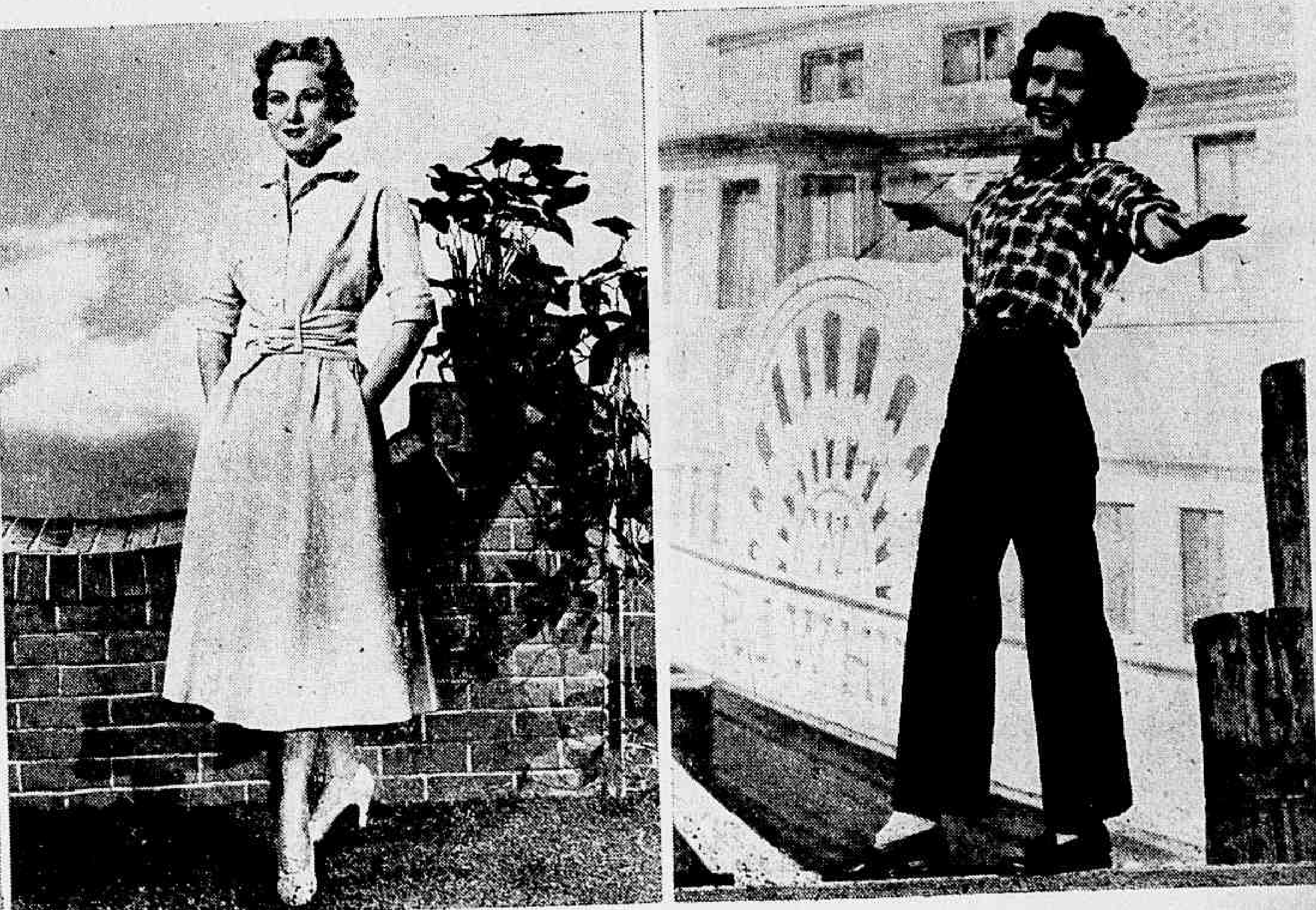
Outra criação dela foi Clara Bow. A artistazinha absolutamente secundária, que era Miss Bow, foi uma das «estrêlas» mais radiantes do céu cinematográfico. Foi ela quem primeiro teve «it»... E essa palavrinha mágica abriu o caminho da glória e da fortuna àquela pequena um pouco vulgar, de «cabelos de fogo», que aparecia no quadrado branco das salas escuras com uma nova técnica da feminilidade e do amor — técnica que Miss Glyn lhe ensinara — e aureolada pelo prestígio de uma palavra nova, que Miss Glyn lhe pusera: era a pequena que tinha «it»..

Desmentindo a má fama corrente que acompanha o sexo loquaz, Elynor Glyn, cujo «it» fêz esquecer tanto de sua biografia interessante, fêz esquecer todos os livros e as próprias realização no cinema — foi a mulher que só disse uma palavra... E' êste o melancólico resultado a que chegamos, verificando o pouco que se recorda de sua literatura e de sua vida... Verificando, também, que o «it», apesar de todos os sucedâneos que lhe arranjaram os fabricantes de beleza de Hollywood, continua como simbolo incontrastável do enconto e do mistério feminino que, através dos séculos, tem preocupado a Humanidade de filósofos, de artistas e de apaixonados. «It»... foi isso o que ela disse... E morreu com 78 anos...

Encantadora Elynor Glyn!...

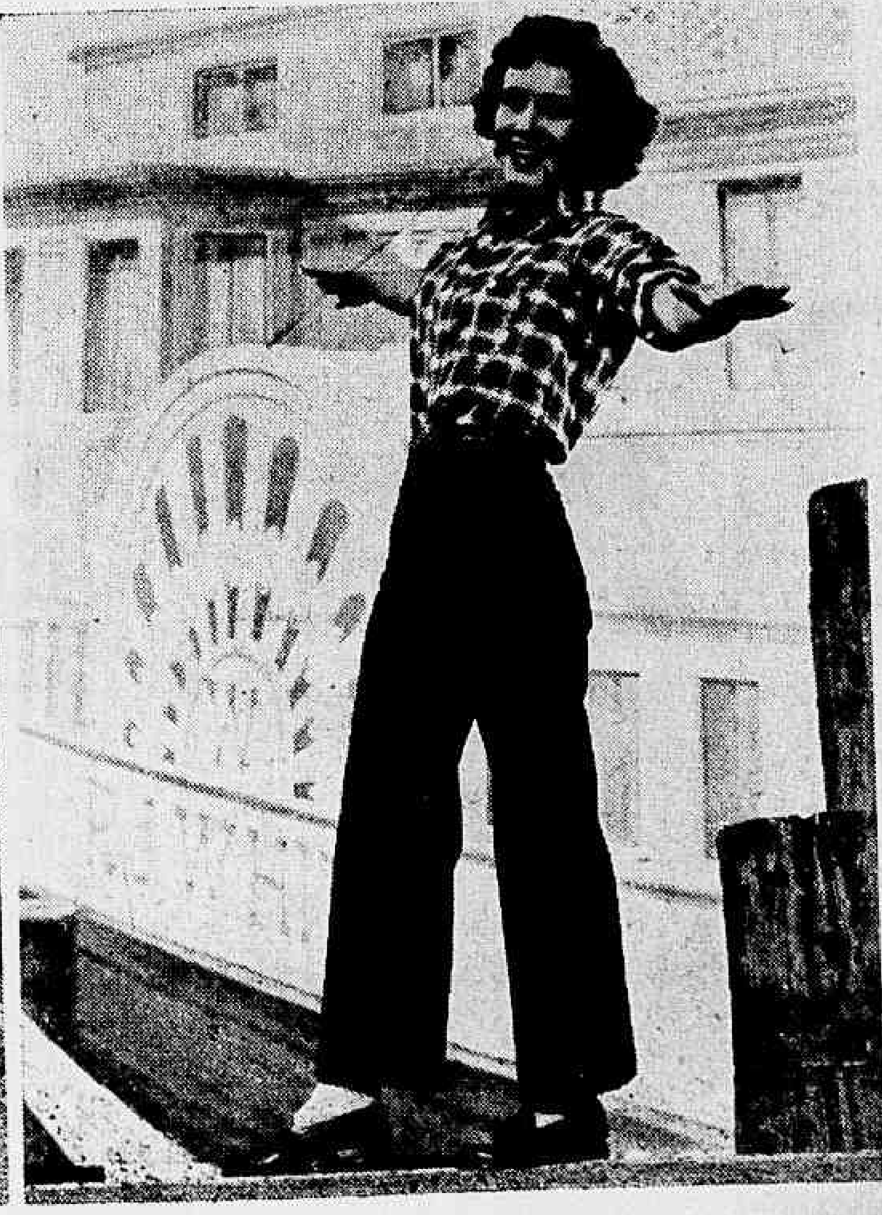
LYSE

QUATRO MODELOS — Bastante práticos e encantadores são êstes modelos que Hollywood nos apresenta para passeios ligeiros. Em cima: Virginia Mayo, modêlo azul-marinho com babados estampados. Em baixo: Alex Smith, Virginia Mayo, Debbie Reynolds apresentando mais três sugestivos modêlos.















DOIS CHAPÉUS E UM PENTEADO

ELEANOR Parker, Alex Smith e Martha Toren, são as três famosas estrêlas de Hollywood que nos apresentam nesta página um penteado elegante e dois sugestivos modelos de chapéus, complementos indispensáveis à beleza da mulher elegante. O penteado à direita é simples, porém de bastante efeito.









ESTAMPADOS MODERNOS



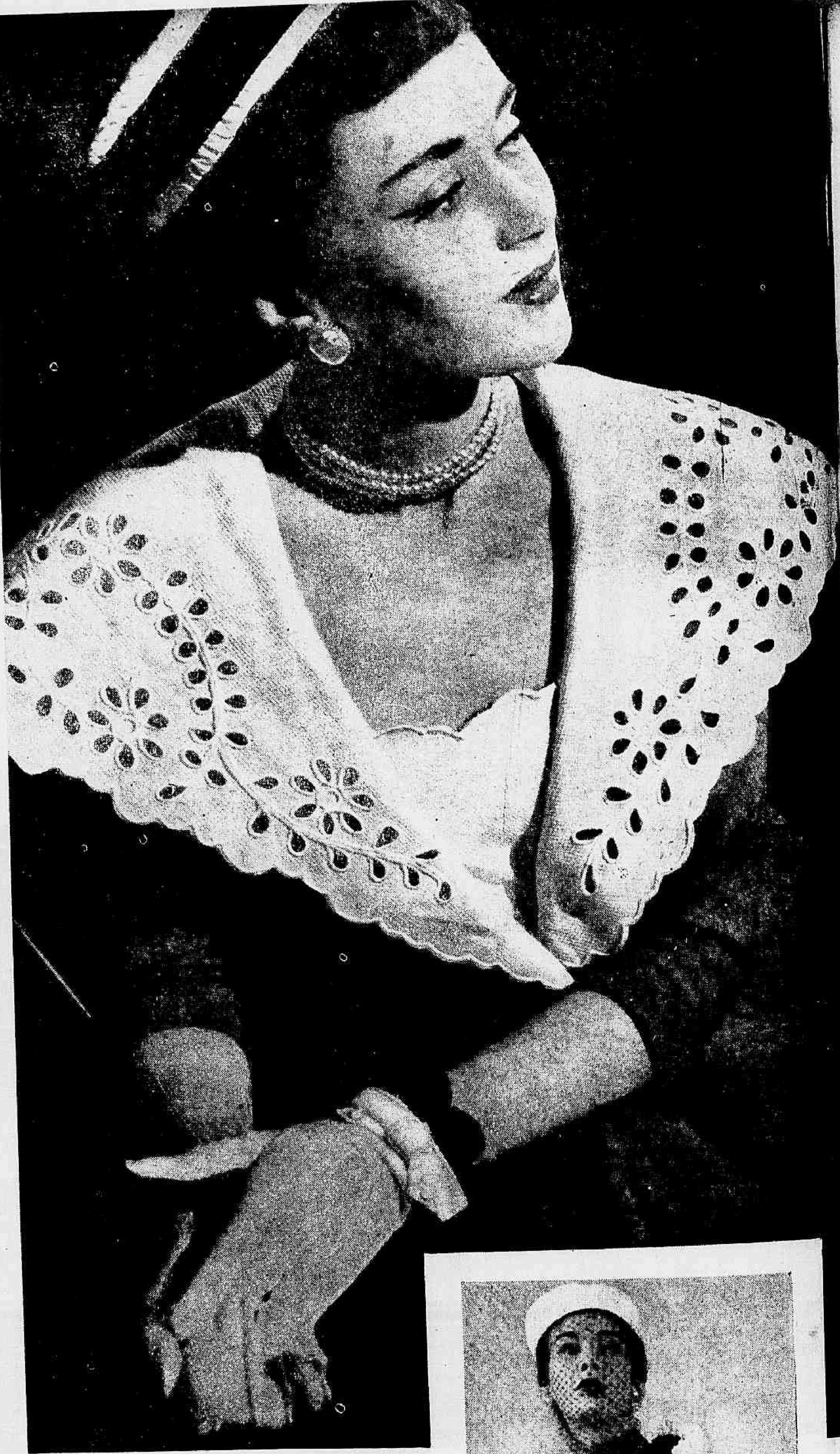
Os tecidos estampados estão sempre em moda, e por existirem em tôda qualidade de fazenda, adaptam-se para qualquer estilo de vestido, mesmo para costumes, como prova o modêlo aqui apresentado. Os outros vestidos são simples mas elegantes e podem servir para diversas ocasiões.











GOLAS E DECOTES

O que dá maior graça a um vestido é a originalidade da gola ou do decote. Muitas vêzes o feitio é simples, mas uma gola moderna e interessante dá-lhe muito maior valor. Aqui estão algumas sugestões que podem ser usadas nos próximos vestidos de outono. À esquerda, em cima: para um vestido de lã cinza, ampla gola em biqué branco, bordado. À esquerda, de cima para baixo: vestido em sêda preta com decote redondo, em volta dêste uma gola branca bordada. Pequeno decote em V, prêso num dos lados da blusa sai um pano enviesado que cai pelas costas. Para vestidos de noite, decote irregular, bem amplo, prolongando-se para o lado, formando duas pontas. Para vestidos esporte, gola dupla e larga, a de baixo, da mesma fazenda do vestido e a superior, em piqué branco.







PAULETTE Goddard, considerada uma das mais bonitas e elegantes estrêlas de Hollywood, apresenta-nos êstes cinco encantadores modelos para várias ocasiões. Em cima, à esquerda, uma modernissima capa em cetim lastex, côr de vinho, a "écharpe" completa a "toilette". À direita, modêlo em tafetá verde esmeralda. Em baixo, em pesada sêda, encantadora sugestão para passeio. Para a noite, temos êstes dois modelos, o primeiro em sêda branca, saia drapeada, busto bordado com vidrilhos multicores e o segundo modêlo em cetim preto, com a parte do busto em tule também preto.

MODELOS DE PAULETTE GODDARD













NÃO se pode dizer que a moda de outono tenha uma uniformidade; usam-se vestidos ou costumes, casacos curtos ou compridos e saias justas ou amplas. Essa coleção de modelos mostra a diversidade de feitios e estilos. Em cima: vestido para noite, em cetim, o corpo atrás é abotoado e o cinto que vem da frente forma um grande apanhado atrás. Enfeitado com tecido de «pois», êste vestido em séda pesada, forma duas pregas na frente da saia. Mangas largas e decote baixo são as características dêste modêlo em lã quadriculada. Em baixo: vestido em lamé, saia plissada e corpo liso com mangas compridas. Original costume em lã cinza, a saia é bem justa e o casaco de mangas franzidas apresenta decote redondo baixo, e é abotoado com grandes botões pretos. À direita: modêlo em linho branco, cinto de couro preto, vestido todo abotoado na frente.





VARIAÇÕES DA MODA



OS CABELOS devem merecer cuidados especiais. Mantenha-os sempre bem penteados, usando para isso um óleo fino e discretamente perfumado.



AS UNHAS também devem merecer tôda a sua atenção. Use, de preferência, para o trabalho, esmalte incolor.

CONSERVE A SUA BELEZA

PARA a mulher que trabalha, Paula Raymond, uma nova estrêla de Hollywood, aponta alguns dos cuidados indispensáveis que você deve ter para manter uma aparência sempre jovem e bela.



AS MAOS bem cuidadas dão à sua aparência um aspecto distinto e agradável; uma loção ajuda-la-á nesta tarefa.



OS LABIOS devem ser pintados a pincel, que espalhará melhor o baton, dando aos mesmos um aspecto mais agradável e também mais distinto.



O «MAQUILLAGE» deve ser discreta e cuidadosamente retocado, devendo ser removido com habilidade o excesso.



MUITÍSSIMO
MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientificamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

Passou a dôr?

-um SORRISO-



graças a

CAFIASPIRINA

O REMÉDIO DE CONFIANÇA





WEEK-END



LOSANGOS DE CASTANHA DO PARÁ

Faça uma calda com 350 gr de açúcar. Junte 250 gr das castanhas moídas, 8 gemas e 3 claras em neve. Misture e leve ao fogo até aparecer o fundo da caçarola. Adicione logo 1 colher rasa de manteiga, despeje num tabuleiro untado e leve a assar no forno. Depois de frio encha com qualquer recheio (doce ou marmeladas).

BALAS DE LICOR

Deite 1 kg de araruta num tabuleiro e leve ao forno brando até mudar de cor, mexendo de vez em quando para não queimar. Retire um punhado e reserve; espalhe o resto no tabuleiro, deixe esfriar, cubra com um papel e alise bem a superfície. Com 1 pauzinho com pontas torneadas (ou mesmo com rôlhas de vidros de perfumes, redondas e enfeitadas) faça pequenas cavidades sôbre a farinha, bem lisas, senão a araruta mistura-se com a calda. Faça uma calda com 250 gr de açúcar cristalizado, clarifique e tome o ponto, 35º pelo sacarômetro, junte logo 1 cálice de licor e retire do fogo. Com 1 cilherinha vá deitando a calda nas cavidades. Deixe esfriar bem e cubra com a araruta reservada, através uma gase. Guarde num armário, e no dia seguinte, retire o pó das balas com um pincel. Pode tingir a calda de acôrdo com a qualidade do licor, e enrolá-las em papel da mesma côr.

BOLACHAS COM MARMELADA

Amasse 200 gr de farinha com 125 gr de manteiga, 1 colher de açúcar, gôtas de essência de baunilha e deixe repousar por meia hora. Abra com o rôlo até meio cm de grossura, corte em rodelas com 1 cálice e leve a assar no forno. Una duas a duas com marmeladas, pincele com manteiga derretida e polvilhe com açúcar, através uma peneira.

ARGOLAS DE POLVILHO AZÊDO

3 pratos de polvilho azêdo, 1 de farinha de milho, 5 ovos. Ferva um prato fundo de leite com 1 de gordura e escalde a farinha de milho. Depois de frio, junte o polvilho, os ovos, alguma nata que tiver, sal e erva doce. Amasse tudo, mas não muito duro, apenas que possa enrolar. Faça argolhas e leve a assar no forno.

CARDINALI DE ABACAXI

Descasque meio abacaxi pequeno, corte em quartos e êstes em pedacinhos finos, sem os centros. Deite numa vasilha, cubra com 2 xícaras de calda fria e bem fina, e deixe a macerar por 1 hora. Ponha em outra vasilha vidrada, 500 gr de açúcar, 1 copo de água fria, o caldo de 4 laranjas ou de 1 limão, e deixe em infusão por 25 minutos. Passe por um pano úmido, incorpore 1 xícara de cognac e 1 de rum. Junte as duas misturas e guarde na geladeira. Na hora de servir, junte 1 garrafa de champagne gelada, e sirva em taças. E' um refrêsco muito fino

MÔLHO REMOULADE

1 cebola de tamanho regular, a mesma quantidade de pepinos em conserva, alcaparras, um pouco de cebolinha e salsa. Pica-se tudo muito bem, acrescentando-se em seguida ao môlho maionese.

Êste môlho vai muito bem com peixe frito e assados frios.

SALADA BELGA

Cozinha-se um aipo em água e sal e corta-se em rodelas de ½ cm. de grossura. Sôbre cada rodela, passa-se um pouco de maionese misturada com páprika e se arrumam as mesmas sôbre um pratinho. Sôbre o aipo, dispõe-se uma camada de salada de chicória que se cobre com um pouco de maionese. Por fim, vai uma camada de peras cortadas em rodelas bem finas. Esta salada é muito saborosa.

GELÉIA DE ENGUIA

Toma-se uma enguia que se fricciona com sal, a fim de se lhe tirar a gosma. Limpa-se, corta-se em pedaços que se cobrem com vinagre morno. Em seguida, levam-se êstes pedaços ao fogo com água e sal, deixando até levantar fervura. Prepara-se um môlho com algumas fôlhas de louro, rodelas de limão e cebolas, sal, pimenta em grão e quantidades de água e vinagre de vinho suficientes para cobrir os pedaços de enguia. Deitam-se os pedaços de enguia neste môlho e deixa-se tudo em fogo brando, sem ferver, até amolecerem os pedaços. Retira-se do fogo e deixa-se esfriar tudo. Unta-se uma fôrma com formato de anel, com azeite e nela se despeja uma camada de geléia. Sôbre esta, dispõem-se os pedaços de enguia e rodelas de limão. Sôbre a enguia, vai outra camada de geléia e leva-se tudo para um lugar fresco, por algumas horas para gelar. Quando gelado, mergulha-se a fôrma, por alguns instantes em água quente e vira-se sôbre um prato redondo. Serve-se com maionese misturada com páprika.

BÔLO DE PÃO E QUEIJO

Pão de centeio, queijo, manteiga, 2 xícaras de caldo de carne, 1 ôvo, cebola. Unta-se uma caçarola com manteiga, nela se deita uma camada de fatias de pão prêto, outra de queijo ralado e outra de pão. Sôbre a última camada, deitam-se pedaços de manteiga, regando-se tudo com caldo de carne. Tapa-se a caçarola que se leva ao forno quente durante ¾ de hora. Um pouco antes de servir, tira-se a tampa e cobre-se o bôlo com o ôvo batido, levando-se novamente ao forno por mais alguns minutos. Por fim deitam-se cebolas fritas em manteiga sôbre o bôlo.

IA COZINHA

CHARLOTTE DE MAÇAS

8 a 10 maçãs, pã de fôrma, manteiga, açúcar, passas e caldo de limão. Unta-se uma fôrma de abrir, forra-se com fatias de pão da grossura de um lápis, passadas em manteiga e embebidas em leite. Colocam-se as fatias de pão bem juntinhas, sem as machucar, e não deixando aparecer nenhum pedacinho da fôrma.

Descascam-se as maçãs, cortam-se em fatias e cozinham-se com manteiga, açúcar, caldo de limão e 3 a 4 colheres de água. Deixa-se ferver até que todo o liquido se evapore, sem esmagar as fatias. Misturam-se depois com as passas e deita-se tudo dentro da fôrma que se cobre ainda com outras fatias de pão passadas na manteiga e no leite.

Batem-se 3 claras, juntam-se as 3 gemas, e torna-se a bater, adicionando-se 2 a 3 colheres de sopa de farinha de tigo, 2 colheres de chá de fermento em pó. Espalha-se isto sôbre o pão e leva-se ao forno moderado.

TORTA DE NAPOLES

150 gr de açúcar, 5 ovos, um pouco de erva doce esmagada, 150 gr de farinha de trigo, 2 colheres de chá de fermento em pó. Bate-se muito bem o açúcar com os ovos, e a erva doce, junta-se a farinha peneirada com o fermento, mistura-se bem e leva-se ao forno médio em fôrma untada e forrada com farinha de pão.

Depois de fria, cobre-se com glacê de limão e enfeita-se com fatias ou gomos de laranja.

TORTINHAS DE VIENA

250 gr de manteiga, 3 ovos inteiros, 2 gemas, 125 gr de amêndoas raladas, 125 gr de farinha, 1 colherinha de fermento em pó, 60 gr de açúcar e um pouco de canela. Junta-se à manteiga levemente batida, e na ordem acima, todos os outros ingredientes e mistura-se tudo muito bem. Põe-se a massa em forminhas untadas e polvilhadas com farinha de pão, sem as encher completamente e leva-se a assar durante meia hora.

FRITOTS DE QUEIJO

Peneire junto 2 xicaras rasas de farinha e 1 colher rasa de fermento. Junte 4 gemas, 1½ xicara de leite de côco ou de vaca, 1 colher de manteiga derretida e 4 claras em neve. Bata bem e guarde na geladeira ou em lugar fresco. Quase na hora de servir junte 1 xicara de queijo aos pedacinhos e frite às colheradas. Sirva com assados ou simples com açúcar e canela e bem quentes.

MARACUJA EM CALDA

Tome 24 maracujás-mirim verdes, tire as cascas bem finas e fendá-os, ao comprido até ao meio, a fim de que fiquem inteiros e com os cabinhos. Tire a polpa pela fenda e leve a cozinhar em água com limão. Depois escorra-os, deite em calda fraca e leve a tomar o ponto que desejar. Se fôr para guardar, tome ponto fraco e deixe a secar no ar. Pode guardar assim, mas também pode mergulhar um a um em calda de açúcar e deixar secar no sol.



MÃE-BENTA ESPECIAL

450 gr de fubá de arroz, 336 gr de manteiga, 450 gr de açúcar, leite de 1 côco, 18 gemas e 2 claras em neve. Bata exageradamente a manteiga com o açúcar, depois junte as gemas e as claras em neve bata ainda e incorpore o resto e leve a assar em caixinhas de papel frisado.

GLACÊ PARA PUDINS

Deite por uns 10 minutos, 3 fôlhas de gelatina de môlho em 3 colheres de água fria. Junte ½ xicara de água quente, dissolva a gelatina, adicione ½ colher de caldo de limão, açúcar até adoçar e 1 clara. Bata bem e leve ao fogo, sempre batendo. Deixe repousar um pouco, e passe por um pano. Se quiser, pode colorir com qualquer côr. Quando principiar a coagular, enfeite os pudins, massas ou sôbre qualquer recheio de massas.

HOLLIDAY SANDWICH

Tome 1 xicara de presunto picadinho, 3 ovos picados, 1 colher de chá de caldo de limão e outra de mostarda preparada (dissolva em vinagre com 1 pitada de sal e outra de açúcar). Misture tudo e deixe repousar umas duas horas. Frite quadrados de pão de fôrma, passe uma camada do recheio e sirva logo. Também pode empregar pão prêto sem ser torrado.

CROQUETTES DE BATATAS

Cozinhe ½ quilo de batatas descascadas, escorra e passe pelo espremedor.. Tempere com sal e junte 1 gema. Deixe descansar ½ hora. Faça os croquettes em fôrma de rôlhas, passe em pó de pão torrado, depois em ovos batidos, novamente no pó e frite em gordura quente. Tenha cuidado para que não furem e se embebam de gordura.

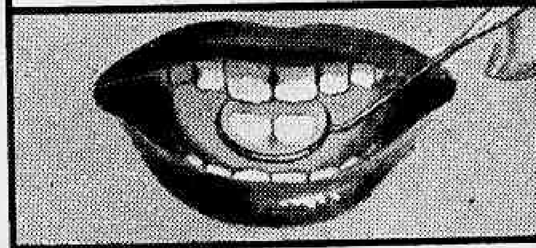
SALADA DE PALMITO

Tire as cascas grossas de uns 3 ou 4 palmitos, parta os centros aos pedaços de 5 cm e vá deitando em água com caldo de 1 limão. Ferva água com sal e jogue dentro os palmitos com ½ talhada de limão e em panela vidrada, para não escurecerem. Prontos, escorra-os num guardanapo e deixe esfriar. Desmanche 2 gemas de ovos cozidos em 4 colheres de azeite, junte 1 colher de vinagre fino, sal e tempere os palmitos cortados em rodelas. Não conseguindo palmitos frescos, pode usar os de lata.

ENCANTADOR
E IRRADIANDO
SAUDE
...é o sorriso da
KOLYNOS-ISTA!

MAS, VEJA ESTE CONTRASTE...

olhe os dentes de outra boca.. cariados e mal cuidados. Isto poderia ter sido evitado, com uma visita ao dentista e o uso diario de Kolynos.



GUERRA ÀS CARIES! SOMENTE KOLYNOS AS COMBATE destes 3 modos

1. ELIMINANDO OS ÁCIDOS DA BOCA
Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contacto com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a película que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa película que as bacterias se ocultam e se reproduzem.

2. DESTRUINDO AS BACTERIAS
A conhecida bacteria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentarias. Somente Kolynos contem certos ingredientes bactericidas que são mortais para essas bacterias. Estudos científicos realizados em famosas universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi cerca de 92% das bacterias da boca. *Este efeito de Kolynos dura varias horas.*

3. LIMPANDO PERFEITAMENTE
A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as partículas de alimentos deixadas pela escova... e mantem os ingredientes protetores de Kolynos na superficie dos dentes, para evitar que se forme nova película. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... *atacando realmente a causa principal das caries.*

Delicioso sabor refrescante!
E ECONÔMICO TAMBEM:
Basta 1 cm. na escova seca.



Melhores resultados são obtidos escovando-se os dentes com Kolynos, depois de cada refeição

K-301

QUASE UM BILHÃO DE CRUZEIROS EM EMPRÉSTIMOS HIPOTECÁRIOS



FLAGRANTE da cerimônia inaugural da Agência Metropolitana do Banco Hipotecário Lar Brasileiro, S. A., em Copacabana, quando falava o Professor Aloysio de Castro sôbre o crescente progresso dessa conceituada instituição de crédito, que, neste ano, completa 25 anos de existência. Com a presença de figuras do alto comércio, indústria, mundo financeiro, e pessoas de destaque em nossa melhor sociedade, inaugurou-se no dia 27 de março último, a primeira Agência Metropolitana do «Lar Brasileiro», instalada em edifício próprio, à Avenida Nossa Senhora de Copacabana n. 661. As instalações dessa nova dependência do «Lar Brasileiro», e notadamente o novo sistema de atender ao público, sistema que bem pode ser chamado de «ordem pessoal», abolido que foi o tradicional balcão, causaram a todos a melhor das impressões. Na cerimônia, o Professor Aloysio de Castro, em nome da Diretoria, proferiu um expressivo discurso, acentuando, a certa altura, depois de dizer que o «Lar Brasileiro» possui, atualmente, cêrca de 63.000 depositantes, que o crescente movimento do Banco demonstra, claramente, a sua magnífica situação. No ano findo, os empréstimos hipotecários atingiram a Cr$ 957.894.2[illegible]7,90 e o valor das garantias, representadas em imóveis urbanos no Rio, São Paulo, Santos, Bahia, Niterói e Pôrto Alegre, somaram Cr$ 1.651.771.505,70. Procedida a bênção pelo Monsenhor Castelo Branco, os presentes visitaram a nova dependência do Banco, a convite do Diretor Superintendente, Dr. Ruy Carneiro, o qual recebeu cumprimentos e felicitações por mais essa realização do «Lar Brasileiro». Ao ser servida uma taça de champagne, o Diretor Dr. James Darcy teceu, como antigo morador de Copacabana, oportunas palavras sôbre aquêle Bairro e sua importância nos negócios imobiliários realizados pelo Banco. Após a cerimônia, a primeira filial Metropolitana do Banco, entrou logo em funcionamento.

OUTRO "OSCAR" PARA OLIVIA...

(Cont. da pág. 16)

do cinema e sòmente duas outras artistas, Betty Davis e Luise Rainer, possuem a honra de tão grande distinção.

Outro contemplado foi Fred Astaire que, co-estrelando com Betty Hutton em «Nasci para dançar» (Let's dance), que veremos brevemente como uma das próximas distribuições em tecnicolor, da Paramount, obteve um prêmio especial. Ganhou um «Oscar» pela sua arte original, que tanto diverte os espectadores dos cinemas, contribuindo, além diso, para elevar o padrão de todos os filmes musicais. O prêmio foi estendido também, como justa apreciação, às contribuições técnicas, de importância vital para todos os filmes dêsse tipo, e devidas à inteligência do rei do sapateado.

Por melhoramentos no campo científico e técnico, e «por feitos de relevante importância no progresso da indstria cinematográfica», a Paramount foi agraciada com dois prêmios. O primeiro foi entregue a Loren L. Ryder, Bruce H. Denny, Robert Carr e ao pessoal dos departamentos de som da Paramount, por haver desenvolvido, aperfeiçoado e aplicado o tocador-de-volta supersônico e o sistema de alto-falante público. O tocador de volta supersônico serve para transmitir instruções, música e marcações de tempo aos atores enquanto filmam. Êstes, por sua vez, são equipados com um receptor do tamanho de um botão, hàbilmente escondido em suas roupas, e que na realidade é um «Play-back» e ao mesmo tempo um sistema de alto-falante público. O segundo prêmio foi entregue ao Dr. Charles R. Daily, Steve Csillag e aos departamentos de engenharia, música e editorial da Paramount, pelo aperfeiçoamento de um novo método de precisão para computar movimentos variáveis de tempos de música. Êste novo método é usado durante as gravações dos discos e serve para auxiliar o sincronismo da música com a ação anteriormente fotografada, tornando por isso, trabalho fácil, eficiente e rápido, uma operação que antes era sobremodo complicada e que requeria perda de tempo precioso para sua realização

No campo dos shorts — filmes de curta duração — a Paramount viu-se premiada mais uma vez, pois o filme «Ninfas... numa piscina de luxo» (Aquatic house-party), um curta-metragem esportivo de Grantland Rice produzido por Jack Eaton, foi considerado o melhor de quantos apresentados.

A seleta assistência ao julgamento da Academia passou por uns momentos de verdadeira satisfação quando o presidente da mesma, Charles Brackett, anunciou a instituição de um prêmio especial para Cecil B. De Mille, obedecendo ao motivo de se manter «por trinta e sete anos na liderança pioneira dos filmes de Hollywood». Cecil B. de Mille recebeu, na ocasião, o título honorífico de «Senhor Espetáculo» e o presidente Brackett dissertou eloqüentemente sôbre a vida dêsse incansável diretor, famoso no mundo inteiro. O trabalho, a evolução, as conquistas e as contribuições de Mille, para a sétima arte e a ciência cinematográfica, desde seu primeiro filme «Amor da Índia» (The Squaw Man), que foi também o primeiro filme rodado em Hollywood, até o presente sucesso de «Sansão e Dalila» (Sanson and Delilah), tôda sua comprida carreira foi reevocada entre as palmas dos assistentes. Na ausência do contemplado com o prêmio, que se acha na Flórida, dirigindo os últimos detalhes de seu próximo grande lançamento «The Greatest Show on Earth» ainda sem título em português, a estatueta do «Oscar» foi entregue a sua espôsa, Sra. De Mille.

Aí está o que foi parte do último julgamento da Academia de Artes Cinematográficas de Hollywood, em que foram premiados artistas e técnicos, mostrando assim o interêsse da Meca do Cinema para o progresso de sua maior indústria, de que esperamos um glorioso soerguimento.

(Fotos Paramount)

PÁRAQUEDISTAS-PÁSSAROS...

(Cont. da pág. 27)

necessária, ficando todos sob observação dos instrutores desde o início do curso, de forma que os candidatos menos resistentes são eliminados logo de começo, sejam soldados, oficiais ou sargentos.

Há, porém, razão para êsse regime tão violento.

★

A manhã dêsse dia era dedicada, tôda ela, a tais exercícios, e à tarde, à prática de dobragem do pára-quedas, requisito dos mais importantes do curso. Há a respeito dez recomendações que o pára-quedista tem que cumprir como os mandamentos da lei de Deus, por uma razão muito simples: qualquer descuido na dobragem do aparelho poderá ocasionar a morte de um companheiro, quando não a do próprio dobrador. Uma das recomendações, por isso, diz que o aluno deve dobrar o pára-quedas como se êle fôsse o seu, e isso pode acontecer no dia do salto.

No dia seguinte pudemos ver, então, como se aprende a saltar. Inicialmente os instrutores passam um filme exibindo as diferentes fases do salto até a ação em terra. Vem depois uma série de exercícios em aparelhos. Começa pela "aterragem de plataforma", onde os futuros pára-quedistas aprendem a cair; em seguida, a "falsa porta", um simulacro de avião, onde aprendem a sequência de comandos e movimentos que antecedem ao salto; e, sucessivamente, a "tôrre de salto" (que os instrutores chamam de "pequena tôrre", porque há a grande, de 80 metros de altura, que a Escola não tem), de 14 metros de altura, da qual os alunos se lançam ao espaço como se estivessem saindo de um avião, a fim de se acostumarem ao abismo e a controlar os nervos; o "plano inclinado", em que o aluno é largado ao solo, de certa altura, depois de deslizar alguns metros por um "trolley" prêso a uma correia de aço. Todos os exercícios são feitos sob rigoroso contrôle dos instrutores, pois a falha de qualquer um dêles, no salto, pode significar uma perna, um braço ou a coluna-vertebral quebrada para o pára-quedista. Outro aparelho, o "balanço", prêso ao qual ficam, suspensos no ar, permite a correção da posição que se deve manter ao ganhar o espaço. O pára-quedista tem que observar certos requisitos de defesa da cabeça contra os golpes de vento e as correias do pára-quedas, que, como fogo, lhes queima a pele do rosto se o tocarem na vertiginosa queda, ao abrir-se o aparelho. O aluno aprende ainda a controlar o pára-quedas no solo, sob a ação do vento provocado pelas hélices de um avião ou um possante ventilador, conforme o cinema nos tem mostrado.

O rigor com que são feitos todos êstes exercícios torna-os tão cansativos quanto os físicos, e não raro alguns alunos se machucam. Mesmo assim quase sempre continuam firmes. Só em último caso pode o candidato interrompê-los, e quem faltar na instrução do dia seguinte estará automàticamente desligado do curso. Para qualquer falha que os instrutores observarem durante as instruções há um castigo, que consiste em mandar o aluno fazer 5, 10, 15, 20 ou mais flexões com os braços no solo, como aconteceu com o major a que nos referimos de início. Êsse sistema de castigos substituiu a cadeia no quartel, inclusive para os recrutas, a não ser que seja cometida uma falta por demais grave. Os resultados têm sido excelentes, muito melhores que se trancafiassem os transgressores da disciplina ou regulamentos no xadrez. Como fazer ginástica cansa, todos procuram tudo fazer com correção.

★

O mais emocionante exercício do curso é o salto da "pequena tôrre", miniatura do salto real. Embora os futuros pára-quedistas saibam que ficarão presos no ar a poderosos cabos de aço, é de causar mêdo. Os instrutores, por isso, costumam, nos primeiros dias do curso, saltar na frente, para dar o exemplo. Recentemente, ao saltar um aluno, partiu-se o cabo e o rapaz só por sorte não perdeu a vida; apenas fraturou um braço. Foi interrompida a instrução e no dia seguinte quatro voluntários saltaram na frente, um em cada cabo de aço da tôrre,

(Cont. na pág. 47)



ESTÃO circulando entre Rio-S. Paulo e Rio-Belo Horizonte os novos trens de luxo, dotados de tôdas as condições de confôrto moderno.

As referidas composições de aço inoxidável, que dispõem de carros-salões, dormitórios, etc., providos de ar condicionado e amortecedores hidráulicos, farão o percurso de acôrdo com o horário abaixo:

Novos trens de luxo para São Paulo e Belo Horizonte

1) — RAMAL DE SÃO PAULO

Trem de Luxo "Santa Cruz" (DP-3) — IDA

ESTAÇÕES	Chega	Parte
D. Pedro II	—,—	22,20
Barra do Piraí	0,30	0,36
Cachoeira Paulista	3,30	3,36
Roosevelt	8,45	—,—

Trem de Luxo "Santa Cruz" (DP-4) — VOLTA

ESTAÇÕES	Chega	Parte
Roosevelt	—,—	22,30
Cachoeira Paulista	3,34	3,40
Barra do Piraí	6,34	6,40
D. Pedro II	8,30	—,—

2) — LINHA DO CENTRO

Trem de Luxo "Vera Cruz" (D-3) — IDA

ESTAÇÕES	Chega	Parte
D. Pedro II	—,—	20,30
Barra do Piraí	22,45	22,53
Três Rios	0,35	0,43
Juiz de Fora	2,04	2,11
Santos Dumont	3,08	3,15
Rocha Dias (cruzamento)	3,53	3,56
Barbacena	4,49	4,53
Conselheiro Lafaiete	6,38	6,45
Belo Horizonte	10,35	—,—

Trem de Luxo "Vera Cruz" (D-4) — VOLTA

ESTAÇÕES	Chega	Parte
Belo Horizonte	—,—	21,30
Conselheiro Lafaiete	1,20	1,25
Barbacena	3,12	3,16
Rocha Dias (cruzamento)	3,55	3,57
Santos Dumont	4,24	4,29
Juiz de Fora	5,29	5,34
Três Rios	6,59	7,02
Barra do Piraí	8,45	8,55
D. Pedro II	11,10	—,—

Para outras informações, poderão os interessados dirigir-se à Agência de D. Pedro II, diretamente, ou pelos telefones 43-2000 e 43-3360, e às Agências de Roosevelt e Belo Horizonte.

PREÇOS DAS PASSAGENS:

1) — RAMAL DE SÃO PAULO

Trem de Luxo "Santa Cruz" (DP-3) — De D. Pedro II para as estações abaixo:

ESTAÇÕES	Passagens Simples Cr$	Passagens Ida e Volta Cr$
Barra do Piraí	64,10	116,00
Cachoeira Paulista	107,80	193,20
Roosevelt	157,60 257,60 * 307,60 **	283,70 383,70 * 433,70 **

Trem de Luxo "Santa Cruz" (DP-4) — De Roosevelt para as estações abaixo:

ESTAÇÕES	Passagens Simples Cr$	Passagens Ida e Volta Cr$
Cachoeira Paulista	100,70	181,00
Barra do Piraí	136,30	244,10
D. Pedro II	157,60 257,60 * 307,60 **	283,70 383,70 * 433,70 **

* — Passagem com leito em carro da série 301.
** — Passagem com leito em carro da série 401.

2) — LINHA DO CENTRO

Trem de Luxo "Vera Cruz" (D-3) — De D. Pedro II para as estações abaixo:

ESTAÇÕES	Passagens Simples Cr$	Passagens Ida e Volta Cr$
Barra do Piraí	64,10	116,00
Três Rios	91,50	164,80
Juiz de Fora	109,80	198,30
Santos Dumont	122,10	218,70
Barbacena	134,20	240,00
Conselheiro Lafaiete	151,50	271,50
Belo Horizonte	185,10 285,10 * 335,10 **	333,60 433,60 * 483,60 **

Trem de Luxo "Vera Cruz" (D-4) — De Belo Horizonte para as estações abaixo:

ESTAÇÕES	Passagens Simples Cr$	Passagens Ida e Volta Cr$
Conselheiro Lafaiete	85,40	154,60
Barbacena	106,80	191,20
Santos Dumont	120,00	214,60
Juiz de Fora	131,20	234,90
Três Rios	147,50	264,40
Barra do Piraí	163,70	293,90
D. Pedro II	185,10 285,10 * 335,10 **	333,60 433,60 * 483,60 **

* — Passagem com leito em carro da série 301.
** — Passagem com leito em carro da série 401.



Aspecto tomado no dia da inauguração dos novos trens de aço, vendo-se o interior de um carro-restaurante

A SAÚDE DO BEBÊ

FORMAS INSIDIOSAS DA TUBERCULOSE DA CRIANÇA

DR. SABOIA RIBEIRO

A tuberculose na criança em geral e mormente no menino de peito oferece muitas vêzes um quadro na aparência benigno, confundido com outros estados antes banais e corriqueiros.

Na criança, porém, em idade tenra, e sobretudo nos primeiros quatro anos, qualquer indicação da presença da infecção, deve merecer todo o cuidado, levando logo a uma investigação do estado dos pulmões pelos Raios X.

E' a reação positiva da tuberculina que constitui êsse primeiro grito de alarma na idade dos primeiros anos; se, com ela, coincidem alguns sinais, como uma febrícula pertinaz, um estado de desnutrição, a anemia e os raios X revelam a lesão pulmonar — uma lesão típica na criança — então é já a *tuberculose manifesta* da criança.

Se a reação positiva não se acompanha, porém, de quaisquer sinais, clínicos ou radiológicos, não se falará, então, em tuberculose, revelando a eventualidade, apenas, que a criança, atacada pelo micróbio, dêle se defendeu e está vacinada.

De 0 a 4 anos, a regra é a criança ser virgem da infecção tuberculosa, pois sòmente 16% *dão reação positiva à tuberculina.*

O fato, portanto, de reação positiva à tuberculina, dentro dêsse período, deve conduzir a outras investigações, a fim de esclarecer se existe uma tuberculose em evolução, ou apenas um estado vacinal da criança, que a protegeu em face de outros contágios.

Tal investigação tem real importância prática, pois uma criança de tenra idade, com reações positivas à tuberculina, está particularmente sujeita ao despertar de uma manifestação aguda da tuberculose, no decurso das infecções comuns da infância, como principalmente a gripe, a coqueluche, o sarampo.

Dentre essas manifestações, as mais freqüentes são a miliar e a meningite, ambas expressão da cepticemia tuberculosa.

Não se conhecendo bem o terreno da criança, em relação à tuberculose, nunca se poderá julgar moléstias banais, e nenhuma destas últimas infecções que, nas crianças predispostas à tuberculose, têm grande tendência a despertá-la, quando ainda em lactência, ou apenas deixando-se revelar pelas provas da tuberculina ou os raios X.

No entanto há sempre desconfiar da tuberculose da criança em face de outros sinais que atestam a existência da moléstia, sinais, de resto, mais ou menos insidiosos, porque, de fato, se parecem, e às mais das vêzes são interpretados como outros estados.

Neste caso, precisamente, está a *tuberculose ganglionar generalizada*, onde há atrofia, desarranjos do aparelho digestivo a despeito da mais bem orientada alimentação, anemia. Uma particularidade, aqui, é que as reações da tuberculina podem dar negativas; porém os Raios X revelam a verdadeira natureza da moléstia.

Nas *infiltrações perifocais* a criancinha só mostra uma febrícula arrastada, persistente, senão sempre, mas muitas vêzes; os raios X denunciam a infiltração em redor do foco primário; a prova da tuberculina dá positiva.

As crianças mais crescidas apresentam uma forma de todo em todo benigna, porém nem por isso menos molesta para elas. E' a chamada *adenopatia traqueobrônquica*. E' uma tuberculose localizada, consiste na hipertrofia dos gânglios da bifurcação da traquéia. Êstes, aumentados de volume, comprimem-na, e daí respiração ruidosa e uma tosse capaz de confundir-se com a da coqueluche, mas que não é.

E' uma tosse característica, em dois tons, um som agudo e outro grave — *tosse sêca e bi-tonal* dos médicos.

Enfim, a *escrufulose* está compreendida entre as manifestações da tuberculose na criança. A criança escrufulótica apresenta um aumento dos gânglios submaxilares e da nuca, cujo desenvolvimento se faz a pouco e pouco e sem dor. Só mais tarde amolecem, adelgaça-se a pele por cima, os gânglios se fundem, e rompem a pele, formando fístulas. A escrufulose é manifestação crônica sem perigo letal em si mesma (Muito comum acompanhar-se de conjuntivite, dita flictenular).

Não abordaremos as manifestações agudas da tuberculose nem as de natureza cirúrgica, porque nosso escopo, neste trabalho, é antes de caráter preventivo, ou seja, quisemos apenas chamar a atenção para certos aspectos da tuberculose infantil que comporta as medidas de prudência e prevenção de modo a evitar as formas graves ou suas conseqüências.

Resumiremos nossos conceitos, dizendo que os únicos recursos de certeza para diagnosticar uma tuberculose da criança, são as reações à tuberculina e os raios X, a primeira de valor imenso nos primeiros tempos, os dois, em suma, se completando. Vale frisar, porém, que uma chapa positiva para a tuberculose e reações à tuberculina negativas, em suas várias diluições, deve afastar necessàriamente a hipótese de tuberculose, salvo um estado geral simplesmente péssimo.

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

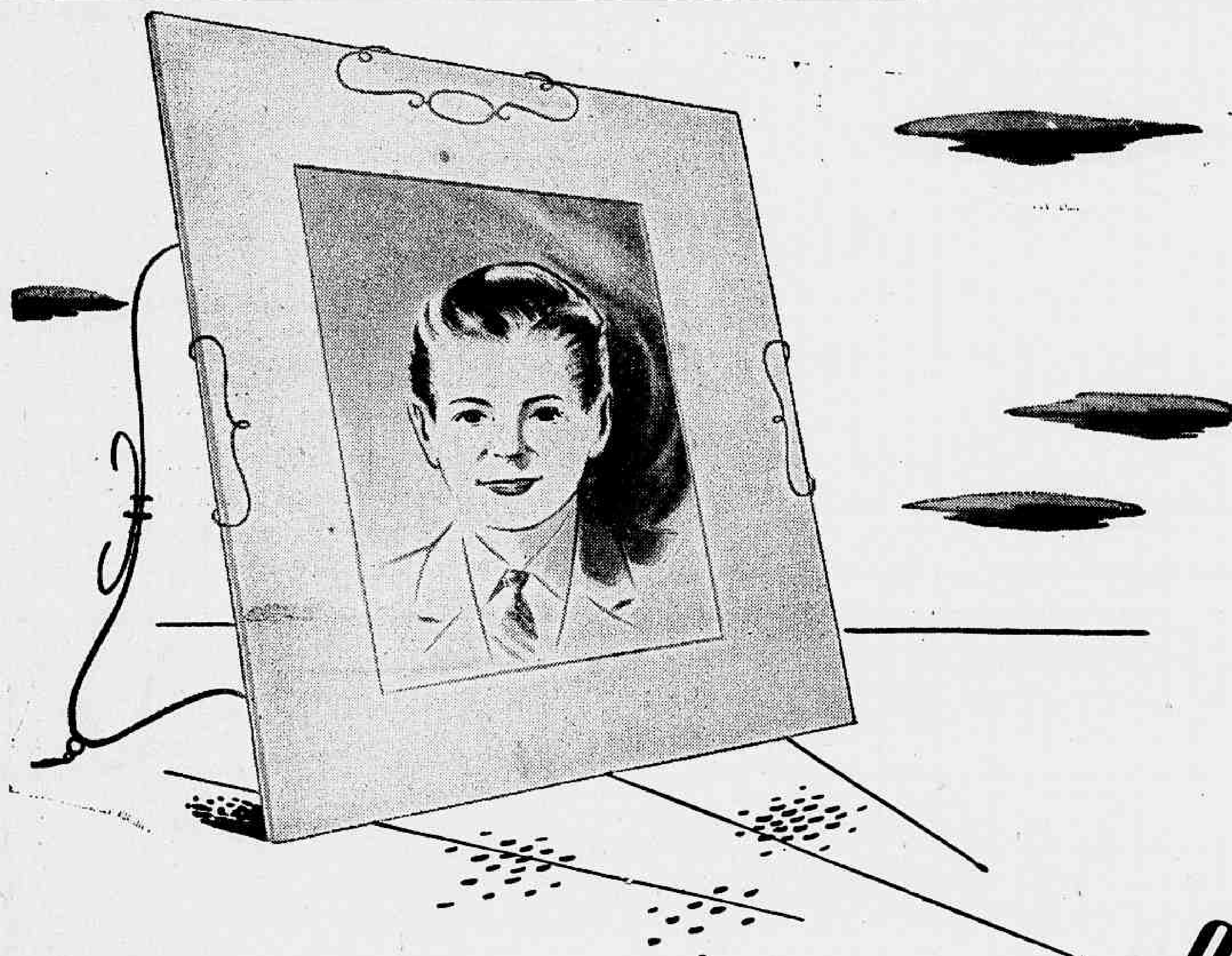
NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Jasmim Super ...	10,00	22,00	30,00
Crepe A — Super	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Violeta B — Super	13,00	22,00	30,00
Q. Fleurs — Super	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super ..	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super ..	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super ..	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super ..	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super ..	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Super	25,00	35,00	40,00
Pretx — Super ...	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super	35,00	45,00	55,00
Escandalo — Super	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super	35,00		
Flor Maçã LF ...	50,00	70,00	70,00
Soupplesse LF ...	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF ..	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF ...	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF	85,00	105,00	105,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembôlso	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses
Vendas pelo REEMBÔLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSENCIAS
Av. Marechal Floriano, 67
Sob. — RIO DE JANEIRO

A melhor ornamentação do lar resume-se na conservação dos móveis e isso se obtém com óleo de peroba.



Que será seu filho AMANHÃ!

advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 De quem foi esta frase, ao morrer: «Que grande artista vai o mundo perder!»

Do imperador Nero?
De Beethoven?
De João Caetano?

2 Como se deve dizer:

Desinteria?
Disenteria?
Dessinteria?

3 Qual a origem da expressão: «No tempo do Onça».

Referência ao tempo de Maria I?
A energia do general Madeira?
Ao tempo do governador Luis Vahia Monteiro?

4 Que significa **hebefrenia**:

Demência precoce?
Defeito nos freios de automóveis?
Moléstia africana?

5 Qual o Estado brasileiro que tem mais extensa costa marítima:

O Rio Grande do Sul?
A Bahia?
O Maranhão?

6 Que quer dizer indivíduo sofomaníaco:

Que prefere viver só?
Que é inimigo do casamento?
Que tem mania de ser sábio?

7 Por que motivo não se ergueu uma estátua a Pedro II. após o término da guerra do Paraguai:

Falta de verba?
A pedido do homenageado?
Campanha da oposição?

8 Qual o brasileiro que escreveu a primeira História do Brasil:

Rocha Pombo?
João Ribeiro?
Frei Vicente do Salvador?

9 Qual o revolucionário brasileiro que, condenado à fôrça, teve que ser fusilado:

Frei Caneca?
Padre Roma?
Ratcliff?

10 Quantos centímetros quadrados há num metro quadrado:

Mil?
Cem mil?
Dez mil?

11 Qual o primeiro nome de Niterói:

S. José da Praia Grande?
São Lourenço?
Praia de S. Francisco?

12 Qual o nome científico de fastio:

Anorexia?
Cefaléia?
Absenteísmo?

13 A quem se deve a criação do escoteirismo:

Maria Montessori?
William James?
Ao general Baden Powell?

14 Que nome se dava à roupa que vestiam nos condenados à fogueira pela Inquisição:

Clâmide?
Sambenito?
Mortalha?

15 Em que Estado do Brasil há uma cidade com o nome de Nova York:

Em Minas Gerais?
Em Pernambuco?
No Maranhão?

16 Qual o remédio usado contra o diabete:

Insulina?
Streptomicina?
Penicilina?

17 Que quer dizer **gastralgia**:

Fome insaciável?
Dores na boca do estômago?
Enjôo em viagens marítimas?

18 Que tempo leva o leite cru para digerir:

Uma hora justa?
Duas horas e um quarto?
Cinqüenta minutos?

19 Que quer dizer **acústica**:

Ciência da estrutura dos edifícios?
Instrumento de sôpro?
Parte da Física que estuda os sons?

20 Quantas são as raças que povoam o mundo:

Quatro?
Seis?
Oito?

(Respostas na pág. 58)

PÁRAQUEDISTAS-PÁSSAROS . . .

(Cont. da pág. 44)

para que os outros não ficassem receiosos. A resistência ao salto dessa tôrre, como do avião mais tarde, constituem motivos de desligamento da Escola. Geralmente os instrutores dão três oportunidades ao aluno, antes de eliminá-lo. "Às vêzes, um empurrão com o pé na traseira do aluno indeciso na porta do avião, lá nas alturas, também ajuda a fazê-lo saltar... Raramente isso acontece, porque — conforme nos disse um instrutor — "o candidato a pára-quedista, só por isso demonstra ser um homem de coragem. O mais consiste em aprender bem a técnica do salto e aumentar um pouco mais a coragem...". Na guerra, sim, o pára-quedista tem que descer, mesmo que seja empurrado, conforme aconteceu algumas vêzes no último conflito. No curso de aprendizagem, porém, não se faz isso, pois só servem para pára-quedistas, homens capazes de tôda audácia, conscientemente.

Depois dessa preparação, ao fim de um mês, vem o dia do primeiro salto. O nervosismo se estampa na fisionomia de todos, oficiais, sargentos e soldados. "Cara de salto" — conforme êles confessam. Um instrutor brincalhão então diz... para acalmar. "Não tenham mêdo. Se o pára-quedas de um de vocês não abrir, vamos dar o nome do herói ao nosso alojamento...". Um sorriso cobre, por alguns instantes, a face de todos. Mas voltam logo os sinais de apreensão. O avião voa a 300 metros de altura. O "mestre de salto", na porta grita: "Como é? Vamos saltar?" — e todos respondem que sim. Então êle ordena: "Vamos rir!" — e todo mundo ri, riso amarelo ou não, é verdade, mas riem. Uma luz verde faisca na porta do avião. Vem, novamente, a voz do "mestre de salto": "Preparar para saltar!", seguida de outras vozes de comando que põem o pessoal em condições psicológicas de saltar automàticamente, caso ainda conserve o mêdo; e quando a luz verde se troca por uma vermelha vem a ordem decisiva: "Já!" — e uma pancadinha na perna do primeiro aluno, que imediatamente se lança no espaço. E' o grande momento. Se êle chegar bem lá embaixo já poderá se considerar pára-quedista. Para ter direito ao título, porém, precisa dar mais quatro saltos, pelo menos. Da primeira vez saltam um por um, espaçadamente, sem preocupação de formarem grupo em terra. Os outros saltos, porém, já o fazem por equipe, saltando um logo atrás do outro, em intervalos inferiores a um segundo, para que possam se concentrar ràpidamente lá embaixo, pois na guerra tem que ser assim, para entrarem imediatamente em combate, se preciso fôr. Normalmente devem saltar 12 homens no período de 8 segundos. O quinto e último salto do curso, após o qual, se fôr bem sucedido o aluno se torna pára-quedista de fato, é o mais difícil e arriscado. Tem que saltar completamente equipado para o combate, carregando, enganchada ao corpo, uma metralhadora ou carabina, munição, mochila, etc. Alguns saltam sobrecarregadíssimos, com mais de 60 quilos nas costas. Os responsáveis pela aparelhagem de rádio ou os pára-quedistas de artilharia, que descem com as peças dos canhões 75 ou 105, que são reunidas em terra. O "record" de montagem do canhão 75 nestas condições pertence a um grupo de oficiais e sargentos brasileiros, que o montaram em quatro minutos e meio, em Fort Benning, nos Estados Unidos.

Essa a grande diferença entre o pára-quedista civil, que salta sem outro pêso que não o do pára-quedas (16 quilos), e o militar. Além disso, o soldado pára-quedista se lança sempre de uma altura máxima de 300 metros, para não despertar a atenção do inimigo e se reagrupar ràpidamente, pronto para o combate, o que torna muito mais perigosos os seus saltos.

★

— Qual a emoção do primeiro salto?

Um voluntário vindo do Rio Grande do Sul para fazer o curso e cujos saltos observamos, nos respondeu:

— Com franqueza, no primeiro salto não há quem não sinta mêdo. E' o primeiro pulo no abismo, e afinal de contas quem é que pode nos dar cem por cento de garantia de que vamos chegar bem lá embaixo?

E acrescentou:

— Nos primeiros segundos, enquanto o pára-quedas não abre, sentimo-nos como se fôssemos um embrulho que jogassem lá de cima... O vento nos faz de peteca. Quando o pára-quedas abre temos a impressão de que alguém nos agarrou de repente numa carreira, mas é um alívio... Foi-se o grande susto. Mas, como dali a segundos estaremos tocando o solo, isso nos torna novamente apreensivos. De fato volta o perigo. À medida que descemos, temos a impressão de que a terra está avançando ao nosso encontro. Olhamos para a frente e vamos tomando, por via das dúvidas, as devidas precauções para uma feliz aterrissagem..."

— E depois?

— Depois? Ora! Depois pensamos no próximo salto!

★

Há muitos perigos, porém. Durante a última guerra muitos perderam a vida por falta de contrôle dos nervos. Falhando o pára-quedas automático, que abre depois do pára-quedista percorrer de 30 a 40 metros em direção ao solo, deve ser puxada imediatamente a argola pela qual se força a abertura do reserva. Puxando-se essa argola abre-se um pára-quedas pequenino e êste, por sua vez, abre o grande. O nervosismo, no entanto, provocando pânico no pára-quedista, pode chegar ao ponto de inibi-lo de qualquer ação, como aconteceu não faz muito tempo a um major americano. O resultado é a morte, rápida, mas pavorosa. Como o pára-quedista sabe se o pára-quedas abriu ou não? E' muito simples: consiste em contar, gritando, "um mil — dois mil — três mil", logo que se lança ao espaço. O tempo gasto nessa contagem é de três segundos, suficiente para que o pára-quedas abra. Também não deve o pára-quedista perder tempo, quando o aparelho demora a abrir, pois se puxar o pára-quedas de reserva abaixo de 80 metros, não terá muitas possibilidades de se sair bem, aos 50 então será um homem morto. Devido aos cuidados especiais na fabricação e dobragem, não são muito freqüentes, felizmente, os acidentes do pára-quedas. Mas... pode acontecer, por exemplo, que as cordas se embaracem e êle caia em "bandeira" — abre só uma metade e o pára-quedas desce feito um pavilhão hasteado. Se não fôr aberto o reserva não há quem escape com vida. O acidente mais comum foi batizado com o nome de uma bela mulher — "Mae West": o pára-quedas se divide em dois, ao abrir, na forma do majestoso busto da famosa estrêla do cinema, descendo com o dôbro de velocidade. Quando não a morte, pelo menos ocasiona fratura das pernas, braços ou coluna-vertebral do pára-quedista.

O enganchamento de dois pára-quedas no ar é outro acidente perigoso, e dos mais comuns. E' devido sempre à ação do vento. Os dois saltadores devem, neste caso, forçar as correias dos respectivos aparelhos, procurando desvencilhá-las, o que exige muita fôrça, perícia e perfeito contrôle dos nervos. Caso não o consigam, se abraçam fortemente, separando-se com forte empurrão ao perceberem que vão tocar o solo. Manobra difícil. Nos saltos de grandes unidades pára-quedistas, o próprio avião constitui um perigo. Por ocasião das manobras de uma divisão pára-quedista americana, quando dezenas de aviões despejavam os soldados, a asa de um dêles pegou três pára-quedas já abertos no ar, cortando as correias do aparelho de salto e ocasionando a morte dos três desventurados soldados. Mas isso é caso raro, pois as esquadrilhas de aviões observam uma formação especial justamente para evitar tais acidentes. E' muito grande o desgaste físico do soldado pára-quedista, em virtude da tensão nervosa provocada pelos saltos e outros perigos a que estão sujeitos, em combate.

★

Como vimos, o pára-quedismo exige muita coragem, vigor, fôrça de vontade e nervos de aço. O pára-quedista

(Cont. na pág. 49)

A boa aparência é tudo. Embora velhos os seus móveis, torne-os novos aplicando óleo de peroba.

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

Vinho Chico Mineiro

SEJA INTELIGENTE! NÃO ESPERE ENGORDAR DEMAIS. TOME DE HOJE EM DIANTE VINHO CHICO MINEIRO QUE CONSERVARÁ O SEU PORTE ELEGANTE. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. **Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.**

À venda nas boas Farmácias

Para completar a sua beleza e personalidade use êstes produtos da Multifarma:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

O segrêdo de uma LINDA CABELEIRA sem CASPAS e CABELOS BRANCOS está em EUTRICHOL ESPECIAL. EXPERIMENTE E VERÁ Remessas pelo Reembolso Postal

MULTIFARMA

Praça do Patriarca, 26 — 2.º

S. PAULO

Bem penteado a todas as horas graça a Gomalina EXCELSIOR

PARA ASSENTAR O CABELLO

PRODUCTO VEGETAL NÃO GORDUROSO

Nova formula garantida pelo LAB. "XAMBU" - R. Souza Dantas, 23 - Rio

Atendemos pedidos - REEMBOLSO POSTAL

A VERDADE SÔBRE...

(Cont. da pág. 53)

pouco depois, para surprêsa dos presentes, o infeliz homem sentou-se, pedindo água. Bastava um "passamento" para jogarem na cova."

FAZEDORES DE COVAS

Mais adiante exclama o nosso entrevistado:

— Havia empregados só para fazerem covas, ou melhor, valas. A morte percorria a Clevelândia, oferecendo um dêsses espetáculos que não se' podem descrever.

Morria-se de fome, de doenças e de tédio. Não havia moradia; dormia-se no relento, sujeito aos mosquitos e às chuvas. Outros, enlouquecidos, enfrentavam o mato para servir de pasto às feras."

"VOCÊ QUERIA QUE EU OS MANDASSE PARA ARAXÁ?"

Conta-se que alguém, amigo de Artur Bernardes, alguns anos depois dêsses tristes fatos, perguntou-lhe por que mandara essa gente tôda para a Clevelândia, tendo recebido, segundo nos informaram, a seguinte resposta do ex-presidente do Brasil e atual deputado federal:

— "Voce queria que eu os mandasse para Araxá?"

O ARRAIAL

(Cont. da pág. 22)

— Não precisa gritar. Não tem niguém surdo aqui, e isto não são horas de escândalo.

— Oh! Senhor...

— O que eu penso é nos meninos, e de mais a mais não tenho nada que ver com a vida dos outros; não leio na cartilha de ninguém.

Os meninos espiando. Olhares furtivos de um para o outro. Julião precipita a refeição, levanta-se, pega o chapéu e sai. Sigamo-lo. O sol tine. Está quente. Julião chega ao sobrado do capitão Juca. Entra por uma porta, no rez-do-chão, e surpreende o capitão, o Zeca, o Lacerda e um outro ao redor de uma mesa. Jogam cartas.

— Marimbo! — exclama um com ar vitorioso.

— Passo... — diz quase murmurando um outro, evidentemente fracassado.

Julião senta-se. Horas vão. Horas vêm. Aonde mais que ir amigo? Que mais quer ver? E' melhor tomar o conselho que lhe deram, lembra-se? A vida continua lá fora. Adeus.

FÔRÇA DO DESTINO

(Cont. da pág. 12)

nheiro do madeireiro, o fiel da balança pendeu para o lado do madeireiro; deu a vitória ao dinheiro do "nouveau riche".

A luta foi intensa, mas fui vencido. Porém, o que mais me repugnava era a vileza de caráter do meu rival, que combatia, contra mim, usando armas vis, processos mesquinhos. O ridiculo era a sua arma predileta:

— Então! Helenita, como vai o teu doutorzinho?... — perguntava, a miúde, o sabujo; e punha-se a rir, torpe e alvarmente.

Eu sei que tantos e tais foram os golpes baixos desferidos, que acabei caindo vencido. Helena e o madeireiro casaram-se, não completava eu o meu primeiro aniversário de formatura.

Não calcula você quanto sofri!... O ódio que tive àquele tipo abjeto e vil! Roubara-me o que eu mais ambicionava na vida. Tirara-me o que eu mais prezava no mundo, mais que a minha própria profissão, menos que a minha honra: o amor de Helenita. Procurei estudar, trabalhar, esquecer. A Cirurgia era um campo vasto, onde poderia trabalhar, procurando o esquecimento. E eu o encontrei. Não havia operação que me atemorizasse; não havia intervenção cirúrgica que encontrasse uma recusa de minha parte. Dez anos de vida profissional intensa, tornaram-me um nome conhecido como dos melhores operadores do Rio; digo isso sem vislumbre de vaidade de minha parte.

Até que um dia... você presenciou parte do espetáculo. Ao pedido de Helena, pois era ela — Salve o meu marido! — naquela fria manhã de maio; estive a ponto de gritar-lhe: — Que o teu marido vá para o inferno!... Vá para o diabo que o carregue!... Mas me contive; a sua mágoa era tão profunda, seu sofrimento tão atroz, que me tocou o coração. Agia em mim o profissional consciente e não o amante desiludido.

Fiz questão, como você viu, que a anestesia fôsse geral, para que meu rival não visse quem o operava, a quem êle deveria a vida.

Operei-o, sob uma tensão nervosa indescritivel; sob um contrôle de nervos formidável. Se você percebeu alguma coisa da luta interna que em mim se travava, não percebeu a centésima parte da pugna que se operava em meu espirito. Mil pensamentos turbilhonavam em meu cérebro escaldante: — Mata êsse desgraçado, que te estraçalhou a vida!... Êle já está liquidado... portanto para que salvá-lo? Deixa-o morrer. Mas o espirito do bem aconselhava: — A Medicina é um sacerdócio; e réprobos são os que falseiam um juramento, e tu juraste um dia "pela fé do teu grau".

Houve momentos, em que, procurando varrer da mente êsse entrechoque de pensamentos, julguei enlouquecer.

A operação era melindrosissima; era preciso uma técnica perfeita para se conseguir êxito completo... e eu o consegui. Mas quando vi coroados os meus esforços; quando dei por terminado o meu suplicio, pensei desfalecer, ali mesmo, na sala de operações. Estava exausto, moralmente abatido. Fechei-me em meu escritório; atirei-me sôbre o sofá e creio ter perdido os sentidos. Longo tempo após, retornei ao conhecimento das coisas; procurei controlar-me, entrar na posse de mim mesmo. Mas a operação fôra violenta; mexera, em demasia, com o meu sistema nervoso. Depois daquele dia, ainda tentei intervir em duas operações consideradas banais; mas, na hora precisa, invadia-me um mal estar inexplicável, era dominado por estranho desânimo e invencível falta de confiança.

— São os nervos! — pensava. E para o tratamento dos nervos alterados, ausentei-me da Clinica, vindo buscar repouso nesta bela cidade. Encontrei aqui o que procurava: sossêgo para o espirito, repouso e um ambiente calmo, agradável e acolhedor. Fui me deixando ficar; pouco a pouco me ambientei e foi aumentando o circulo de relações; até que resolvi radicar-me, de vez, nesta hospitaleira terra. Desci ao Rio; liquidei, em três tempos, os meus negócios, e aqui instalei o meu consultório que, em breve, se tornou um dos mais procurados, entre os facultativos da cidade.

Eis aqui, meu caro colega, a razão pela qual, há cinco longos anos, abandonei a Cirurgia; deixei o Rio e vim dar com os ossos onde você me veio encontrar.

Longo tempo permanecemos sem dizer palavra. Quebrando o silêncio que se estabelecera entre nós, perguntei-lhe;

— E nunca mais os viste? Nunca mais tornaste a encontrar Helena?

Não me respondeu de pronto; quando ia falar, ouço, vindo do interior da casa chôro de criança e uma vozinha infantil, reclamando alguma coisa.

— Casado? — inquiri. E ao sinal afirmativo de cabeça, não me foi possivel deixar de esboçar um sorriso:

— E', meu velho amigo... — disse-lhe.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

— O tempo, essa velha Medicina, opera mais curas que o bisturi do mais famoso cirurgião. Nada melhor para curar um velho amor do que um novo amor...

— Não é bem isso — interrompeu-me, sorrindo. E voltando-se para dentro, chamou: — Lena... Vem cá!

Logo após apareceu à porta... quem?... Nada mais, nada menos que a mulher do operado de apendicite, Helena.

Cai das nuvens. Fiquei tonto, aparvalhado. Estava fazendo um papel tão ridiculo, que meu amigo veio em meu socorro:

— Quero apresentar-te minha espôsa. Talvez já a conheças. E aqui, um velho amigo e colega do Rio — falou, apresentando-me à mulher.

Balbuciei algumas palavras desconexas; e êle continuou, como reatando o fio da história:

— O que não fêz a apendicite supurada, nem o meu bisturi criminoso quis fazer, fêz um edema pulmonar, dois anos depois, matando o marido de Helena, em poucos dias. Soube-o pelos jornais, que recebia do Rio, onde li a noticia e os convites para as missas. Um ano não era volvido, quando, certa manhã, acercando-me da fonte, percebi alguém que me chamou particularmente a atenção... Helena? Sim, era ela. Percebeu a minha presença e veio ao meu encontro, cumprimentando-me amàvelmente. Retribui a sua saudação; conversamos um pouco, retirando-me, em seguida. Durante vários dias não voltei ao Parque...

— Nós tinhamos velhas contas a ajustar! — interrompeu a mulher do meu amigo. Então me animei; enchi-me de coragem e, volvidos alguns dias, procurei-o em seu consultório. Ia resolvida a tudo, pois ainda o amava e... tinha quase a certeza que êle partilhava do mesmo sentimento.

— E' verdade — continuou Soares — aquêle encontro marcou o inicio da nossa felicidade. Acertamos tudo e, poucos dias depois, recebiamos, diante do altar, a benção de Deus à nossa união. Somos felizes, imensamente felizes; temos um filhinho que é todo o nosso encanto...

— "Estava escrito"... — interrompi, para dizer alguma coisa.

— Sim, meu amigo; estava escrito que eu teria de sofrer os tormentos do inferno, antes de ter a suprema ventura de alcançar o céu, no amor da minha espôsa. Contra a fôrça do destino, contra a vontade de Deus, nada podem o poder do mal e suas fôrças ocultas. Não acha?...

Sorri e aquiesci. Que poderia eu responder diante de tanta felicidade?



COMO APRENDER A DANÇAR

AGORA EM 3.ª EDIÇÃO

Ampliada, com os últimos passos de **Bolero, Swing e Samba**, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira.

Método de ritmos modernos pelo **Professor Gino Fornaciari**, Diretor e professor de "Aulas Práticas de Danças Ritz". Aulas particulares e a domicilio

RUA DA LIBERDADE, 120 — PREÇO CR$ 41,00 — Pedidos pelo Reembolso Postal, com o autor — CAIXA POSTAL, 649 — S. PAULO

REVISTAS E FIGURINOS

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

PEÇAM LISTAS DE PREÇOS A

ORLANDO PEDROSA

End. Telegr. DISCANTIL ★ Caixa Postal 6.397

SÃO PAULO

PÁRAQUEDISTA PÁSSARO DO FOGO

(Cont. da 47)

é um soldado para missões especiais, as mais difíceis e arriscadas. Tem que ser, forçosamente, um soldado de excepcionais qualidades. Essa a razão porque o seu treinamento é tão duro. O capitão Orlando, chefe dos instrutores, a propósito, nos frizou que "o objetivo da Escola é preparar não só física e técnica, mas sobretudo psicològicamente os candidatos que se apresentam. A instrução que lhes é dada exige o máximo da resistência física e moral, de forma a que os mais fracos e mesmo os fortes, mas frouxos de vontade, não aguentam, não servindo, portanto, para pára-quedistas. Os que terminam o curso, são, porém, soldados para qualquer missão, homens de moral de combate inabalável, soldados até as últimas."

Treinados para viver em constante desafio à morte, os pára-quedistas, por fôrça talvez dessa contingência, constituem uma tropa em que se observa a mais perfeita camaradagem e disciplina. Qualquer que seja a patente do aluno, durante a instrução êle não passa de um aluno, e os instrutores, sejam oficiais ou sargentos, agem com o mesmo rigor para todos. Inclusive o cel. Nestor Penha Brasil, veterano da F.E.B., comandante da Escola, se submeteu a êsse regime, para tirar o curso. Por essa e outras razões, o pessoal da Escola não gosta de falar na vida que levam. Passam por mentirosos... Quem tiver dúvidas, porém, pode ir até lá, para ver de perto. A Escola, aliás, está aceitando voluntários. Todos os seus alunos, mesmo os recrutas, são voluntários. Êste ano recebeu 250, dos quais, pelo menos a metade, com tôda certeza, não irá até o fim. Os pára-quedistas, para a vida dura que levam, têm, contudo, uma vantagem: os soldados são pagos em dôbro e o "rancho" é o mesmo para tôdas as patentes; os sargentos e oficiais recebem uma gratificação equivalente a dois terços do sôldo. Constituem a tropa mais bem paga do Exército. Mais que isso, para êles, vale, no entanto, a glória de ser pára-quedista, tropa de elite no Brasil como em todos os outros países do mundo.

O EPÍLOGO DO "TRUCULENT"

(Cont. da 6)

didas pelas águas, abandonaram o submarino. E' provável
que alguns não tenham tido capacidade suficiente para
alcançar a superfície, pois uma coluna de dezoito metros
de água, devia ser vencida. Dos sobreviventes, um con-
seguiu vir à tona sem o aparlho «Davis». Mas, o certo
é que, a quase totalidade alcançou a superfície do mar,
mas muitos foram infelizes, pois as fortes correntes marí-
timas, os levaram para lugares distantes, impossibilitando
o salvamento. Com o içamento da carcassa do «Truculent»,
em meiados do mês passado, cêrca de 10 cadáveres foram
encontrados em seu bojo, na parte dianteira. Ao todo se
salvaram 14, estando desaparecidos 55.

Vejamos agora como se processou o levantamento da
carcassa do submarino. Nove semanas de exaustivos tra-
balhos foram precisos. Uma verdadeira luta contra o mau
tempo, mar agitado, marés e especialmente contra o ter-
rível logo existente no fundo do estuário do Tamisa. Mas,
a vontade férrea do homem a tudo vence.

Cêrca de 10 navios e uma série de pequenas embarca-
ções tomaram parte na delicada tarefa. Os melhores es-
cafandristas da Grã-Bretanha foram chamados. A êstes
homens coube o penoso trabalho realizado em cerrada es-
curidão daquelas águas lodosas, a fim de que fôssem
abertas quatro passagens por baixo da estrutura da uni-
dade naval, por onde passariam os cabos de aço neces-
sários ao levantamento. Conseguido êste «desideratum»,
entraram em cena os navios «Ausdauer» e «Energie», ex-
alemães, construídos especialmente para serviços desta
natureza. Fixados os cabos de aço, esperou-se pelo bom
tempo e ótimas condições de marés.

O levantamenso do submarino consumiu menos de duas
horas, na mais perfeita harmonia de serviço. Um dia após,
esperou-se a maré alta e rebocou-se o «Truculent» para
Cheyne Spit, a nove quilômetros do ponto de afundamento,
repousando o mesmo sôbre um razo banco de areia. Reti-
rou-se tôda a água existente na parte interna, vedaram-
se tôdas as possíveis entradas de água, alcançando-se
assim, uma suficiente flutuação. Logo após, rebocou-se
a carcassa para um dique sêco. Dez cadáveres foram en-
contrados, ficando reservada aos técnicos navais uma
nova surpresa. Os danos sofridos foram maiores que os
esperados, impossibilitando um reparo econômico que
valesse a pena salvar o «Truculent». Ordens foram baixadas
para que fôssem retiradas as partes essenciais. O «Tru-
culent» não mais figurará no rol das unidades navais
britânicas, pois será desmantelado. Materialmente desa-
parecerá, porém continuará presente no espírito de mi-
lhões, que nunca esquecerão os bons serviços prestados,
naqueles negros dias de guerra, e que tanto contribuiu
para o êxito das causas aliadas.

PARLAMENTARISMO DO SUL

(Cont. na 15)

Por ocasião de outro discurso do representante gaúcho, tendo alguém levantado a questão de que o aprimoramento político brasileiro pouco ou nada ganharia com a vinda do regime parlamentar, pois os homens continuariam sendo os mesmos, respondeu êle que, de fato, é verdade que o conceito dos políticos entre o povo é muito baixo, e não sòmente no Brasil. Mesmo nos Estados Unidos, sempre citados como modêlo do presidencialismo, os políticos gozam de muito mal conceito e são raros os homens de cultura que fazem política naquele país. "Mas, lá como aqui, continuam sempre em evidência... e governando".

Ao contrário, "sendo o regime parlamentar aquêle em que as grandes questões se debatem e resolvem pùblicamente, esta circunstância eleva forçosamente o nível político dos políticos e concorre para a formação de estadistas. Ninguém que não tenha uma política ou seja incapaz de a expor ou defender tem probabilidade de chegar a ministro e, ainda menos, de se manter no cargo. As mediocridades podem vegetar nos desvãos sombrios, mas nunca lograrão alcançar" os postos-chave da nação.

Diz ainda o sr. Raul Pila:

— Dois são os principais caracteres da vida política brasileira: irresponsabilidade e mediocridade. A irresponsabilidade no govêrno é fato evidente e universal em nosso país: quanto maior a parcela do poder, maior a extensão da irresponsabilidade. E' nesta geral irresponsabilidade que estamos soçobrando. Dos atributos essenciais à democracia, só preservamos um — a eleição. Realizada, porém, a eleição, empossados no cargo, rompem-se os liames entre mandantes e mandatários e êsse se torna em senhor apenas limitado na duração de seu mandato". E frisa o sr. Raul Pila que no regime parlamentar isso não se dá, porque Govrêno e Parlamento têm que cumprir seus deveres e suas promessas, pois do contrário, assim como o govêrno pode cair por uma simples votação "de confiança", o Parlamento pode ser dissolvido pelo presidente da República se o gabinete (os ministros, em sua maioria) julgarem que êle não está cumprindo devidamente com a sua obrigação, sendo então convocadas novas eleições, cabendo ao povo, portanto, o julgamento final.

★

Aos que reconhecem a superioridade do regime parlamentar sôbre o presidencial (em que, como se vê em nosso país, os ministros podem fazer o que bem entendam, de bom ou de mal, sendo conservados no cargo desde que se mantenham na confiança do presidente da República) e alegam não estar o povo brasileiro suficientemente preparado para o criticar, responde o líder parlamentarista:

— E' como se a uma criança atrasada se recomendasse em vez de uma boa escola, capaz de lhe desenvolver as aptidões, uma escola medíocre, que lhe abafasse as possibilidades.

E' difícil se convencer a um parlamentarista de que o presidencialismo é melhor ou mais conveniente ao Brasil, se é que o seja. O leitor que pese a sua opinião... Para tôdas as objeções os libertadores nos apresentam a imediata resposta. Foi o que se viu na Assembléia Constituinte de 1946, e é o que se tem visto em tôdas as ocasiões em que o problema entra em discussão, dentro ou fora da Câmara. O resultado é que a opinião pública brasileira está se voltando para a idéia defendida com unhas e dentes pelo Partido Libertador e já se processa um grande movimento dentro da Câmara para reformar a nossa Constituição. Deputados e senadores de todos os partidos estão aderindo ao parlamentarismo e — quem sabe? — talvez não tarde veremos a vitória dos parlamentaristas.

Mas o Partido Libertador ainda está muito débil para tomar a si tôdas as rédeas da campanha. Partido pequeno, nacional só no nome. Seu eleitorado fora do Rio Grande do Sul, onde fêz quatro deputados estaduais, é débil. Fora do Rio Grande do Sul, seus núcleos eleitorais mais fortes ficam no Paraná, Bahia e no Maranhão. Em São Paulo o Partido ainda está em fase de organização. Em Santa Catarina, Pernambuco e no Distrito Federal, seus dirigentes estão fazendo fôrça para dar-lhe maior impulso nas próximas eleições. A situação financeira do partido também não é boa. Tem uma receita insignificante, proveniente da contribuição dos seus poucos representantes eleitos para a Assembléia gaúcha, um ou outro vereador em municípios esporádicos. O seu maior contribuinte é o sr. Raul Pila, que contribui, de acôrdo com as disposições estatutárias do partido, com dez por cento do subsídio que recebia como deputado antes da "Lei Negreiros Falcão" e mais os nove mil e tantos cruzeiros da majoração contra a qual votou. Os cofres do partido recebem, assim, uma boa verba que seu representante dignamente se recusa aceitar. Sua sede central fica em Pôrto Alegre, embora o presidente do partido viva mais no Rio, por fôrça do mandato que exerce. No Rio funciona em duas salas do 5º andar do Edifício Sul-Riograndense, na avenida Rio Branco nº 183, com um mobiliário de casa de pobre.

Eis o Partido Libertador. Pobre de dinheiro e ainda pequeno de homens, numèricamente se falando. Mas muito rico em idéia, prêso que está à célebre frase de Gaspar Silveira Martins: "Idéias não são metais que se fundem". E assim o Partido Libertador avança, disposto a trabalhar muito para as próximas eleições. Votará, com tôda certeza, com o brigadeiro Eduardo Gomes. Isso, porém, só será decidido na próxima convenção do partido.

MÚSICA

De ROBERTO LYRA FILHO

NOTAÇÃO MUSICAL BRASILEIRA

DEDICANDO 17 anos de estudo à elaboração de uma forma simplificada de notação musical, o sr. Antônio Assis Sampaio, compositor baiano, sistematizou as suas inovações, criando a Notação Musical Brasileira que, agora, apresenta, em pequena brochura, cujo valor é assinalado num erudito prefácio, por musicólogo de grande autoridade — Frei Pedro Sinzig.

Mostrando a importância da contribuição do sr. Assis Sampaio, Frei Pedro Sinzig esboça breve síntese da evolução da grafia musical, mostrando como a crescente complexidade da música exigiu adaptações e acréscimos na antiga escrita, já agora sobrecarregada.

«E' geral o desejo de chegarmos a uma escrita mais simples, rápida e... menos dispendiosa», observa.

Entrando, a seguir, na análise da Notação Musical Brasileira, Frei Sinzig expõe, com clareza e precisão, os pontos principais:

«A reforma é grande: em vez de pautas de cinco linhas, só uma linha; claves, apenas duas; é nova a representação gráfica das notas em relação aos sons e valores, e mais simples a colocação dos acidentes e a indicação das oitavas, sem necessidade de tantas linhas auxiliares. Não há alterações para as pausas, o ponto de aumento e o ritmo».

E ainda:

«As duas claves não apresentarão dificuldade alguma, pois foram conservadas as de maior uso: a de sol (ou «de violino»), representada por um V e a de fá, que tomou as feições de W. As notas continuam tendo os nomes atuais: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si». «Os sinais gráficos reclamaram e mereceram a maior atenção, porque tinham que indicar ao mesmo tempo, a alutra dos sons. O autor foi pedi-los a duas coisas tão sòmente: à lua e suas fases (5 sinais) e ao triângulo (2 sinais). Para satisfazer o justo desejo dos curiosos: o **dó** é representado pela meia lua deitada com as duas pontas para cima: o **ré** pela mesma, com as duas pontas para baixo, o **mi**, pelo quarto crescente com as duas pontas para a direita; o **fá** pelo quarto minguante com as duas pontas para a esquerda: a dominante da escala, sol, pela lua cheia; o **lá** pelo triângulo com a ponta principal para a direita; o **si** com o mesmo, tendo a ponta para a esquerda. Isso, não há dúvida, foi um verdadeiro ovo de Colombo, pois permite ao mesmo tempo indicar os valores (a duração das notas) a exemplo da grafia usual: a lua branca corresponde à semibreve; com haste, à mínima; a lua nova (preta) com haste é semínima, etc., dando-se outro tanto com os triângulos (lá e si).

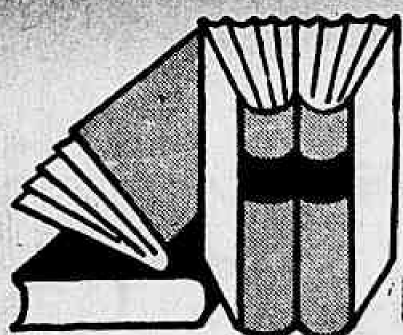
A indicação das oitavas é uma conquista. Notas superagudas que, na grafia usual, exigem cinco linhas auxiliares, nesta nova só têm duas, dando-se outro tanto com as notas muito graves. Vozes masculinas e femininas distinguem-se da maneira mais simples. Uma melodia orquestral de flauta, aparentemente quase se apresenta como a de voz humana de registro médio».

UM CONVITE AOS MUSICÓLOGOS

O trabalho do sr. Assim Sampaio não constitui passatempo ou especulação mais ou menos hábil: representa o resultado de esforços de um compositor voltado para os problemas práticos da grafia musical, procurando resolvê-los, com a sua experiência, em tentativas de simplificação desenvolvidas em 17 anos de pesquisa. Não é, portanto, obra que se julgue num relance, exigindo, como muito bem acentua Frei Sinzig, «sério estudo e experiências suficientemente prolongadas», pois «quem sabe quanto daí sairá?»

Convidando os musicólogos para uma apreciação demorada e atenta da Notação Musical Brasileira procuramos honrar a atividade do sr. Assis Sampaio, com a divulgação que ela bem merece, pelas sugestões oportunas que apresenta.

Mesmo que o sistema apresentado não seja logo aceito, a análise dessa fecunda iniciativa mostrará a sua relevância, como contribuição ao aperfeiçoamento da escrita, e assim, o sr. Assis Sampaio verá os seus esforços compensados pela atenção dispensada ao trabalho que consumiu tantos anos de sua laboriosa carreira.

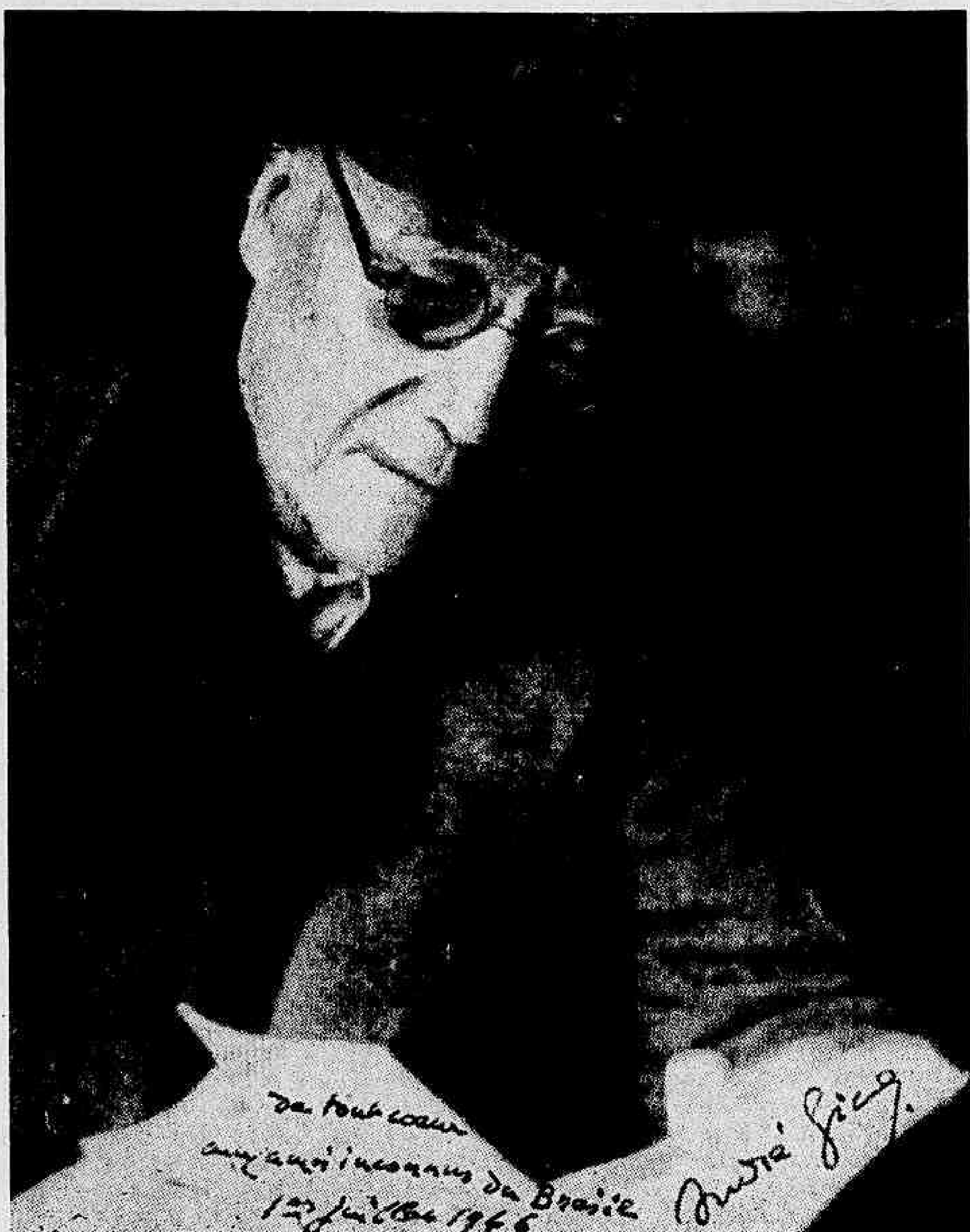


SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

GALERIA DAS CELEBRIDADES



GIDE — Será preciso dizer qualquer coisa a respeito do grande mestre do romance? Êste retrato tão expressivo, com o autógrafo do autor de "Sinfonia Pastoral", com sua dedicatória ao Brasil — e que publicou aquela esplêndida Revista Acadêmica, de Murilo Miranda, aliás a menos acadêmica das revistas — diz tudo dessa grande figura literária que herdamos do outro século e que está cada vez mais viva.

AS TRES IRMÃS

"As Três Irmãs", de Luiz Delfino, é um dos poemas mais célebres da lírica brasileira e, talvez, da língua portuguêsa. A popularidade de "As Três Irmãs" só foi ultrapassado pela do próprio poeta, um dos mais queridos de nosas letras e que chegou à glória sem publicar um livro sequer, pois tôdas as suas edições são póstumas.

Há dias, solicitaram-nos cópia do poema famosíssimo. Não a possuímos, porém, no momento. Resolvendo atender a êsse pedido lírico, numa época tão duramente prosaica, encontramos na bem informada série de estudos "Poetas do Brasil", de Álvaro F. Salgado, não apenas o poema em aprêço, mas, ainda, notas muito interesantes sôbre o poeta.

Médico, Luiz Delfino passou vinte anos cultivando Esculápio. Só após esas duas décadas de medicina, o poeta voltou a versejar. Colaborava, então, ativamente, nos jornais e revistas da época. Na "Cidade do Rio", ficaram popularíssimos os sonetos de Delfino, pois diàriamente, quase, êsse jornal publicava uma de suas jóias, vez que êle foi um de nossos maiores sonetistas. Quando, em 1884, "A Semana", célebre hebdomadário de Valentim Magalhães, realizou um concurso para saber quais os três maiores poetas brasileiros, foi êste o resultados

1º — Luiz Delfino.
2º — Gonçalves Dias.
3º — Castro Alves.

De certa forma podemos dizer que o prestígio de Luiz Delfino era imenso, sobretudo entre as mulheres. Sentimental, enternecido, é sobretudo para as mulheres que se volta sua poesia, retribuindo êle, em versos, o que elas lhe davam em inspiração. Foi assim, não apenas, o poeta mais querido de seu tempo, mas, também, o mais declamado. E foi fazendo sonetos que Luiz Delfino chegou a senatoria e à imortalidade, depois de ter sido republicano e abolicionista.

Lástima é que nem Florianópolis, onde nasceu, nem o Rio, onde foi sepultado — tenham perpetuado no bronze a glória sem contraste do grande inspirado; sob as frondes do Passeio Público haverá lugar para o enternecido cantor da graça e do encanto feminino, que tanto trabalhou a grandeza de nossa poesia.



ALPHONSUS DE GUIMARAENS E OS MODERNOS

(De GUILHERMINO CESAR)

A mensagem de Alphonsus de Guimaraens foi uma doce mensagem — estamos todos de acôrdo. Teria, entretanto, tocado a sensibilidade da nossa geração com a mesma frescura, a mesma simplicidade dos primeiros anos? Creio que sim. Nós, até hoje, não deformamos a sua poesia, não lhe emprestamos o que há em nós de rebelde e atual. Diante dêle, daquela serena alegoria de símbolos, nós nos mantemos em estado de completa aceitação. Daí talvez a circunstância de não ter



fornecido o poeta motivo para largas discussões. A gente ama em segrêdo.

Alphonsus, por sua vez, logrando sua maior fôrça aos quarenta anos, jamais conseguiu ser diferente do que fôra na adolescência. Sua poesia, na velhice, conserva os mesmos tons suaves, a mesma alegria cristã do sofrimento. Compare-se, por exemplo, a lição de fé lírica da sua "Pastoral" com os poemas do "Kyriale", o livro de mocidade. Foi sempre um poeta de inspiração ingênua, uma alma translúcida, a que faltava o sentido do macabro, do feio e do hediondo. Quando trata êsses poemas, Alphonsus tangencia, para terminar cedendo à pressão do próprio temperamento, ao ambiente de tonalidades difusas da terra natal.

Por tudo isso, velho Alphonsus, que morrendo em estado de graça poética, tua mensagem chegou viva até nós. Ao contemplares nossas velhas cidades (como Verlaine, amavas as catedrais e os poentes indecisos), ao sondares tua alma de insondável ternura, deste a impressão de um marinheiro prêso ao planalto. Sempre desejaste partir, contemplar o largo. Mas estavas prêso à terra, e aí sentias fundo a nostalgia dos ambientes carregados de sol, de lutas e de paixões eloquentes. Todo êsse ruído te veio de longe, de teus velhos poetas portuguêses.

E se tua voz vinha molhada dos acentos do mar, foi porque recolheste em ti mesmo, no silêncio da tua cidade, da tua cidade afro-portuguêsa, os ecos dessas emoções de abandono, de desamparo, de solicitude. Tu mesmo o disseste:

"Sou o cruzado que vai sôbre o mar alto."

Ou então, num momento de insatisfação:

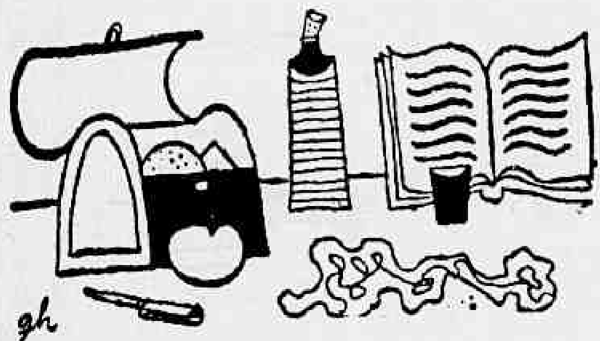
"Eu não queria ser quem sou! amante e [poeta,
Cujo antigo arrabil em notas de ouro chora
Cantigas em louvor da Açucena dileta
Que brotou dentro em mim, como dentro [da aurora."

Eu imagino a incompreensão que te cercou nos primeiros anos, a incerteza que te magoou os primeiros passos. Incompreensão, não digo, mas o espanto que devera ter causado aquêle teu aparecimento nas velhas páginas da "Revista Brasileira". Ali era tudo diferente, em absoluta discordância contigo. A forma tinha seus mestres peregrinos, que não eram os teus. Só tu te diferençaste e, entretanto, logo começaste a encontrar ressonância. E abandonaste os vitoriosos do dia, os que cultivavam o rebuscado da frase rumorosa para uma emoção imprecisa. Tu, ao contrário, procuravas a emoção longa, viva, real, e o fazias na linguagem mais singela do tempo.

Foste sempre contemporâneo, atual. Na geografia poética do Brasil tu serás sempre um acidente único, porque foste o equilíbrio da nossa terra mediterrânea. Não soubeste gritar; em ti não se encontra a caudal, mas a água macia e sonora.

E foi justamente por isso que os inovadores de ontem, aventurando-se ao largo, nada fizeram de útil senão divulgar a tua mensagem, Alphonsus múltiplo, Alphonsus numeroso, a quem jamais deixamos de acender a nossa lâmpada, trazida agora até aqui pelas mãos gentis de Henriqueta Lisboa.

AVENTURA ACADÊMICA DE HUGO



A primeira derrota de Hugo foi em 1835, quando os clássicos, desejando desforrar-se do romantismo triunfante, opuseram o nome de Emmanuel Dupaty ao do poeta dos "Chatimants".

A segunda candidatura foi em 1836, quando Hugo se apresentou à vaga de Raynouard, sendo seus competidores Mignet e Casimir Bonjour. Foi eleito Mignet, no quinto escrutínio.

Em dezembro de 1839, concorre êle novamente, à vaga de Michaud, o historiador das Cruzadas. Eram quatro candidatos: Berryer, Bonjour, Vatout e Hugo. Realizaram-se sete escrutínios que não deram resultado, chegando Hugo a reunir dez votos e Berryer até doze.

A eleição foi adiada por dois meses. Em fevereiro de 1840, realizou-se novo pleito. A candidatura do gênio de "Os Miseráveis" apresentava-se com maior "chance". Berryer retirara o seu nome e Bonjour adiara a sua pretensão, embora trabalhasse em favor de outro candidato, Flourens. Houve quatro escrutínios — como se vê, nossa Academia está seguindo "pari passu" o seu modêlo francês — com os seguintes estranhos resultados, respectivamente na primeira, segunda, terceira e quarta votação:

Victor Hugo	14	15	14	12
Flourens	14	14	15	17
Bonjour	1	14	15	15

Foi eleito Flourens.

Nepomuceno Lemercier que, em 1836, fôra o promotor da candidatura de Hugo, votou em Flourens.

Encontrando-se com Alexandre Dumas, como já recordamos, o pai de "Os Três Mosqueteiros" lhe afirmou que, embora negasse o voto a Hugo, ainda acabaria por lhe dar algo que não poderia recusar-lhe: a vaga. A profecia se verificou.

Hugo realmente foi eleito em 1841, por dezessete votos contra quinze, dados ao seu competidor, Ancelot, na vaga aberta por Lemercier.

Fôra difícil a entrada. A eleição tão retardada provocou os epigramistas, como Edmond About, que escreveu:

"Enfin des quarante grands noms,
Hugo, tu complétes le nombre:
Au milieu de tant de rayons,
Il fallait bien une ombre."

A posteridade se encarregou de vingar Hugo de seus competidores e de seus críticos. De todos os nomes que aparecem neste registro, só o de Hugo continua vivo.

E os outros mortos e sepultados sob a poeira dos arquivos, só fulguram um momento à luz do nosso tempo como ridículos pingentes da biografia do poeta imortal.

DE MARCEL SCHWOB

A arte é completamente o contrário das idéias gerais; só descreve o individual, só propende para o único. Em vez de classificar, desclassifica.

★

As idéias dos grandes homens são o patrimônio comum da humanidade: a única coisa realmente privativa, dêles, são suas singularidades.

★

O pintor Hokusai esperava chegar, quando tivesse cento e dez anos, ao ideal de sua arte. Naquele momento, dizia, cada ponto, cada linha traçada por seu pincel estariam cheios de vida, viveriam por si mesmos.

★

A arte do biógrafo consistiria em dar à vida de um mísero funâmbulo valor igual à do próprio Shakespeare.

★

As doze cidades da Jônia proibiram, sob pena de morte, transmitir o nome de Eróstrato às idades futuras. Mas o cochicho o fêz chegar até nós.

★

Embora conhecendo exatamente a tristeza e o amor e a morte, continuou chorando, e desejando o amor, e temendo a morte.

★

Petrônio esqueceu completamente a arte de escrever, desde que viveu a vida que havia imaginado.



ILUSTRAÇÃO DE OSVALDO GOELDI — Citamos há dias, como um dos valores da edição das Obras Completas de Dostoievski, as ilusrações de Osvaldo Goeldi. Aqui está uma dessas ilustrações, uma xilogravura para "Recordações da Casa dos Mortos"

FORA DO PRELO

TRAGÉDIAS DE SHAKESPEARE

Sem dúvida alguma, devemos ao "Hamlet" do Teatro do Estudante, a Pascoal Carlos Magno, a Sérgio Cardoso e a Maria Fernanda Meireles Corrêa Dias — esta volta a Shakespeare. Sim, porque há uma grande procura de Shakespeare, atualmente. Estamos informados de que o "Cisne de Avon" é um dos autores mais lidos do momento. Entre os livros do dia, ainda com tinta fresca, vemos, nas vitrinas e nos balcões, as obras e as biografias de Shakespeare, no original, em traduções, em condensados, nos contos de Charles e Mary Lamb, em críticas, estudos, etc., etc.

Por tudo isto, bem haja a Livraria Martins Editôra e ao poeta Oliveira Ribeiro Neto, que nos deram, em tradução esmerada e excelente apresentação gráfica, três tragédias de "Master" Shakespeare: "Romeu e Julieta", "Hamlet" e "Macbeth". Aconselho o volume aos muitos interessados no movimento shakespeariano do momento.

NO EXÍLIO

Não sei se Elisa Lispector é de antes ou depois de Clarice Lispector. De qualquer forma, a romancista de "O lustre" (Clarice) teve uma grande imprensa para seus dois livros — o citado e "Perto do coração selvagem" — o que, de certa maneira, vai atrapalhar um pouco a popularidade dêste "No exílio", de Elisa Lispector, lançado por Pongetti. Nesta notícia falamos no caso para prevenir o leitor a respeito: tendo gostado ou não dos livros de Clarice Lispector, fique certo de que esta é outra Lispector. Elisa, muito diferente de Clarice, e que "No exílio" é um bom e firme romance, com uma história humana, escrito num estilo cotidiano, simpático e agradável.

VIDA DE JULIO VERNE

Para quantos inundaram sua adolescência com as maravilhas vernianas, com os seus mundos maravilhosos, é gratíssima esta biografia de George H. Waltz Jr., com um prefácio de André Siegfried, cuja tradução cuidada, enriquecida de notas, feita por José Regueira Costa, José Olímpio editou.

Aqui encontramos vivo o homem e o escritor agudo. Esta é a biografia de um gênio, no seu destino, nas suas relações humanas e nos seus dons proféticos. Justo que todos conheçamos Julio Verne: estamos vivendo, agora, aquilo que êle sonhou. De certa forma, somos criaturas de seu gênio, manejando suas invenções.

AFINIDADES ELETIVAS

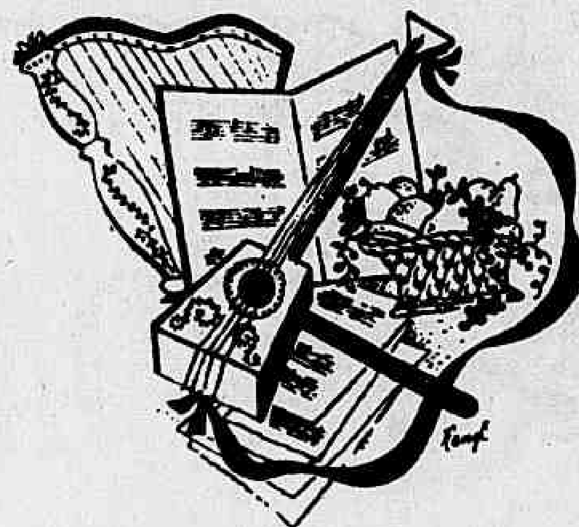
Outra obra clássica, indispensável, apareceu em edição Pongetti, na coleção "As 100 Obras Primas da Literatura Universal": "Afinidades Eletivas", de Goethe. Livro importantíssimo. Um pensamento do "diário" de Otília, personagem: "A convivência com as senhoras é a base dos bons costumes". A tradução é de Conceição Sotto Maior.

FREUD DESMASCARADO

Coincidiu com a morte de Emil Ludwig o aparecimento entre nós de um dos seus mais discutidos trabalhos: "Freud desmascarado", que Almir de Andrade traduziu para José Olímpio. Estão de parabens quantos se interessam pelo mestre de Viena, pois Ludwig analisa o freudismo de um ponto de vista leigo e, com aquêle admirável equilíbrio de julgamento de tôda sua obra, faz uma aferição rigorosa do homem e da doutrina, apresentando um livro de extraordinário interêsse.

ÓLEO PARA AS LÂMPADAS DA CHINA

De todos os livros que por último se publicaram sôbre a China, êste "Óleo para as lâmpadas da China", de Alice Tisdale Hobart — edição Pongetti — é, sem dúvida, o mais fascinante. Adotando a forma do romance, a autora nos dá a paisagem oriental e o espírito do povo chinês, num estilo claro e harmonioso que convém admiràvelmente ao assunto.



ELEGIA DIURNA

"Elegia diurna" não nos apresenta apenas mais um poeta moderno. José Paulo Moreira da Fonseca se estréia realmente com grande fôrça lírica, com uma riqueza de material que talvez sua preocupação de forma — êsse néo-parnasianismo que só alguns grandes poetas do modernismo puderam vencer e que foi o tom preferido da maioria, por contraste fácil com a exuberância romântica, com o verbalismo parnasiano e a imaginística simbolista — esteja tolhendo um pouco o vôo livre de sua inspiração.

Há certa preocupação de secura "drumondiana", aqui, que nos parece estranha ao poeta. E certo hermetismo de expressões que nos falam mais de influências exteriores — Valery, Rilke, Schmidt, Murilo Mendes, por exemplo — do que do próprio poeta e desta tantas vêzes emocionante e bela "Elegia diurna", com seus cânticos de estranha emoção, de rara pureza, cheios de uma clara luz geométrica e harmoniosa música — número e melodia.





CLEVELÂNDIA. Vila ou povoado que serviu de «campo de concentração» no govêrno Artur Bernardes. Hoje pertence ao município de Oiapoque, no Território de Amapá. Situada na foz-estuário do rio Oiapoque, ao sul das Guianas. O local que aparece na foto é chamado pelos moradores, de «Sibéria». Era aí a «estação de repouso» dos exilados políticos em 1924

A VERDADE SÔBRE A CLEVELÂNDIA

UMA VIDA QUE FALA DE MUITOS DESTINOS ★ OS MORTOS NÃO CABIAM NAS VALAS ★ UM "MORTO" PEDIU ÁGUA NA HORA DE SER ENTERRADO ★ FAZEDORES DE COVAS ★ O DEPUTADO ARTUR BERNARDES ESTARÁ REDIMIDO? ★ UMA FRASE QUE TERIA SIDO PRONUNCIADA PELO EX-PRESIDENTE DO BRASIL

Reportagem de GERALDO PALMEIRA

MUITO se tem falado da Clevelândia, o inferno do govêrno Bernardes, para uns, e paraíso para outros. Pouco, entretanto, se tem escrito sôbre essa vila que fica no extremo Norte do Brasil, à margem direita do rio Oiapoque. Seu nome vivia apagado em nossas cartas geográficas e nossos compêndios de história, nem mesmo na época da questão da Guiana êsse pedaço de nossa Pátria figurou na disputa que travamos com os franceses. Em 1924, no entanto, depois de duas fracassadas revoluções, Bernardes instituiu ali o que modernamente se chama "Campo de Concentração". Há quem diga que foi sugestão de Miguel Calmon, nesse tempo, ministro de Agricultura, que surgiu a Clevelândia, localizada no extremo norte da Pátria.

UMA VILA QUE FALA DE MUITOS DESTINOS

Sente-se, como resultado de ambiente adrede preparado, ou por outra qualquer sugestão, quando se chega a Clevelândia, algo que fala de muitos destinos, de indivíduos tragados pelas endemias, devorados pela nostalgia do ambiente, lugar longínquo demais e de onde não se tem esperança de regresso.

Nesse tempo Clevelândia era sinônimo de "Ilha do Diabo", terra da maldição e do pavor. Encravada à margem do Oiapoque, afastada de sua foz, sem comunicação por terra para qualquer outra parte, uma vez que a selva, impenetrável, desafiava a tenacidade dos homens, servindo de túmulo para os que tentassem atravessá-la, infundia terror o ouvir-se pronunciar o seu nome.

Hoje, com a campanha de saneamento dessa região, que passou a Território, estão desaparecendo as febres palustres; no entanto, ainda paira no ar a lembrança da morte de centenas de bravos que desapareceram lutando por um ideal.

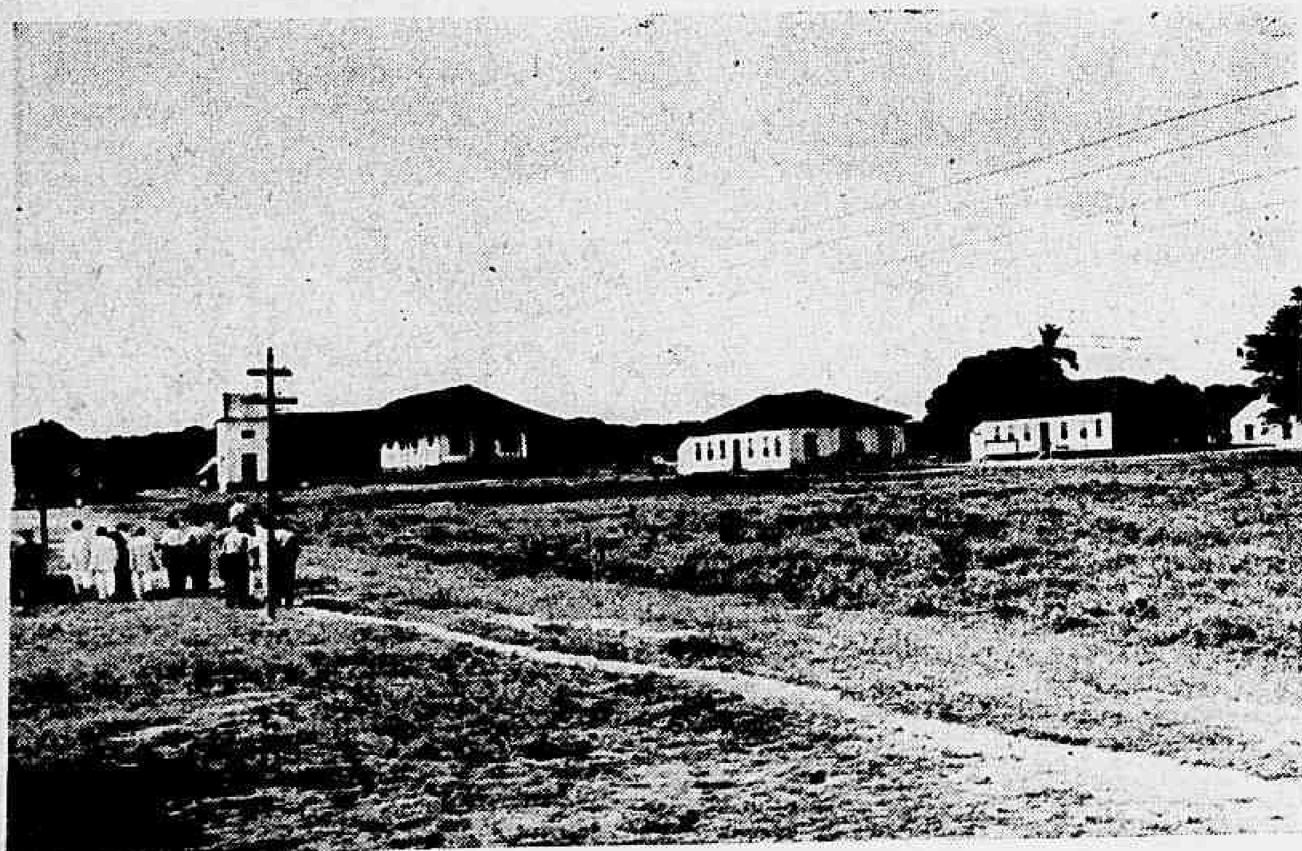
Nessa nesga de terra, cujo cemitério o mato escondeu, ainda perduram as cenas de exílio dos políticos atingidos pela punição do govêrno contra o qual lutavam.

A IRONIA DO DESTINO

Ao chegarmos a Clevelândia, juntamente com a caravana de Parlamentares, encontramos o primeiro-tenente Dorival Gonçalves de Araújo, um dos que, a bordo do navio Cuiabá, em 1925, como terceiro sargento, fizeram parte da escolta que conduziu os revoltos e os mais baixos criminosos que o Rio possuía, com destino àqueles confins.

Falando ao repórter, disse:

— "Não tenho muita lembrança dêsses fatos; entretanto, fiz parte da escolta que conduziu perto de 1.200 prisioneiros a bordo do vapor "Cuiabá". Não chegamos até Clevelândia; à bôca do rio Oiapoque



PARA GUARDAR êsse longínquo pedaço de nossa terra, relegado agora ao seu triste destino, está lá sediado o 3.º B.T.I.. E' um aspecto de seus alojamentos o flagrante acima



PELOTÃO DE TAMBORES e Corneteiros do 3.º B.T.I.. Heróis anônimos da defesa dos limites do nosso território. O desprendimento dêsses soldados, a história não registra.

alguns pequenos navios fizeram o transporte dos prisioneiros."

BOM TRATAMENTO

Interrogamos sôbre o tratamento a bordo, tendo nos dado a seguinte resposta:

— Foi bom. Creio que não poderia ser melhor."

O ACUSO

Para o jornalista a verdade precisa ser cristalizada, passar por vários crivos. Depois tiramos a média, ou deixamo-la ao público. Pelas opiniões que aqui registramos o leitor verá que há muita contradição. Não podemos, adiantamos de antemão, acreditar que num navio, como o "Cuiabá", 1.200 pessoas, seguramente, tenham recebido o tratamento a que acima se refere o tenente Dorival Gonçalves. Pode, também, haver exagêro nas acusações; é outra coisa que não duvidamos.

Agora cedemos a palavra à velha Raimunda de Jesus Ferreira, considerada a mais antiga moradora do município do Oiapoque. Vive na região desde 1900, antes da demarcação, acertando nossas linhas fronteiriças.

Eis as suas declarações:

— "Muita gente morreu ao desembarcar; outros, segundo ouvi da bôca dos próprios deportados, morreram na longa viagem. A morte rondou durante muito tempo as terras de Clevelândia. Dias amargos e negros êsses homens passaram. Hoje temos o avião e quase mensalmente vem um barco até aqui. Temos médico, rádio e outras coisas. Calcule o que seria Clevelândia há 20 anos atrás. Hoje temos uma estrada de rodagem ligando essa localidade à sede do município; naquela época a única comunicação era o rio; tentar atravessar a floresta era verdadeiro suicídio."

FORAM BEM TRATADOS

Em seguida procuramos ouvir a palavra do coronel Fernando de Souza Guarani, pessoa há muito radicada no Oiapoque e que serviu de farmacêutico aos prisioneiros.

Disse-nos, entre outras coisas, o seguinte:

— "Servi de farmacêutico aos prisioneiros. Em Clevelândia foram bem tratados. A mortalidade foi devido à longa viagem. Ao desembarcarem morriam aos montes, de amebiana e disenteria."

TINHAM SALÁRIO

Continuando exclama:

— "Os indesejáveis, ladrões, criminosos, etc., que acompanharam os revolucionários percebiam salário de quatro mil réis, naquela época; os prisioneiros politicos, dois mil réis, com direito à alimentação, casa e roupa."

BEBIAM ÁGUA MINERAL

Falamos ainda com o sr. Hipólito Cabral, outro velho habitante dessa região, que assim se expressou:

— "Passaram muito bem. Até água mineral tomavam. Tive um amigo que teve um filho metido numa revolução, se não me engano isso foi no ano de 1935. Seu pai me contou horrores, coisas que cortam o coração. Êle que também assitiu ao tratamento que foi dado aos revolucionários de 1924, sempre exclamava:

— "Aqui ninguém torturava os prisioneiros, entretanto, meu filho está inutilizado com o que sofreu nas prisões do Rio de Janeiro."

Terminou ponderando:

— "Bernardes, dessa maneira está redimido do crime da Clevelândia, ou dos que cometeram em seu nome."

SEPULTAVAM GENTE VIVA

Deixamos para o fim a palavra de um dos sobreviventes da Clevelândia:

São estas as suas declarações:

— "Só os idiotas ou os acostumados a deturparem a verdade é que poderão dizer que passamos, em Clevelândia, uma vida de principes. Olhemos para o passado, coisa aliás que não desejava reviver, uma vez que um dia a história há de registrar os fatos como êles se passaram.

Como poderiamos desfrutar, na Clevelândia o confôrto que alegam nos foram dados, quando ali, naquela época, a febre e outras endemias imperavam, matando diàriamente, e os recursos, no que diz respeito à malária, estavam atrasadissimos?

Basta dizer que enterravam até gente viva. Um dia, lembro-me muito bem, um sargento foi dado como morto; não cabendo na vala comum, foi jogado de lado;

(Cont. na pág. 48)



CIDADE DE OIAPOQUE, sede do Município do mesmo nome tão diferente do aspecto que possuía na época bernardista, e por onde passaram os revolucionários internados em Clevelândia, situada mais acima, no rio Oiapoque. Durante muitos anos, serviu de «pivot»



às nossas lutas diplomáticas e hoje serve de linha divisória entre o nosso país e a Guiana francesa. A história do Oiapoque foi bastante agitada durante o Contestato.. Vê-se a bandeira brasileira no topo do marco, que indica onde começam os limites do Brasil.



EU AMAVA OUTRO HOMEM







— Êle não é nenhum "errado", nem parasita. E' pessoa direita e tem inteligência para progredir em negócios. Mais do que você! Você será sempre chofer durante tôda a sua vida, como meu pai foi carpinteiro, obrigando minha mãe a envelhecer antes do tempo.

Pensei em defender-me dos beijos de Sydney, pois odiava isso sempre que me lembrava dos lábios de Tim.







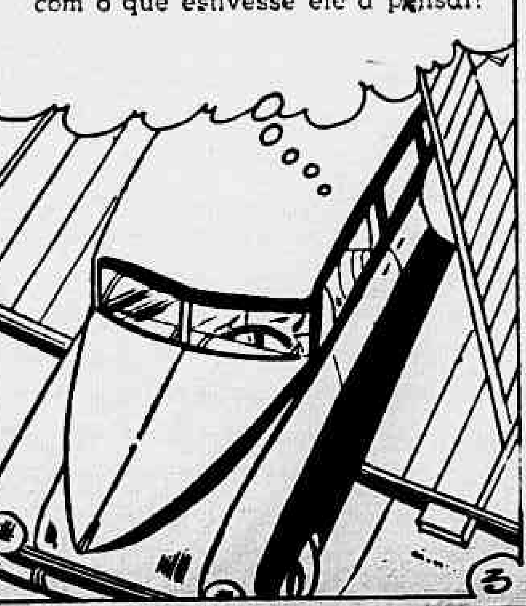
Tim me bateu. Adoeci de vergonha! Mas chispou antes que eu me refizesse da surprêsa.



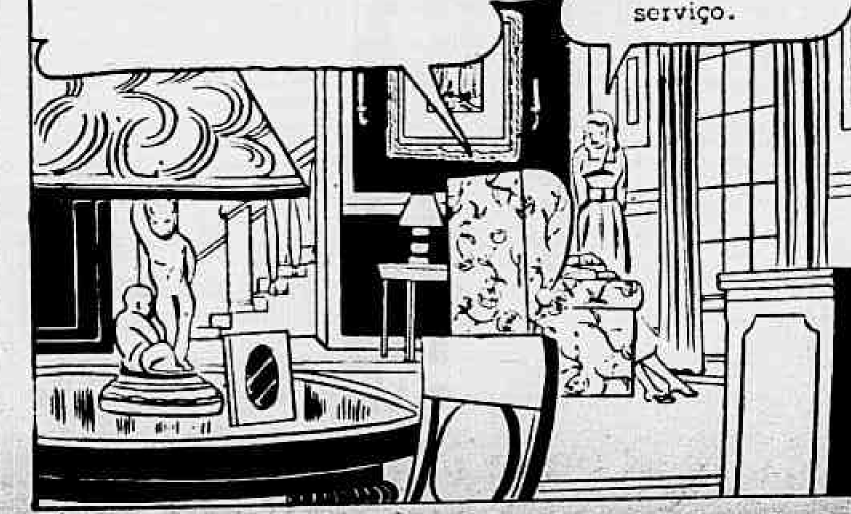














SHANON SE ARREPENDERÁ DÊSSE CASAMENTO? NÃO ESTARÁ ELA CAÍNDO NUMA CILADA?

Tudo isto Aconteceu



PASSAGEIROS PARA A LUA

COM as recentes opiniões de sábios dos Estados Unidos, França e outros países super-civilizados, a humanidade que habita êste planeta desmiolado vai desaparecer mui brevemente, quando se proceder à explosão de uma só bomba de hidrogênio.

Os cientistas de mais fértil imaginação chegam mesmo a descrever o drama trágico: a bomba estoura numa cidade inimiga; os gases se alastram com a rapidez da luz, isto é, a trezentos mil quilômetros por segundo, incendiando tôda a atmosfera respirável onde há oxigênio; a humanidade inteira será impotente para apagar o fogo que devora tudo em segundos, inclusive todos os corpos de bombeiros da face da Terra. Segundos depois, a superfície dêste mundo louco estará calcinada, todos os sêres viventes dos reinos ora existentes — protistas, vegetais, animais e super-animais (o homem e sua família) — tudo reduzido a cinzas, passando o mundo a girar como imenso cemitério ao redor do sol e do seu próprio eixo, também queimado...

Mas como antes de ser carbonizado ou liquidado por asfixia, o homem continua a ter imaginação salvadora, surgiu nos Estados Unidos, na grande Nova York, um cidadão que teve essa idéia genial: organizar imediatamente uma Agência de Viagens interplanetárias com passagem de ida, exclusivamente, para a Lua, Marte e Vênus, a fim de que os que dispõem de recursos possam escapar à destruição total. O caso é tentador. Se uma pessoa dispõe de milhões de dólares, palácios, iates, bancos e fábricas, automóveis e aviões particulares agora, daqui a pouco nada terá se ficar aqui. Logo... E os pedidos de reservas de passagens choveram. O agente interplanetário enriqueceu de um dia para outro, enquanto os futuros habitantes de Vênus, Marte e Lua olham o brilho das estrêlas e nem desconfiam de que já estão no mundo da lua...

MURROS E BEIJOS

QUANDO dois pugilistas sobem ao ring para medir fôrças, ninguém pode esperar que terminem aos beijos, como qualquer namorado nos braços de sua eleita. E' mesmo paradoxal. Murro é murro. Mas os franceses, mesmo os lutadores de box, têm lá sua teoria um tanto esquisita em face dos homens de outros países. Ou melhor: do resto do mundo.

Veja-se o que aconteceu em Filadelfia há poucos dias. No tablado do ring local deveria travar-se a terrível luta de box entre dois campeões de pêso-médio: Robert Villemain, francês, e o negro norte-americano Otis Graham, em dez rounds. O povo aficionado a essa demonstração de fôrça física, tática de tabefes com luvas de couro e agilidade de gorilas em fúria, acorreu em massa pâra o local do espetáculo. Quem venceria? O francês trazia muita fama, era hábil na arte de socar a cara dos contendores e sua trajetória se recomendava por várias vitórias; o norte-americano, um negro topetudo, de bons pulsos e mão larga na arte de dar nas ventas dos adversários, não era sopa.

Entre ambos balançavam as apostas do público. Quem venceria a pugna? Enfim, surgiu a noite da dúvida. A assistência era numerosa e entusiasta. Como se passava o torneio numa cidade norte-americana, era natural que a torcida pendesse para o nacional, deixando o francês com aclamações esparsas, de algum descendente dos gauleses. A luta foi séria. Os dois adversários trocaram murros violentos e suas caras inchavam sob a pressão das luvas em choque. A platéia vibrava de prazer e os estímulos eram ensurdecedores. Mas depois dos dez rounds o juiz se dirigiu para o francês e suspendeu-lhe o braço: vencedor por decisão. O negro não gostou; mas, para consolação, Villemain lhe deu um beijo na face!



A DOR ENSINA A GEMER

A dureza da vida é cada vez mais séria. Por êsse motivo muita gente imagina aumentar seus rendimentos, mesmo que lance mão de meios pouco lícitos. Vai daí e não são poucos os casos policiais nesta grande e terrível cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, destruindo ilusões, desfazendo castelos de areia, acabando casamentos, afligindo incautos, dando trabalho aos senhores comissários e investigadores. Muitas vêzes a gente conversa com pessoas do interior, especialmente do nordeste e sente que os que aqui chegam estranham o ar pouco amável dos cariocas em matéria de negócios. Para muitos o povo do Rio é hostil, não sente pena de ninguém, desconfia de tudo e de todos. Mas, caríssimo leitor, o motivo é apenas êste: o carioca já está cansado de ser furtado pelos sabidões, prejudicado por certos negócios vantajosos e que sempre terminam em complicações nos distritos policiais. Por isso, quando uma pessoa faz anúncios nos jornais, oferece certas mercadorias em condição atraente, quer vender terrenos, casas, rádios, etc., como não se vê nem na China, o carioca desconfia... Quando os bem intencionados surgem, são tomados como da mesma quadrilha dos meliantes. Mas, com uma prova de que tudo é verdade e é honesto, o carioca se abre, compra e fica freguês... Veja o leitor o que aconteceu com uma senhora enfermeira, de nacionalidade portuguêsa. Ganhando pouco, planejou arranjar para outros, emprêgos públicos. Mas, infelizmente, os que se candidataram, continuavam ansiosos pelo bom lugar. E nada. Um dia... Um dia a casa cai, diz o ditado velho como o chão. E caiu em cima da pobre Elza Fernandes Sotto Maior Nunes da Fonseca...



A PRINCESA ELIZABETH INSPECIONA MALTA Apesar de estar esperando para breve mais um principezinho, a princesa Elizabeth não deixa de cumprir com seus deveres de sucessora ao trono do maior império que sôbre a terra existe: o britânico. Deveres êsses mais próprios para homens do que para princesas. Ainda persiste a idéia propalada pelas lendas sôbre a fragilidade dessas criaturinhas. Com Elizabeth porém dá-se o contrário. Recebeu durante a guerra uma educação masculinizada para poder enfrentar depois os pesados encargos do trono. Masculinizada e — o que é pior — militarizada. A herdeira inglêsa não reclama. Gosta dessa vida e é com o máximo prazer que cumpre com todos os programas oficiais. No princípio do mês visitou a ilha de Malta. Ei-la usando um conjunto verde-limão, tendo à esquerda o tenente-coronel J. Abela, MBE do 1.º Regimento de Costa; à direita, o tenente-coronel E. Salomana, OBE, do 2.º Regimento Antiaéreo, da Real Artilharia de Malta, seguido do major-general G. W. Heath, das Tropas GOC, e do governador Sir Gerald Greasy, enquanto inspecionava, em 3 de abril corrente, a Real Artilharia de Malta.



O FILHO DE CONAN DOYLE (à esquerda), em sua quinta de New-Forest, volta a pôr em evidência os duelos do tempo de rei Artur e propõe-se lançá-los como esporte em tôda a Europa. Aqui está na sala de armas junto com o capitão Ash, de armaduras, prontos para combate



O CAPITÃO ASH, antes do duelo, permite que o filho brinque com o copo da espada. Adrian Conan Doyle percorrerá a Europa para organizar espetáculos e comprar cavalos. Êle quer contrapor a antiga cavalaria e a ética da Idade Média ao materialismo e realismo da nossa atual sociedade



OS DUELOS, NA REALIDADE, não são perigosos e, conforme as regras da cavalaria, terminam sempre com um brinde regado a vinho. Da esquerda para a direita: Adrian Conan Doyle, sua espôsa, a senhora e o capitão Ash. Os cavaleiros bebem em autênticos cálices do século XV



O PARQUE DE NEW-FOREST reboa com o barulho do choque das espadas e das couraças. Aconteceu porém que uma cobra, talvez aborrecida com a novidade, mordeu o filho de Conan Doyle, que foi transportado com urgência ao hospital mais próximo para tomar a injeção antiofídica

¡E' PROIBIDO FUMAR



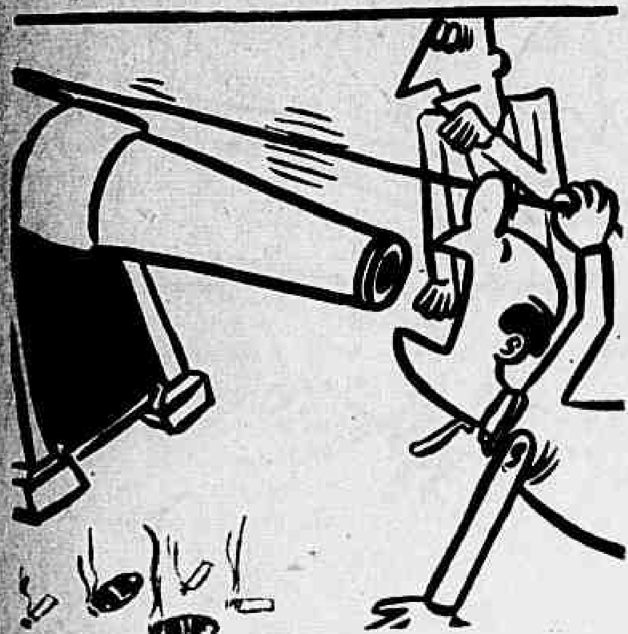
A existência de Famílias Reais é uma sobrevivência social e política de natureza divina que, aos poucos, se vai esfumando. Até antes da primeira grande guerra ainda havia monarquias absolutas, com Famílias Reais de direito divino, com as quais ninguém podia articular uma sílaba de censura... O país em que mais cedo e mais ràpidamente evolucionou o conceito de humanização da Família Real foi a Inglaterra. Seus reis e rainhas, príncipes e princesas, nobres e "lords", aristocratas e "seigneurs" donos de clãs em latifúndios imensos, passaram da era dos castelos feudais e do direito divino para a planície das coisas chãs e populares. Veja-se o atual rei da Inglaterra. E' até "trabalhista". Não se envolve na política, não nomeia "coordenadores" para confundir a marcha da civilização de sua pátria, respeita o operário que sobe a um banco em Hyde Park e censura o seu reinado. Olhemos a rainha. De uma simplicidade de camponesa, tem um sorriso de Madona de Rafael para todos, não gosta de exibições, é espôsa e mãe extremosa, vivendo para seu lar. O outro rei preferiu o amor de uma senhora não nobre, embora com a nobreza da cultura e da civilização, à coroa imperial britânica. Essas considerações nos vieram à mente em face da celeuma que se fêz na Inglaterra e em outros países do mundo acêrca do "crime" cometido pela princesa real Margaret Rose, ao fumar o seu cigarrinho em público. Essa jovem é um reflexo da liberalidade tradicional e sempre crescente da evolução humana da Família Real Inglêsa. Apareceu numa festa no Hotel Derchester pitando o seu "cigarretto"; depois, novamente em público, fumou outro. Censuraram-na. Por quê? Que mal faz um cigarrinho nos lábios de uma princesa? Só é feio se fôr no cinema... Menos no Brasil, é claro!

OBRAS DE PACIÊNCIA

HÁ quem cite como obra de paciência indescritível aquêle carocinho de arroz no qual um chinês escreveu poemas... Pacientes também são aquêles outros orientais que ganhavam (talvez ainda ganhem se não morreram ainda) dinheiro apresentando pulgas adestradas em teatros... Há em nosso Museu Histórico várias obras de paciência, inclusive uma que nos veio do Japão, representando um navio todo de marfim, com cêrca de um metro de tamanho e que pertenceu a D. Pedro I, quando era criança e gostava de brincar com essas coisas. Agora, porém, surgiu uma obra de paciência lá em Milão, na Itália, a qual, embora não seja para brinquedo ou diversão do público, tem enorme valor artístico e religioso. Trata-se de enorme bolo que foi exposto na Feira daquela cidade e depois remetido ao Papa Pio XII.

O bolo que mede 120 centímetros de largura por 86 de altura, reproduz em miniatura a basílica de S. Pedro e é uma notabilíssima obra de arte culinária. A notícia veio até nós através do serviço de informação da Keystone para um dos nossos vespertinos, mas não continha o nome do doceiro milanês que tanto talento possui. O grande bolo é de chocolate e outros ingredientes, temperado com esmêro e dentro da mais perfeito proporcionalidade. Levou o operário nada menos de sessenta dias de trabalho na confecção do imenso bolo. Além do vulto imponente e majestoso da basílica pròpriamente dita, há à sua frente aquela conhecida praça em círculo, com as colunas e a fonte,

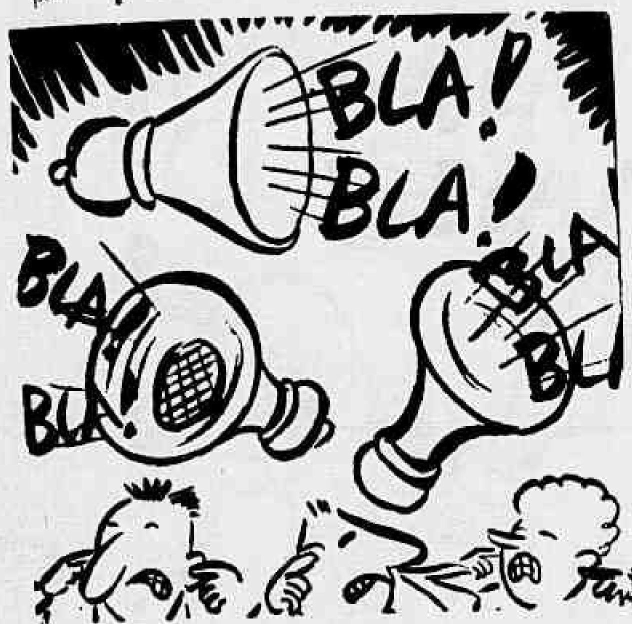
ORIGINAL SUICÍDIO



REGISTRAM AS CRÔNICAS aí por êsse mundo diversos processos de suicídio, mais ou menos originais. Nesta mesma seção já nos ocupamos de alguns; como, porém, a inventiva de auto-destruição é fértil no espírito humano (ou desumano...), continuam a vir a público outros exemplares de suicídio que fogem à regra comum. Já houve quem procurasse morrer engulindo um garfo sem qualquer coisa na ponta para justificar tamanha gulodice; já apareceu quem procurasse matar-se desafiando leões de circo; já houve quem desejasse acabar com o molambinho de vida atirando-se da cumieira da basílica de S. Pedro em Roma. Todos êsses fatos realizados ou frustros pela intervenção de espectadores ou detidos pela natural covardia dos seus executores, só vivem o dia de seu aparecimento. São esquecidos logo no dia seguinte.

Se com êstes, mais ou menos sensacionais, o esquecimento é imediato, que não **sucederá com os suicídios vulgares e antipáticos da ingestão de formicida, de iodo, de secionamento dos pulsos? Uma amolação para as autoridades policiais e despêsa para a família. São muito raros os suicídios que ficaram na História, transmitidos através de gerações e gerações, por todos os séculos. Assim foi o de Cleopatra, o de Judas, o suicídio forçado de Sócrates e alguns mais. As víboras venenosas de Cleopatra entraram, com ela, nas páginas da História e servem de imagens e simbolismos; Judas, mordido pela consciência, arrependido da traição a Cirsto, morreu no galho da figueira, e Sócrates bebe a cicuta estòicamente. Mas há um suicídio pitoresco agora. O advogado Vaughan, de Boston, homem rico, diretor de bancos e de emprêsas prósperas, decidiu morrer. E, dentre várias receitas, escolheu esta ainda inédita: disparou um canhão na boca!**

ANTI-PEDAGÓGICOS



ISTO sucedeu em S. João de Meriti. Essa localidade fica limítrofe ao Distrito Federal, vizinha a Caxias, e de quando em quando figura no noticiário de nossos jornais. S. João de Meriti é uma cidade movimentada, progressista, com um povo laborioso, sempre entregue aos seus trabalhos na luta pela vida. Povo de operários, gente de proles numerosas, dispostos a povoar o Brasil, mesmo com tôdas as dificuldades. Patriotismo, enfim.

Sucede, porém, que uns senhores também ali residentes acharam que um bom serviço de alto-falantes poderia contribuir para o sucesso de seus negócios e instalaram essas bôcas gritadoras em vários pontos da cidade.

Acontece ainda que em vários dêsses locais onde foram instalados os alto-falantes há escolas e o som metálico, estridente e incômodo dêsses aparelhos que irritam e de nada servem, perturba o curso escolar, azucrina os professôres, distrai os estudantes, amola a paciência de todos os que precisam de silêncio e pausas para meditação.

Por êsse motiv. a Câmara Municipal de S. João de Me.... votou uma lei justa, proibindo o funcionamento dêsses alto-falantes, durante o tempo em que estivessem funcionando as aulas com centenas de crianças.

Mas os proprietários dêsses serviços não querem saber de pedagogias nem de escolas. Com êles é só no lucro, e êsses gritos estéricos da eletricidade mecânica dão bons resultados. E lá se foi para a Justiça um mandado de segurança. E os bichos continuaram a berrar incomodando os escolares, mestres e vizinhanças. Volta o caso à baila com uma abaixo-assinado com 400 reclamadores que pedem seja respeitada a lei municipal. Mas o berreiro não cessa!

ESTRANHO SUICÍDIO



NÃO é sòmente no Brasil que lavra a praga de suicídios por motivos fúteis ou não. Nos Estados Unidos a epidemia faz suas vítimas, muitas vêzes de maneira surpreendente e inesperada. Está neste caso o suicídio do diretor de rádio Hugh Ernst, encontrado morto nos seus aposentos do Hotel Westbury, de Nova York. Mr. Ernst dava a aparência de ser um homem feliz. O que mais lhe trouxe certa melancolia foi o divórcio de sua linda espôsa, a atriz Betty Furness; mas isso mesmo foi coisa passageira. Não que êle esquecesse a ex-espôsa, mas pelo simples motivo de ter-se unido novamente a ela vinte e um dias depois da separação em Las Vegas onde novamente se casaram...

Desta forma, se o divórcio lhe trouxera tristezas, a separação foi muito curta, 21 dias, e ambos, comparecendo àquela cidade, voltaram a ser marido e mulher. Seu primeiro casamento com Betty Furness foi em 1945, durando a união cêrca de quinze meses. Em Las Vegas se separaram judicialmente. Betty continuou seu destino e Mr. Ernst o seu. Ambos, porém, ficaram com saudades mútuas, e quando os separados passam a suspirar e a sonhar com o seu amor despedaçado, na certa Cupido anda traçando sua tarrafa para apanhar os incautos de jeito. Tarrafa ou setas envenenadas com o curare do amor, o que vem a dar no mesmo. Mr.

Ernst foi a Las Vegas e lá encontrou a
ex-espôsa. Casaram-se e voltaram a ser
felizes. Mas (em história de amor há sem-
pre a antipática adversativa), por artes
do Canhoto, os dois tornaram a brigar.
Briguinhas de nada, coisas e ciúmes, evi-
dentemente; mas brigaram mesmo e êle e
ela convencionaram separar-se definitiva-
mente. Então ela retomou o curso do palco
e êle... êle meteu uma bala na bôca e
morreu!

IMAGENS

A arte religiosa não admite trabalho nenhum que fuja à linha clássica e tradicional. Êsse critério se aplica especialmente em relação a Maria, Mãe de Jesus e a êste em qualquer de seus passos no caminho da glória ao sacrifício.

Há no interior do nosso país dezenas de "imaginários", isto é, pessoas que se dedicam ao trabalho de esculpir imagens de santos. Mas todos êles têm o maior cuidados de dar à fisionomia dos ícones um ar de santidade, de elevada inspiração, de beleza celestial. Êsse critério nos veio dos artistas plásticos da Europa, especialmente dos mestres da Renascença. Quem não se comove diante de uma Madona de Rafael? Êsse artista, considerado o maior dos pintores daquela etapa humana, especializou-se em pintar a imagem de Maria com Jesus pequenino, em diversas poses imaginárias, tôdas de grande beleza celestial. Não há pintor, escultor



ou modestos "imaginários" com bastante coragem de quebrar essa tradição do belo clássico na arte religiosa, não sòmente porque ao próprio espírito repugnaria essa revolução, como pelo fato de o povo repelir a nova concepção de Arte, tudo de acôrdo com os sentimentos religiosos da Igreja. Veja-se o que ocorreu com o templo da Pampulha, em Belo Horizonte, erguido para servir às invocações de S. Francisco de Assis. Imaginada a igreja pelo cérebro dêsse revolucionário da arte arquitetônica que se chama Niemeyer e decorado pelo pincel ainda mais revolucionário de Portinari, até hoje a igreja não foi consagrada. Estas considerações nos vieram ao espírito diante do que acaba de suceder na Inglaterra com a nova concepção da Virgem, trabalho do escultor Heinz Henghes, professor do Colégio Real de Artes daquele país. Uma comissão de clérigos ainda está discutindo se aprova ou não. Religião e Arte Moderna não se dão bem...



É dos Estados Unidos que nos chegam as mais extravagantes notícias, os mais originais filmes documentários e os fla-
grantes fotográficos que de fato atráem os olhares pela singularidade do assunto tratado. Por causa disso, chegamos
a lamentar existirem em nosso país, agências e instituições cuja finalidade seria a de fazer o registro de assuntos do
mesmo tipo, mas com relação exclusiva ao nosso meio, à nossa sociedade, à nossa vida, enfim. No entanto, somos
forçados a perguntar: será que não acontece nada de interessante em nosso imenso Brasil? E' pela falta de curiosidade dos
especializados «caçadores de curiosidades» que temos de lançar mão do material estrangeiro, cabendo o primeiro lugar, sem
dúvida alguma, às maluquices americanas. E' de uma dessas a foto acima. Uma pequena foca ficou órfã e foi entregue ao
aquário de San Francisco, na Califórnia. Aprendeu a dar os primeiros passos debaixo dágua, graças à dedicação de Bar-
bara Jansen, que pacientemente lhe substituiu os pais queridos. O pequeno animal foi batisado com o nome de Jorge e
tornou-se grande amigo de sua benfeitora. Agora, todos os dias, Barbara vai visitar seu amiguinho no fundo do aquário e
nunca esquece de levar-lhe algum petisco preferido. Numa dessas ocasiões o fotógrafo estava a postos e bateu o flagrante.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

O epílogo do «Truculent» (Luiz Canazio) 4/6
Os parlamentaristas do Sul (Cid Brasil) 13/15
O clube das gêmeas (Nelson Wainer) 19/21
Pássaros de fogo (Carlos Duarte) 24/33
A verdade sôbre a Clevelândia (Geraldo Palmeira) 52/53

LITERATURA

Almôço oferecido a um antropófago (Paulo Fábio) 3
Fôrça do destino (Alvaro Rosadas) 12
O arraial (Edson Kneipp) 22/25
Semana Literária (Edmundo Lys) 50/51

HUMORISMO

Filhas de Eva (Nicodemus) 34
Bom Humor 18

FEMININAS

Quatro modelos — A mulher que inventou o «it» (Lyse) 35
Dois chapeus e um penteado 36
Estampados modernos 37
Golas e decotes 38
Modelos de Paulette Goddard 39
Variações da moda 40
Conserve a sua beleza 41
Week-End na cozinha 42/43

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em revista — Personagem da semana 7
A saúde do Bebê (Dr. Saboia Ribeiro) 46
Música (Roberto Lyra Filho) 49
Puxe pelo cérebro 49
Tudo isto aconteceu 56/57

TEATRO

O Partido do Pimenta (Sabino Canalini) 8/11

CINEMA

Outro «Oscar» para Olivia de Havilland 16/17

FOLHETIM

Eu amava outro homem 54

FOTOS

Arnaldo Vieira
Adir Vieira
Keystone
Avulsas

ILUSTRAÇÃO

M. Queiroz

★

NOSSA CAPA

RITA HAYWORTH
(Columbia)

Puxe pelo cérebro

RESPOSTAS AO TESTE

1) — Do Imperador Nero
2) — Disenteria
3) — Ao governador Luís Vahia Monteiro, cognominado «O Onça» — (1725)
4) — Demência precoce
5) — Bahia, com cêrca de mil quilômetros
6) — Que tem mania de ser sábio
7) — Desaprovação do homenageado que mandou se aplicasse em escolas o dinheiro arrecadado na subscrição pública.
8) — Frei Vicente do Salvador (De 1506 a 1627)
9) — Frei Caneca, que não encontrou um só carrasco que o enforcasse, nem mesmo entre os presos da cadeia do Recife
10) — Dez mil
11) — São Lourenço, aldeia fundada por Araribóia
12) — Anorexia
13) — Ao general Baden Powell (inglês)
14) — Sambenito
15) — No Maranhão
16) — Insulina
17) — Dores na bôca do estômago
18) — Duas horas e um quarto
19) — Parte da Física que estuda os sons
20) — Quatro (branca, amarela, americana e a negra)

"BOA VIZINHANÇA" NOS TEATROS Uma das atividades humanas que sempre atraiu as atenções de todos, seja pela maneira "sui-generis" de contato com o público, pelo mundo irreal e fantástico que apresenta aos que nêle não tomam parte, por ser ainda uma das maiores manifestações do poder artístico das criaturas humanas, e por conservar para os leigos certa dose de segrêdo sôbre sua realização, é, sem dúvida alguma, o TEATRO. Dentre as várias modalidades em que se apresenta, a que mais de perto fala às massas, pela leveza do assunto, pelo acompanhamento musical, pelos números folclóricos, pelas evoluções coreográficas e principalmente pela presença de numerosas, belas e encantadoramente pouco vestidas "girls", é a revista musicada. Atualmente em nossos teatros há diversas peças dêsse gênero em cartaz. A nota interessante é fornecida justamente pelos conjuntos de "girls" contratados para os vários elencos. Vindas de diferentes países americanos, desde a Argentina até os Estados Unidos, exibem-se nos palcos cariocas, numa demonstração patente de sincera "política de boa-vizinhança", quem sabe talvez a mais eficiente para a união dos Estados irmãos. As duas "girls" acima, enquanto descansam entre uma seção e outra, e restauram as energias gastas, anunciam aos nossos leitores, para o próximo número, uma reportagem de autoria de Sabino Canalini e Arnaldo Vieira, amplamente documentada por fotografias em que se realçará a graça, a beleza e a plástica das "girls" das Américas.



Projeto e execução da
CASA NUNES

Mobiliários e Decorações

Orçamentos executados por técnicos-decoradores
ESPECIALIDADE EM

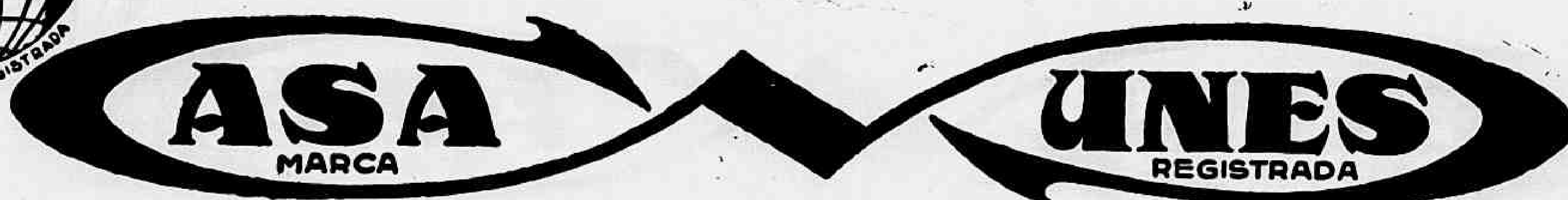
Grupos Estofados

PARA ENTREGA IMEDIATA

Tapetes e Passadeiras



de todo o mundo fabricados especialmente para a



65 RUA DA CARIOCA 67 ★ RIO

IMPORTAÇÃO DIRETA DE BONS ANIMAIS DE RAÇA E PURO SANGUE

COM PEDIGREE, DOS MAIS ACREDITADOS CRIADORES INGLÊSES E OUTROS

TOUROS E VACAS: JERSEY, GUERNSEY, HEREFORDS, SHORTHORN, DEVON, FRIZIA, NORMANDOS - desde Cr$ 20.000,00

CARNEIROS: ROMNEY MARSH, HAMPSHIRE RAMBOUEILLETS - desde Cr$ 6.000,00

CÃES: VEADEIROS, FOX, POINTERS, SEALYHAM TERRIERS, GALGOS, OVELHEIROS, SÃO BERNARDOS



JUMENTOS: ESPANHÓIS E MISSOURI

PORCOS: LARGE WHITE - LARGE BLACK YORKSHIRE - POLAND CHINA

CAVALOS DE CORRIDA: INGLÊSES E FRANCESES - Seguro de vida no Lloyds



DAMOS PREÇOS CIF PÔRTO BRASILEIRO

Fornecedores dos melhores criadores do Brasil

MIDDOWS LIMITED ★ 181 QUEEN VICTORIA ST. ★ LONDRES E. C. 4

CAIXA POSTAL, 3441 RIO DE JANEIRO

Casa fundada em 1895

FILIAIS: NA AUSTRÁLIA, NOVA ZELÂNDIA, ÍNDIA, EGITO, CANADÁ, ETC.